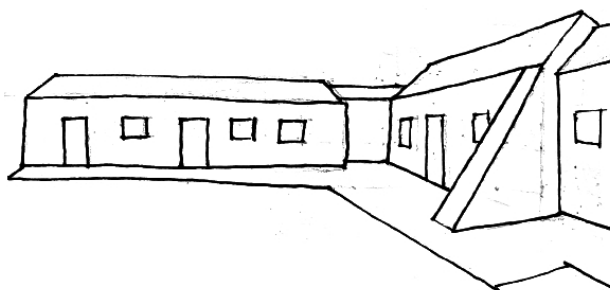


**O PROJETO DO LIMITE URBANO COMO CONSTRUÇÃO DE PAISAGEM**  
**O BAIRRO DE HABITAÇÃO E TURISMO EM PORTO COVO**



João Miguel Oliveira dos Santos

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

**Orientação científica:**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues  
Professora Doutora Maria da Graça dos Santos Antunes Moreira

**Júri:**

Presidente Doutora Alessia Allegri  
Vogal Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues  
Vogal Doutor João Miguel de Sousa Carvalho Ribeiro da Silva Leite

**DOCUMENTO DEFINITIVO**

Lisboa, FA ULisboa, Julho, 2023



**O PROJETO DO LIMITE URBANO COMO CONSTRUÇÃO DE PAISAGEM  
O BAIRRO DE HABITAÇÃO E TURISMO EM PORTO COVO**

João Miguel Oliveira dos Santos

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

**Orientação científica:**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues  
Professora Doutora Maria da Graça dos Santos Antunes Moreira

**Júri:**

Presidente Doutora Alessia Allegri  
Vogal Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues  
Vogal Doutor João Miguel de Sousa Carvalho Ribeiro da Silva Leite

**DOCUMENTO DEFINITIVO**

Lisboa, FA ULisboa, Julho, 2023

## *Agradecimentos*

Aos meus orientadores, Pedro Rodrigues e Maria da Graça, agradeço pelo acompanhamento, toda a disponibilidade revelado e transmissão de conhecimentos que enriqueceram o trabalho.

Aos meus amigos, agradeço pela amizade e companheirismo que tornaram todo o percurso mais agradável.

À Rita, agradeço por todo o apoio emocional, pelo incentivo e pela amizade que facilitou todo o processo.

Aos meus familiares, em particular à minha Mãe, agradeço pelo inestimável apoio e força que tornou tudo isto possível, a quem dedico este trabalho.

## Resumo

O projeto procura desenvolver Porto Covo de forma sustentável, respondendo às carências sociais, dinamizando a economia local através da valorização e preservação da Paisagem e Património.

A gentrificação e falta de habitação para os jovens é uma das problemáticas a responder. A valorização do mercado imobiliário é consequência do aumento da procura turística sentida no local, e uma barreira para a aquisição de um lar.

Pela construção de novos alojamentos para uso turístico pode, no entanto, ser uma potencialidade, se garantir a preservação dos recursos patrimoniais e paisagísticos

É no limite urbano da freguesia que se projeta um bairro para habitação e turismo que procura uma simbiose entre o efémero e o permanente. O bairro responde às carências habitacionais com o programa de habitação a custos controlados, conferindo também identidade e urbanidade ao local pela permanência. A construção do limite tira partido da sua posição privilegiada, definindo relações com a paisagem que acrescentem valor e sejam motor de desenvolvimento do turismo. Em paralelo, o bairro oferece novos espaços públicos que promovem o encontro entre moradores e turistas e articulam a zona histórica com o limite e porta do aglomerado.

### **PALAVRAS CHAVE**

Alojamento turístico | Habitação a Custos Controlados | Limite Urbano  
Paisagem sustentável | Porto Covo

## *Abstract*

The project aims to develop Porto Covo in a sustainable perspective, answering to its social needs, stimulating the local economy through the preservation and valorisation of its landscape and cultural heritage.

Gentrification and the lack of housing for young people is the main issue to address. The increase in tourist demand in the area has led to a rise in real estate prices, making it difficult for them to acquire a home.

However, the construction of new accommodation for tourism can be a potential solution if it ensures the preservation of heritage and landscape resources.

It's in the urban edge where is planned for both residential and tourism purposes, aiming for a symbiosis between the ephemeral and the permanent. This neighbourhood addresses housing needs through a program of affordable housing, while also providing identity and urbanity to the area. The construction of the boundary takes advantage of its privileged position, establishing connections with the landscape that add value and push tourism development. Additionally, the neighbourhood offers new public spaces that promote interaction between residents and tourists and links the historic area with the outskirts and new city gate.

### **KEY-WORDS**

Tourist Accommodation | Affordable Housing | Urban Edge  
Sustainable Landscape | Porto Covo

## Índice

Agradecimentos .....	IV
Resumo .....	V
Abstract .....	VI
Índice geral .....	VII
Índice de figuras .....	IX
1.Introdução .....	1
1.1.Enquadramento .....	2
1.2.Objetivos .....	3
1.3.Questões de trabalho .....	6
1.4.Metodologia .....	7
2.Habitação e Turismo .....	9
2.1.A habitação no século XXI .....	10
2.1.1.Sociedade e habitação .....	10
2.1.2.Estratégias para o habitar no século XXI .....	11
2.2.Desenvolvimento sustentável .....	13
2.2.1.Dimensão Social .....	13
2.2.1.1.Habitação de custos controlados em Portugal .....	13
2.2.1.2.A Habitação evolutiva como resposta ao tempo .....	15
2.2.2.Dimensão Económica .....	16
2.2.2.1.O Turismo como motor de desenvolvimento económico .....	16
2.2.3.Dimensão Ambiental .....	18
2.2.2.2.A Paisagem como instrumento para o planeamento .....	18
2.2.3.1.Património e identidade .....	19
2.2.3.2.A Construção em terra .....	21
2.3.A relação entre o turismo e a população local .....	22
3.Porto Covo .....	23
3.1.Do iluminismo pombalino á cidade jardim .....	24
3.1.1.Evolução da malha urbana (1950- atualidade) .....	25
3.2.Território e população .....	26
3.2.1.Equipamentos .....	26
3.2.2.Espaços públicos .....	27
3.2.3.Mobilidade e acessos .....	28
3.2.4.População .....	28
3.3.Identidade e Património .....	30
3.3.1.O edificado .....	30
3.3.1.1.A arquitetura vernacular alentejana .....	30
3.3.1.2.Outras referências urbanas locais .....	31
3.3.2.Modelos urbanísticos presentes no desenho urbano .....	32
3.3.2.1.Iluminismo pombalino .....	32
3.3.2.2.Cidade Jardim .....	32
4.Projetos de referência .....	33
4.1.Quinta da Malagueira - Álvaro Siza, Évora .....	34
4.2.Bairro Alto do moinho – Francisco Silva Dias, Lisboa .....	36
4.3.Ecork Hotel – José Carlos Cruz, Évora .....	38
4.4.Hostel rural - atelier Rua, Tavira .....	40
4.5.Kingo Houses – Jorn Utzon, Dinamarca .....	42
4.6.Belapur Housing – Charles Correa, India .....	44

5.0 projeto do Bairro em Porto Covo .....	47
5.1.0 lugar de Porto Covo .....	48
5.1.1. Proposta de intervenção urbana .....	48
5.2.0 bairro novo .....	54
5.2.1.0 lugar do bairro.....	54
5.2.2.0 projeto trabalhado com a envolvente .....	56
5.2.3. Mobilidade e acessos .....	60
5.2.4.0 espaço público do bairro .....	62
5.2.5.0 programa do bairro .....	66
5.2.6. Os espaços de transição entre o construído e a envolvente .....	76
5.2.7. A construção do limite como construção de paisagem .....	78
5.3. Os módulos habitacionais e turísticos.....	80
5.3.1.0 módulo base habitacional .....	80
5.3.2.0 módulo de Alojamento local.....	87
5.3.3. Materialidade e estrutura .....	90
6. Considerações finais.....	93
7. Bibliografia .....	95
8. Anexos.....	97
8.1. Plantas de ordenamento .....	107
8.2. Plantas históricas.....	111
8.3. Registros fotográficos do autor .....	113
8.4. Painéis seminários de apoio a Projeto.....	133
8.5. Esboços de trabalho .....	137
8.6. Registros fotográficos das maquetes do projeto final de mestrado .....	143
8.7. Apresentação gráfica do projeto final de mestrado.....	155

## Índice figuras

Figura 1. Praça Marquês de Pombal (cerca de 1960). Fonte: Arquitectura Popular em Portugal. <a href="https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167">https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167</a>	1
Figura 2. Organograma problemática Fonte: Organograma do autor, 2022	3
Figura 3. Praça Marquês de Pombal Fonte: Fotografia do autor, 2022	9
Figura 4. Esquema área e circunferência inscrita Fonte: Esquema do autor, 2023	11
Figura 5. Esquema instalação sanitária privada(suíte) vs compartilhada Fonte: Esquema do autor, 2023	11
Figura 6. Esquema instalação sanitária completa vs dividida Fonte: Esquema do autor, 2023	11
Figura 7. Esquema espaço trabalho nos quartos Fonte: Esquema do autor, 2023	11
Figura 8. Esquema espaço trabalho junto ao acesso Fonte: Esquema do autor, 2023	11
Figura 9. Esquema cozinha individualizada vs integrada com outros espaços Fonte: Esquema do autor, 2023	11
Figura 10. Esquema arrumos adequados á função/ diferentes posições Fonte: Esquema do autor, 2023	12
Figura 11. Esquema arrumos centralizados Fonte: Esquema do autor, 2023	12
Figura 12. Esquema funcionamento total no piso térreo Fonte: Esquema do autor, 2023	12
Figura 13. Áreas brutas máximas (Portaria n.º 281/2021) Fonte: Tabela adaptada da Portaria n.º 281/2021 das Infraestruturas e Habitação(2021) <a href="https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/281-2021-175336202">https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/281-2021-175336202</a>	14
Figura 14. Quinta Monroy - exemplo habitação evolutiva por extensão Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/10775/quinta-monroy-elemental">https://www.archdaily.com/10775/quinta-monroy-elemental</a>	15
Figura 15. Esquema extensão vertical/ horizontal Fonte: Esquema do autor, 2023	15
Figura 16. Esquema extensão através do encerramento de espaços (Quinta Monroy) Fonte: Esquema do autor, 2023	15
Figura 17. Esquema processo divisão de espaços Fonte: Esquema do autor, 2023	15
Figura 18. Esquema processo acabamento e complementação Fonte: Esquema do autor, 2023	15
Figura 19. Esquema processo adaptabilidade Fonte: Esquema do autor, 2023	15
Figura 20. Variação do nº dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico por Localização geográfica 2017-2023 (%) Fonte: Planta e gráfico do autor baseado no INE, 2023. <a href="https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&amp;xpgid=ine_indicadores&amp;indOcorrCod=0009808&amp;contexto=bd&amp;selTab=tab2&amp;xlang=pt">https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&amp;xpgid=ine_indicadores&amp;indOcorrCod=0009808&amp;contexto=bd&amp;selTab=tab2&amp;xlang=pt</a>	16
Figura 21. Esquema empreendimento turístico vs alojamento local Fonte: Esquema do autor, 2022	17
Figura 22. Esquema localização espécies arbóreas em função da situação ecológica. Fonte: Magalhães, Manuela (2001)	18
Figura 23. Esboço galeria ripícola Fonte: Esboço do autor, 2022.	18
Figura 24. Pichação em Barcelona "tourist go home!" Fonte: <a href="https://www.elmundo.es/sociedad/2017/08/14/598df44c46163f585c8b45b3.html">https://www.elmundo.es/sociedad/2017/08/14/598df44c46163f585c8b45b3.html</a>	22
Figura 25. Pormenor edifício da praça Marquês. Fonte: Fotografia do autor, 2022	23
Figura 26. Orto fotomapa do Concelho de Sines. Fonte: Adaptado do google earth, 2022	24
Figura 27. Orto fotomapa da freguesia de Porto Covo. Fonte: Adaptado do google earth, 2022	24
Figura 28. "Mapa da Configuração do terreno e Porto Covo que se pertêde Habitar, e Cultivar." Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, n.º 44. <a href="https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167">https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167</a>	24
Figura 29. "Planta da Nova Povoação de Porto Covo." Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, n.º 45. <a href="https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167">https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167</a>	24
Figura 30. Cronologia evolução Porto Covo de Herdade a Freguesia. Fonte: Linha cronológica do autor, 2022	24
Figura 31. Planta década 50 Fonte: Planta do autor, 2022	25
Figura 32. Planta década 70 Fonte: Planta do autor, 2022	25

Figura 33. Planta década 80	25
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 34. Planta década 90	25
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 35. Planta atual malha urbana	25
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 36. Praça Marquês Pombal e igreja.	26
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 37. Planta edificado existente - núcleo histórico	26
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 38. Vazio urbano - local de intervenção	26
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 39. Planta vazios urbanos - edificado loteado - edificado devoluto	26
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 40. Planta equipamentos	26
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 41. Praça Marquês de Pombal	27
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 42. Rua Vasco da Gama	27
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 43. Planta mobilidade exclusivamente pedonal - espaços públicos - espaços verdes lazer	27
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 44. Jardim público	27
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 45. Praça do Mercado municipal	27
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 46. Miradouro a sul do aglomerado	27
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 47. Espaço verde a norte do aglomerado	27
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 48. Planta mobilidade rodoviária   acessos	28
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 49. Gráfico evolução demográfica nos últimos 20 anos	28
Fonte: Planta e gráfico do autor baseado na informação do INE, 2023. <a href="https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&amp;xpgid=censos_ficheirosintese">https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&amp;xpgid=censos_ficheirosintese</a> <a href="https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=censos21_populacao&amp;xpid=CENSOS21">https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=censos21_populacao&amp;xpid=CENSOS21</a>	
Figura 50. Corte e planta Arquitetura vernacular alentejana	30
Fonte: Arquitectura Popular em Portugal. <a href="https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167">https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167</a>	
Figura 51. Esboço habitação exemplo em Porto Covo da Arquitetura vernacular alentejana	30
Fonte: Esboço do autor, 2022.	
Figura 52. Planta e Alçado Praça Marquês de Pombal	30
Fonte: Arquitectura Popular em Portugal. <a href="https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167">https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167</a>	
Figura 53. Habitação em Porto Covo	30
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 54. Pormenor alçado porta	31
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 55. Pormenor edifícios da praça Marquês de Pombal	31
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 56. Pormenor alçado janela	31
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 57. Fotografia pormenor pavimento praça	31
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 58. Pormenor muro	31
Fonte: Fotografia do autor, 2022	
Figura 59. Planta núcleo histórico	32
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 60. "Planta da Nova Povoação de Porto Covo."	32
Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, Coleção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, n.º 45. <a href="https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167">https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167</a>	
Figura 61. Planta composição de quarteirão com moradia unifamiliar	32
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 62. Planta quarteirões impasse	32
Fonte: Planta do autor, 2022	
Figura 63. Quinta da Malagueira, Évora	33
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza">https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza</a>	
Figura 64. Quinta da Malagueira	34
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza">https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza</a>	

Figura 65. Rua na quinta da Malagueira	34
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza">https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza</a>	
Figura 66. Plantas dos pisos térreos e primeiros pisos tipo A e B	34
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza">https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza</a>	
Figura 67. Cortes, plantas dos pisos térreos e primeiros pisos e alçados tipo A e B em quatro fases evolutivas	35
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza">https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza</a>	
Figura 68. Quinta da Malagueira - relação bairro com envolvente	35
Fonte: <a href="https://espacodearquitetura.com/projetos/bairro-da-malagueira/">https://espacodearquitetura.com/projetos/bairro-da-malagueira/</a>	
Figura 69. Fotografia Quinta da Malagueira	35
Fonte: <a href="https://espacodearquitetura.com/projetos/bairro-da-malagueira/">https://espacodearquitetura.com/projetos/bairro-da-malagueira/</a>	
Figura 70. Bairro Alto do moinho	36
Fonte: Imagem google earth, 2022.	
Figura 71. Ortofotomapa Bairro Alto do moinho - o desenho urbano radial.	36
Fonte: Imagem google earth, 2022.	
Figura 72. Pormenor espaço público do Alto do moinho	37
Fonte: Imagem google earth, 2022.	
Figura 73. Pormenor espaço público do Alto do moinho	37
Fonte: <a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=28225">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=28225</a>	
Figura 74. Pormenor espaço público do Alto do moinho	37
Fonte: <a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=28225">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=28225</a>	
Figura 75. Esboço espaço público do Alto do moinho	37
Fonte: Esboço do autor, 2022.	
Figura 76. Ecork hotel - relação pátio com envolvente	38
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz">https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz</a>	
Figura 77. Planta de implantação - relação módulos com núcleo	38
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz">https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz</a>	
Figura 78. Planta e alçados módulo base	38
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz">https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz</a>	
Figura 79. Ecork hotel - distribuição dos módulos	39
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz">https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz</a>	
Figura 80. Ecork hotel - Relação entre módulo alojamento e o pátio adjacente	39
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz">https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz</a>	
Figura 81. Ecork hotel - relação do núcleo com envolvente	39
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz">https://www.archdaily.com/462513/ecork-hotel-jose-carlos-cruz</a>	
Figura 82. Vista aérea hostel rural	40
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/948443/rural-hostel-atelier-rua">https://www.archdaily.com/948443/rural-hostel-atelier-rua</a>	
Figura 83. Planta implantação	40
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/948443/rural-hostel-atelier-rua">https://www.archdaily.com/948443/rural-hostel-atelier-rua</a>	
Figura 84. Espaço exterior hostel rural e a materialidade	41
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/948443/rural-hostel-atelier-rua">https://www.archdaily.com/948443/rural-hostel-atelier-rua</a>	
Figura 85. Relação módulo alojamento com o espaço exterior em pátio	41
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/948443/rural-hostel-atelier-rua">https://www.archdaily.com/948443/rural-hostel-atelier-rua</a>	
Figura 86. Pátio exterior - o impacto da luz entre a pérgola e vegetação	41
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/948443/rural-hostel-atelier-rua">https://www.archdaily.com/948443/rural-hostel-atelier-rua</a>	
Figura 87. Kingo Houses	42
Fonte: <a href="http://www.utzonphotos.com/guide-to-utzon/projects/kingohusene-helsingor/">http://www.utzonphotos.com/guide-to-utzon/projects/kingohusene-helsingor/</a>	
Figura 88. Esquema acesso viário diferenciado do acesso ao espaço público	42
Fonte: Esquema do autor, 2023.	
Figura 89. Plantas tipo A, B, C e D	42
Fonte: <a href="https://www.urbipedia.org/hoja/Casas_Kingo">https://www.urbipedia.org/hoja/Casas_Kingo</a>	
Figura 90. Kingo Houses - relação habitação com envolvente - acesso ao espaço público	43
Fonte: <a href="https://www.e-architect.com/denmark/kingo-houses">https://www.e-architect.com/denmark/kingo-houses</a>	
Figura 91. Kingo Houses - relação habitação com envolvente - acesso viário diferenciado do acesso ao espaço público	43
Fonte: <a href="https://www.e-architect.com/denmark/kingo-houses">https://www.e-architect.com/denmark/kingo-houses</a>	
Figura 92. Kingo Houses - relação habitação bairro com o rio	43
Fonte: <a href="https://www.e-architect.com/denmark/kingo-houses">https://www.e-architect.com/denmark/kingo-houses</a>	
Figura 93. Belapur housing - relação pátio de acesso e pátio privados	44
Fonte: <a href="https://www.re-thinkingthefuture.com/case-studies/a3735-belapur-housing-by-charles-correa-a-sense-of-home-and-community/">https://www.re-thinkingthefuture.com/case-studies/a3735-belapur-housing-by-charles-correa-a-sense-of-home-and-community/</a>	
Figura 94. Esquema sequência pátios do mais público ao mais privado	44
Fonte: Esquema do autor, 2023.	
Figura 95. Axonometria e planta tipologias	44
Fonte: <a href="https://www.re-thinkingthefuture.com/case-studies/a3735-belapur-housing-by-charles-correa-a-sense-of-home-and-community/">https://www.re-thinkingthefuture.com/case-studies/a3735-belapur-housing-by-charles-correa-a-sense-of-home-and-community/</a>	
Figura 96. Belapur housing - relação dos volumes	45
Fonte: <a href="https://www.architectural-review.com/essays/belapur-housing-in-navi-mumbai-india-by-charles-correa">https://www.architectural-review.com/essays/belapur-housing-in-navi-mumbai-india-by-charles-correa</a>	

Figura 97. Belapur housing - relação interior exterior	45
Fonte: <a href="https://www.architectural-review.com/essays/belapur-housing-in-navi-mumbai-india-by-charles-correa">https://www.architectural-review.com/essays/belapur-housing-in-navi-mumbai-india-by-charles-correa</a>	
Figura 98. O bairro	47
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023	
Figura 99. Plano de urbanização de Porto Covô	48
Fonte: <a href="https://www.sines.pt/pages/653">https://www.sines.pt/pages/653</a>	
Figura 100. Quadro análise dos aspetos positivos e negativos da proposta	48
Fonte: Tabela do autor, 2022.	
Figura 101. Planta acessibilidade atual e proposta	49
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 102. Planta atual e proposta dos eixos estruturantes e praças	49
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 103. Planta atual e proposta de usos e equipamentos	50
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 104. Planta atual e proposta espaço público e espaços verdes	50
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 105. Proposta de plano de urbanização de Porto Covô	52
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 106. Via de acesso à vila e limite da área de intervenção a oeste	54
Fonte: Fotografia do autor, 2023	
Figura 107. Área de intervenção	54
Fonte: Fotografia do autor, 2023	
Figura 108. Via de acesso à vila e limite da área de intervenção a oeste - vista sobre o mar	54
Fonte: Fotografia do autor, 2023	
Figura 109. Via que limita a área de intervenção a sul	54
Fonte: Fotografia do autor, 2023	
Figura 110. Ligação com percurso de ciclismo ao longo da costa	54
Fonte: Fotografia do autor, 2023	
Figura 111. Ligação do percurso arborizada que vem desde a centro histórico	55
Fonte: Fotografia do autor, 2023	
Figura 112. Ligação com percurso de ciclismo ao longo da costa	55
Fonte: Fotografia do autor, 2023	
Figura 113. Ligação espaço público envolvente e o local de intervenção	55
Fonte: Fotografia do autor, 2023	
Figura 114. Esquema desenvolvimento malha urbana - identificação dos limites	56
Fonte: Esquema do autor, 2023	
Figura 115. Esquema desenvolvimento malha urbana - ligações pretendidas	56
Fonte: Esquema do autor, 2023	
Figura 116. Fotografia rua Vasco da Gama e o mar no horizonte	56
Fonte: Fotografia do autor, 2023	
Figura 117. Planta análise inclinação do terreno área de intervenção 1:10000	56
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 118. Esquema desenvolvimento malha urbana - sistema vistas 1:10000	56
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 119. Esquema desenvolvimento malha urbana - adaptação ao terreno 1:10000	56
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 120. Esquemas desenvolvimento malha urbana - desalinhamento e priorização	57
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 121. Esquemas desenvolvimento malha urbana - eixo distribuidor e sistema de vistas	57
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 122. Planta implantação 1:2000	58
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 123. Planta mobilidade Kingo Houses	60
Fonte: Esquema do autor, 2023.	
Figura 124. Planta mobilidade e acessos 1:4000	60
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 125. Perspetiva da via principal que limita a sul a área de intervenção - local de estacionamento.	61
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023	
Figura 126. Perspetiva da via secundária que limita a este a área de intervenção - local de estacionamento.	61
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023	
Figura 127. Perspetiva da via secundária inserida no bairro - local de estacionamento.	61
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023	
Figura 128. Planta pavimentos 1:4000	62
Fonte: Planta do autor, 2023	
Figura 129. Corte sobre a linha de água 1:2000	62
Fonte: Corte do autor, 2023	
Figura 130. Perspetiva aérea sobre o espaço público adjacente à linha de água	63
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023	

Figura 131. Perspetiva aérea sobre o espaço público da frente ribeirinha Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	63
Figura 132. Perspetiva do espaço de recreio sobre o anfiteatro e o mar Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	63
Figura 133. Perspetiva do espaço de miradouro sobre o espaço de recreio e o mar Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	63
Figura 134. Perspetiva do espaço de anfiteatro junto à linha de água Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	64
Figura 135. Perspetiva do espaço adjacente à linha de água Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	64
Figura 136. Perspetiva do espaço de anfiteatro junto à linha de água Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	64
Figura 137. Perspetiva do espaço de miradouro sobre o espaço de recreio e o mar Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	64
Figura 138. Planta espaços públicos verdes 1:4000 Fonte: Planta do autor, 2023.	65
Figura 139. Esboço sobre miradouro, espaço verde livre, anfiteatro 1:1000 Fonte: Esboço do autor, 2023.	65
Figura 140. Esboço sobre miradouro, espaço verde livre, anfiteatro 1:1000 Fonte: Esboço do autor, 2023.	65
Figura 141. Corte sobre miradouro, espaço verde livre, anfiteatro 1:1000 Fonte: Corte do autor, 2023.	65
Figura 142. Perspetiva aérea do espaço de miradouro/muro que define o novo limite do aglomerado. Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	65
Figura 143. Planta de usos do bairro 1:4000 Fonte: Planta do autor, 2023.	66
Figura 144. Planta eixo comercial e praças 1:4000 Fonte: Planta do autor, 2023.	66
Figura 145. Ligação do percurso arborizada que vem desde a centro histórico com o novo bairro Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	67
Figura 146. Rua comercial que atravessa o bairro Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	67
Figura 147. Ligação do bairro com os percursos das praias e de ciclismo Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	67
Figura 148. Esboços praça da água Fonte: Esboço do autor, 2023.	68
Figura 149. Planta praça da água cota 22 1:1000 Fonte: Planta do autor, 2023.	68
Figura 150. Planta praça da água cota 19 1:1000 Fonte: Planta do autor, 2023.	68
Figura 151. Corte praça da água 1:1000 Fonte: Corte do autor, 2023.	68
Figura 152. A praça como transição do meio construído para o natural Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	69
Figura 153. Os espaços de esplanada e os espaços comerciais Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	69
Figura 154. O aproveitamento da linha de água para criar espaços de água públicos Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	69
Figura 155. Os espaços de estar em socacos adjacente ao espaço de água Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	69
Figura 156. Corte praça da água 1:1000 Fonte: Corte do autor, 2023.	70
Figura 157. Esboço praça dos jovens Fonte: Esboço do autor, 2023.	70
Figura 158. Planta praça dos jovens cota 22 1:1000 Fonte: Planta do autor, 2023.	70
Figura 159. Planta praça dos jovens cota 20 1:1000 Fonte: Planta do autor, 2023.	70
Figura 160. Corte praça dos jovens 1:1000 Fonte: Corte do autor, 2023.	70
Figura 161. A praça desenvolvida entre a rua comercial e a creche Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	71
Figura 162. O espaço infantil público da praça protegido pelo espaço contido Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	71
Figura 163. O acesso do eixo comercial ao espaço de esplanada sobre a creche Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	71
Figura 164. Esboço praça de referência Fonte: Esboço do autor, 2023.	72

Figura 165. Esboço praça do mercado	72
Fonte: Esboço do autor, 2023.	
Figura 166. Planta praça do mercado cota 22 1:1000	72
Fonte: Planta do autor, 2023.	
Figura 167. Corte praça do mercado 1:1000	72
Fonte: Corte do autor, 2023.	
Figura 168. O espaço contido da praça	72
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 169. O encerramento da via automóvel e a diferença de cota para a praça do mercado	73
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 170. A transição da praça do mercado para a praça da cultura	73
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 171. A transição da praça do mercado para a praça da cultura	73
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 172. Os espaços cobertos do mercado adjacentes á rua comercial	73
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 173. Esboço sobre a praça mercado	74
Fonte: Esboço do autor, 2023.	
Figura 174. Esboço sobre a praça e espaço publico	74
Fonte: Esboço do autor, 2023.	
Figura 175. Esboço transição praça para o espaço natural 1:1000	74
Fonte: Esboço do autor, 2023.	
Figura 176. Planta praça da cultura cota 21 1:1000	74
Fonte: Planta do autor, 2023.	
Figura 177. Corte praça da cultura 1:1000	74
Fonte: Corte do autor, 2023.	
Figura 178. Planta praça da cultura cota 18 1:1000	74
Fonte: Planta do autor, 2023.	
Figura 179. Corte praça da cultura 1:1000	74
Fonte: Corte do autor, 2023.	
Figura 180. O espaço do praça definido pela diferença de cotas da rua envolvente	75
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 181. Vista do interior de um dos espaços culturais da praça	75
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 182. Os espaços possíveis de sentar e os acessos em escada que vencem a diferença de cota	75
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 183. Os espaços possíveis de sentar quando haja dinamização de eventos	75
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 184. Planta e corte transição praças - espaço verde de recreio 1:1000	76
Fonte: Planta e corte do autor, 2023.	
Figura 185. A transição da praça de água para o meio natural incluindo mais espaços verdes	76
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 186. A transição da praça da cultura para o meio natural incluindo mais espaços verdes	76
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 187. Esboços de referências de espaços de transição - Bairro Alto Moinho	77
Fonte: Esboço do autor, 2022.	
Figura 188. Planta transição rua - espaço verde adjacente á linha água 1:500	77
Fonte: Planta do autor, 2023.	
Figura 189. Esboço módulo transição	77
Fonte: Esboço do autor, 2023.	
Figura 190. Corte pelo módulo transição rua - espaço verde adjacente á linha água 1:500	77
Fonte: Corte do autor, 2023.	
Figura 191. A transição das ruas orientadas a sul para o meio natural através de um módulo com espaços de estar protegidos em patamares	77
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 192. Esboços de referências de espaços de transição	77
Fonte: Esboço do autor, 2023.	
Figura 193. A transição das ruas orientadas a sul para o meio natural através de um módulo	77
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 194. Esboços de referências de limites no território do Alentejo	78
Fonte: Esboço do autor, 2023.	
Figura 195. Alçado norte do bairro	78
Fonte: Alçado do autor, 2023.	
Figura 196. Perspetiva do novo limite do aglomerado - o muro de remate do parque.	78
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 197. Planta e corte remate do parque com muro	78
Fonte: Planta e corte do autor, 2023.	
Figura 198. O muro de remate do parque	78
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	

Figura 199. O limite das ruas através de um muro e banco Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	79
Figura 200. Planta e corte remate de rua de distribuição Fonte: Planta e corte do autor, 2023.	79
Figura 201. Os pátios dos quarteirões abertos à paisagem Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	79
Figura 202. Planta e corte pátios dos quarteirões abertos á paisagem Fonte: Planta e corte do autor, 2023.	79
Figura 203. O pátio do quarteirão maior aberto á paisagem Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	79
Figura 204. Planta pátio do quarteirão aberto maior Fonte: Planta do autor, 2023.	79
Figura 205. Esquema transição habitação -rua através do pátio Fonte: Esquema do autor, 2023.	80
Figura 206. Planta esquemático pátios de acesso e pátios transição para a rua Fonte: Planta do autor, 2023.	80
Figura 207. O pátio central de acesso ás habitações Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	80
Figura 208. Esquema sobreposição de volumes Fonte: Esquema do autor, 2023.	81
Figura 209. Esquema relação espaços social e privado com respetivos pátios Fonte: Esquema do autor, 2023.	81
Figura 210. Gráfico que relaciona o esquema acima e o nível de privacidade, do mais privado (a preto) ao mais público (a branco) Fonte: Gráfico do autor, 2023.	81
Figura 211. Planta hierarquia privacidade do projeto Bellapur, na India Fonte: Planta do autor, 2023.	81
Figura 212. Planta hierarquia privacidade, do mais privado (a preto) ao mais público (a branco) Fonte: Planta do autor, 2023	81
Figura 213. Perspetiva módulo base Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	82
Figura 214. Plantas módulo base na fase inicial 1:200 Fonte: Planta do autor, 2023.	82
Figura 215. Plantas módulo base na primeira fase evolutiva 1:200 Fonte: Planta do autor, 2023.	82
Figura 216. Perspetiva da primeira evolução do módulo base Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	83
Figura 217. Planta esquemática rés de chão, primeiro piso e as várias fases evolutivas 1:500 Fonte: Esquema do autor, 2023	83
Figura 218. Planta esquemática rés de chão, primeiro piso e as várias fases evolutivas 1:500 Fonte: Esquema do autor, 2023.	83
Figura 219. Planta esquemática possível divisão do espaço social Fonte: Planta do autor, 2023.	84
Figura 220. Plantas esquemáticas dos módulos de canto gerados pela locomoção do volume privado 1:500 Fonte: Esquema do autor, 2023.	84
Figura 221. Plantas dos módulos de canto 1:500 Fonte: Planta do autor, 2023.	84
Figura 223. Perspetiva módulo canto Fonte: Planta do autor, 2023.	85
Figura 224. Perspetiva módulo canto Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	85
Figura 222. Planta esquemática rés de chão, primeiro piso e as várias fases evolutivas 1:500 Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	85
Figura 225. Perspetiva módulo canto Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	86
Figura 226. Planta utilização pública dos cantos dos lotes Fonte: Planta do autor, 2023.	86
Figura 227. A utilização dos cantos dos lotes como espaços públicos Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	86
Figura 228. A utilização dos cantos dos lotes como espaços públicos Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	86
Figura 229. Plantas módulo base habitacional 1:200 Fonte: Planta do autor.	87
Figura 230. Plantas módulo turístico 1:200 Fonte: Planta do autor	87
Figura 231. Módulo turístico Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	88
Figura 232. Plantas dos módulos de gaveto turísticos 1:500 Fonte: Planta do autor.	88

Figura 233. Módulo turístico	89
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 234. Módulo turístico	89
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 235. Módulo turístico	89
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 236. Espaço de estar/ comer	91
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 237. Espaço de cozinha	91
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 238. Instalação sanitária	91
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 239. Espaço de dormir	91
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 240. Pátio módulo pequeno	92
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 241. Pátio módulo pequeno	92
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 242. Pátio módulo grande	92
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	
Figura 243. Pátio módulo grande	92
Fonte: Modelo tridimensional do autor, 2023.	



Figure 1. Praça Marquês de Pombal (cerca de 1960).

# 1. *Introdução*

1.1. *Enquadramento*

1.2. *Objetivos*

1.3. *Questões de trabalho*

1.4. *Metodologia*

### 1.1. *Enquadramento*

O presente trabalho procura uma resposta de desenvolvimento sustentável para a freguesia de Porto Covo. Situada no concelho de Sines, distrito de Setúbal, é um território na qual o desenvolvimento urbano é relativamente recente, no entanto contém património de referência e tem sentido uma grande procura turística que tem vindo a aumentar nos últimos anos o que promove a construção e desenvolvimento urbano, tal como está a acontecer na maior parte do litoral alentejano, embora este se destaque. No entanto nem todo esse desenvolvimento tem tido em conta o território físico e humano e os seus valores, o que leva a que se vá perdendo a sua identidade e a sua sustentabilidade.

## 1.2. Objetivos

O projeto tem como objetivo ajudar a desenvolver e dinamizar o pequeno aglomerado de Porto Covo, de forma sustentável em comunhão com a população e o local, respeitando-os, tirando partido de todo o seu património natural, arquitetónico e urbanístico. Aproveitando a grande procura turística e mitigando algumas carências locais relacionadas com a habitação e o trabalho, utilizando a valorização do património como motor da dinamização do aglomerado. Assim o objetivo principal deste projeto será a criação de um novo bairro, que apoie a população, valorize o património e dinamize a freguesia. Em oposição ao que tem acontecido nos últimos anos, em que todo o desenvolvimento tem posto em causa a sua sustentabilidade.

Para projetar corretamente este novo bairro é fundamental compreender de que maneira é que este se vai relacionar com o território envolvente, para tal é necessário entender este território e definir uma estratégia urbana adequada que vise criar continuidades no tecido urbano histórico e mais recente com o novo bairro de forma a integrá-la no local e na sua urbanidade. Através da articulação de espaços públicos existentes e propostos criando percursos que evidenciam e valorizam o património local.

O programa do bairro tem por base a habitação a custos controlados como resposta ao problema da habitação. A questão da falta de habitação, reflete-se nas novas gerações que procuram primeira habitação. Através do fenómeno da gentrificação, promovida pela grande procura imobiliária e a reconversão das casas de uso permanente para uso temporário, os preços das habitações existentes aumentaram bastante, tornando-se insustentável para uma população que atingiu a idade ativa recentemente, e vêem-se obrigados a sair da terra natal para freguesias vizinhas. O tipo de trabalhos disponível na freguesia é reduzido e não qualificado, havendo uma parte significativa da população que tem trabalhos ligados á indústria de Sines e á atividade piscatória, o que constitui outra barreira à aquisição de um lar. Comprometendo não só a população permanente, mas o bom funcionamento do aglomerado que tem crescido bastante a nível de edificado, mas que não se reflete tanto na população, podendo num caso extremo levar a sua desertificação, problema comum na região e no interior.

A habitação é projetada conferindo ainda alguma flexibilidade de uso num dos espaços de forma a poder responder melhor as necessidades da pessoa que vai acolher vencendo as mudanças ao longo do tempo, podendo esse espaço volátil: servir como espaço comercial para um pequeno negócio local que servisse de sustento, ou tivesse uma função de turismo de habitação que ajudasse e ligasse mais a população residente com quem a visita permitindo que esta esteja mais próxima da cultura local, ou simplesmente uma extensão da habitação sendo mais um quarto para um novo familiar por exemplo. Tenciona-se ainda que o tipo de habitação tenha um carácter evolutivo, e que ainda que esse espaço volátil não satisfaça as expectativas dos moradores, que seja possível ampliar a sua habitação, através da construção de mais espaços sendo estes já propostos neste trabalho.

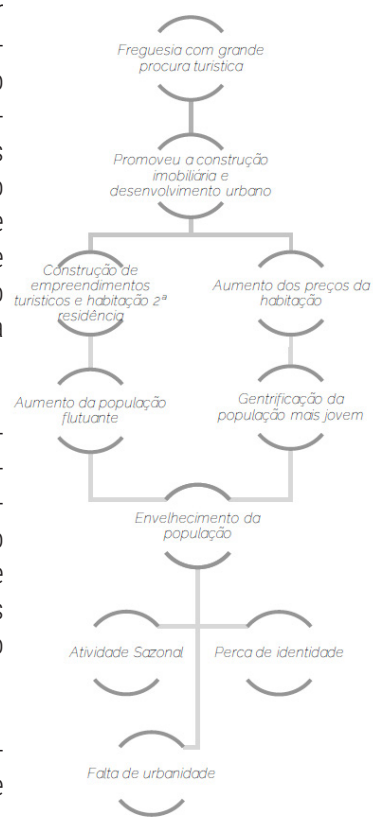


Figura 2. Organograma problemática

Equipamentos de alojamento local é outra componente do programa que vem responder á grande procura turística sentida no local e consecutivamente dinamizar a freguesia e criar mais postos de trabalho. De acordo com o plano de urbanização Porto Covo já se prevê para algumas zonas a construção de programa de habitação e turismo.

O programa tem ainda mais alguns espaços de apoio a este novo bairro com funções comerciais e de serviços e ainda um mercado.

Para além desses espaços de apoio é ainda projetada uma creche, equipamento que atualmente não existe na freguesia e irá promover também a relação entre os novos moradores e a população atual.

É ainda projetado um espaço para hortas urbanas, que é outra característica observada no aglomerado, no entanto através da ocupação informal de espaços remanescentes, sendo este em oposição aos existentes um espaço planeado e coletivo promovendo também a relação entre os moradores.

Outra componente do programa são espaços de workshops e oficinas que promovam algumas artes e ofícios relacionados com o local como forma de valorização do património, como por exemplo o artesanato, a cerâmica, a construção em terra. Que visa informar e formar cidadãos, sendo também uma resposta para a mitigação da falta de trabalho sentida no local, através da formação de operadores capazes desse construir invulgar e específico, de uma técnica que tem vindo a ganhar mais popularidade e procura nos últimos tempos e no entanto não haja muita oferta em termos de trabalhadores com essa formação, o que constitui uma oportunidade de trabalho.

Para complementar o programa de turismo é projetado um espaço coworking, para um tipo de turismo que tem vindo a crescer nos últimos anos que promove uma estadia prolongada dos visitantes e um maior relacionamento com os moradores. Um espaço dedicado á compra, aluguer e venda de bicicletas, por ser uma das atividades mais atrativas da região, existindo vários trilhos para a prática de ciclismo ao longo da costa.

Existe um grande número de visitantes que viajam com poucos recursos, muitas vezes trazendo apenas uma mochila consigo. Estes procuram alguns serviços mínimos como uma instalação sanitária pública ou até mesmo um balneário, encontrando esse tipo de oferta ao longo de toda a costa alentejana, não se verificando, no entanto no aglomerado, assim sendo dotar a freguesia desses espaços é outro dos objetivos do projeto que a tornará mais hospitaleira e inclusiva.

O espaço público projetado pretende-se que tenha espaços de qualidade que permitam observar a paisagem e ter diferentes utilizações ao longo do ano, contendo espaços mais frescos e sombreados para a estação quente, e espaços com maior exposição solar para a estação mais fria do ano, havendo sempre uma preocupação em proteger dos ventos dominantes de noroeste. Estes espaços são protagonizados por um lado por espaços de águas aproveitando a linha de água que atravessa o ter-

ritório, e um anfiteatro que tira proveito do declive e sistema de vistas privilegiado sobre o mar.

Como objetivos secundários de trabalho são preservar e salientar o seu património urbanístico de uma malha pombalina, o seu património arquitetónico de uma arquitetura vernacular alentejana e também do seu património construtivo que é a utilização do adobe, que embora não seja muito evidente esta última em Porto Covo, é visível em todo o Alentejo associado á arquitetura vernacular. Outro objetivo secundário é avaliar se essa construção mais tradicional, utilizando elementos naturais como o adobe, é mais sustentável e se é uma boa solução para o projeto.

### 1.3. *Questões de trabalho*

- Como é desenvolver de forma sustentável um aglomerado populacional como Porto Covo?
- Como intervir num aglomerado populacional tão contido e com um desenho urbano tão singular e característico como a área de intervenção respeitando o seu sentido?
- O que é a sustentabilidade associada a projeto?
- Qual será a melhor localização para o novo bairro?
- Como mitigar a falta de habitação para a população que atingiu agora a idade ativa?
- Como mitigar a falta de instalações que gerem emprego para os mesmos?
- Qual será o tipo de turismo que mais ajudará a população local e ao mesmo tempo desenvolva a área de intervenção?
- O que é a flexibilidade associada a projeto?
- Haverá edificado construído com Terra em Porto Covo, técnica comum na região do Alentejo?
- Será a construção com terra uma hipótese plausível e sustentável para Porto Covo?
- Como adaptar uma habitação mais tradicional como a que encontramos na região, com as suas valências às exigências da atualidade?
- De que maneira é que uma arquitetura vernacular poderá dinamizar Porto Covo e ajudar a população local?

#### 1.4. *Metodologia*

A metodologia do desenvolvimento do trabalho é dividida em duas partes: uma inicial teórica e outra prática.

A fase teórica pode ser dividida em duas fases. Na primeira, há recolha de informação e análise, onde é feita uma pesquisa de informação sobre a área de intervenção, incluindo o seu território e população, história e evolução, património e planos de desenvolvimento. Para melhor compreender o local são utilizados: dados estatísticos dos censos, documentos históricos e de planeamento urbano disponibilizados pela câmara, livros como o *Inquérito á arquitetura popular portuguesa*, alguns textos com informação referente ao seu desenvolvimento urbano e outras fontes digitais como dissertações sobre a freguesia. É importante visitar o local e entrar em contato direto com a população para recolher e confirmar informações pertinentes com entrevistas informais e a elaboração de registos fotográficos, desenhos e apontamentos. Posteriormente, sistematiza-se a informação obtida e desenvolvem-se ferramentas de trabalho para poder formular as primeiras hipóteses de projeto.

Na segunda fase, são selecionados e analisados os temas com base nas hipóteses de projeto e leitura do território. É realizada a pesquisa de casos de estudo e a respetiva contextualização e identificação das características ou elementos de interesse para o projeto. É feita a revisão e reflexão sobre a informação referente a ambas as subfases e é elaborado o programa.

A fase prática do trabalho é dividida em três fases. A primeira é a realização de um projeto urbano, que inclui a definição de uma estratégia urbana, principais linhas estruturantes, localização do programa e criação de continuidades no tecido urbano com as preexistências através do desenho bidimensional e dos elementos gerados nas fases anteriores, e ensaios sobre a relação dos volumes com o território através de modelos tridimensionais físicos e digitais. É realizada a pormenorização e desenvolvimento dos espaços públicos propostos no projeto urbano através de desenhos de ambiente e desenhos bidimensionais.

Concluindo o projeto urbano, desenvolve-se o programa. Criam-se protótipos de base que são desenvolvidos para fins habitacionais e turísticos, procurando uma matriz comum entre ambos. Constrói-se o programa de apoio ao bairro, através do desenho bidimensional e modelos tridimensional físicos e digitais. O que permite confrontar e adaptar os protótipos desenvolvidos com o projeto urbano e o lugar. Pormenoriza-se ainda o projeto numa escala maior.

Por último, é desenvolvido o documento final, criação de peças bidimensionais finais e produção de modelos tridimensionais e preparação para a apresentação.





Figura 3. Praça Marquês de Pomal

## 2. *Habitação e Turismo*

### 2.1. *A habitação no século XXI*

#### 2.1.1. *Sociedade e habitação*

#### 2.1.2. *Estratégias para o habitar no século XXI*

### 2.2. *Desenvolvimento sustentável*

#### 2.2.1. *Dimensão social*

*A Habitação de custos controlados em Portugal*

*A Habitação evolutiva como resposta ao tempo*

#### 2.2.2. *Dimensão económica*

*O Turismo como motor desenvolvimento económico*

#### 2.2.3. *Dimensão Ambiental*

*A Paisagem como instrumento para o planeamento*

*O Património e a identidade*

### 2.3. *A relação entre o Turismo e a população local*

## 2.1. A habitação no século XXI

### 2.1.1. Sociedade e habitação

*"A primeira característica básica da sociedade atual é que é muito heterogénea. Isto não se deve apenas á chegada de pessoas de outros países, culturas e religiões, mas também pelo aumento das diferenças e evolução gerada dentro da sociedade que já não se deve exclusivamente a variações regionais e territoriais. Alterações nas dinâmicas de mobilidade geográfica, níveis de educação, idade em que se sai da casa dos pais, primeiro casamento e o nascimento do primeiro filho e as faixas etárias expressam uma sociedade muito diferente de á trinta anos atrás. ...também teremos de ter em conta novas tendências relativamente às mudanças estruturais na conceção do agregado familiar que demonstraram operar dentro das várias faixas etárias." (Martinez, 2011)*

Em Portugal, a sociedade do século XXI mudou bastante desde século anterior. A evolução a nível política, económico, social e científico afetou bastante as dinâmicas da sociedade em que vivemos.

Essas mudanças trazem novos desafios e respostas para a habitação do século XXI, numa sociedade em constante transformação.

A dimensão média de um agregado familiar, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), de 1991 até 2021 diminuiu de 3,7 para 2,5 indivíduos, apresentando um decréscimo linear nos últimos 50 anos. Atualmente os agregados domésticos são compostos maioritariamente por um (24,7%), dois (33,3%) e três indivíduos (21,5%), sendo que os agregados que contêm mais de três representam apenas 20%.

A igualdade de género, que embora não seja plena, tem-se vindo a alcançar promoveu transformações profundas nas dinâmicas demográficas. A mulher que outrora se casava muito jovem e se dedicava mais ao trabalho doméstica e ao cuidado dos filhos. Hoje em dia, esta tem outras perspetivas e ambições académicas e laborais, deixando para segundo plano muitas vezes a maternidade. Tal como os dados do INE confirmam, a idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho passou de 24,9 (1991) para 30,9 (2021).

O número de filhos de cada casal reduziu, no mesmo espaço de tempo, de 3,2 para 1,56 filhos. A esperança média de vida, outro motor das transformações, aumentou bastante nos últimos 30 anos (mais 13,6 anos) sendo atualmente 80,7(2020). Estes dois fatores em conjunto promoveram o envelhecimento da população.

O aumento da idade em que os cidadãos abandonam a habitação paterna é outro fator que promove mudanças nos agregados familiares, sendo em Portugal (2021) a segunda mais alta da Europa (33.6 anos) e no prazo de nove anos aumentou em 4,8 anos.

O trabalho em casa não é novidade, já existia antigamente com alguns ofícios como o de costura. No entanto têm ganho relevância nos últimos anos, especialmente durante o período de pandemia e confinamento em que houve um grande aumento do trabalho em casa associado a vários serviços que dependem maioritariamente do trabalho via computador. Fator esse que modifica a dinâmica de mobilidade casa trabalho, uma vez que ambos acontecem no mesmo espaço.

Todos os fatores anteriormente referidos vão adicionar novas exigências para a habitação.

*"Em todos os momentos da história moderna em que houve uma reapreciação dos estilos de vida devido a transformações políticas, sociais e económicas, foi sempre reconhecido que tinha de haver uma divulgação de novos valores e novos métodos para melhorar a vida das pessoas. Encontramo-nos agora num momento chave e é necessário estabelecer uma rede de comunicação e participação de bottom-up para poder compreender as mudanças que tiveram lugar na sociedade e, ao mesmo tempo, é necessário procurar soluções para estas necessidades para explicar, de up-down, como a habitação pode responder melhor às necessidades sociais, urbanas, tecnológicas e os desafios da sustentabilidade que enfrentamos hoje." (Martinez, 2011)*

### 2.1.2. Estratégias para o habitar no século XXI

Assim sendo já não será possível fazer projeções lineares relativamente às necessidades da habitação clássica. No entanto haverá estratégias para desenvolver uma habitação mais adequada às expectativas que cada contém para o seu lar, sendo a principal a flexibilidade.

A utilização da casa, já não responde a um padrão típico sendo ocupada por vários grupos e agregados, podendo estes não serem parentes. Assim sendo, uma das estratégias para um melhor funcionamento da habitação será a igualdade dos espaços de dormir. Ou seja, todos os quartos deverão ter a mesma área possibilitando as mesmas funções em cada um deles. Para tal deverão possuir espaço confortável (no mínimo dez metros quadrados) e poder-se inscrever uma circunferência com dois metros e oitenta. (Fig.4) (Martinez, 2011)



Figura 4. Esquema área e circunferência inscrita

As instalações sanitárias que muitas vezes aparecem associadas a um quarto (suítes) deverão ser comuns e acedidas por todos pelo espaço de distribuição, para uma utilização mais eficiente. (Fig.5) Quando possível, será ainda pretendido que a instalação sanitária se divida em mais do que um espaço permitindo uma maior utilização, podendo um indivíduo estar a utilizar o espaço de banho enquanto outro utiliza um espaço com retrete e lavatório para outras funções. (Fig.6)

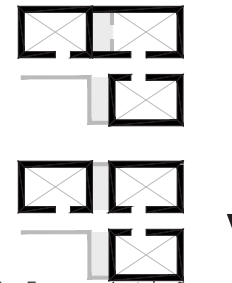
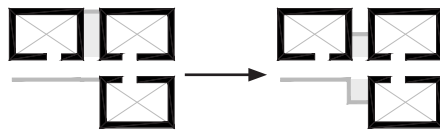


Figura 5. Esquema instalação sanitária privada (suíte) vs compartilhada

Figura 6. Esquema instalação sanitária completa vs dividida

As novas tecnologias e as mudanças do mercado de trabalho têm promovido o *homeworking* como referido anteriormente. A casa assume também a função de trabalho, necessitando de espaço para tal. Esse espaço deverá ser possível em cada um dos quartos, havendo área suficiente para tal (Fig.7), ou deverá haver um pequeno espaço, eventualmente próximo da entrada da habitação, para uma atividade produtiva (Fig.8). Embora o trabalho remoto seja apontado como uma atitude positiva que melhora a produtividade e vida dos indivíduos, estudos da ONS demonstram que existem casos com impactos negativos. Ainda assim a casa deverá permitir essa função.

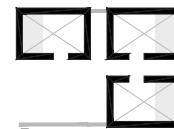


Figura 7. Esquema espaço trabalho nos quartos



Figura 8. Esquema espaço trabalho junto ao acesso

O espaço para cozinhar clássico também deverá sofrer alterações, sendo integrado com outros espaços de convívio nomeadamente a sala e sala de jantar, no entanto esta solução não deverá ser estanque permitindo que estes três espaços possam ser individualizados quando necessário, recorrendo a paredes/divisórias ou mobiliário. Possibilitando diferentes atividades individuais em simultâneo, ou uma atividade coletiva utilizando o espaço como um todo. (Fig.9) (Martinez, 2011)

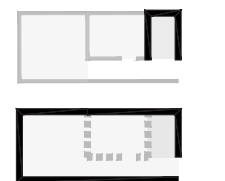


Figura 9. Esquema cozinha individualizada vs integrada com outros espaços

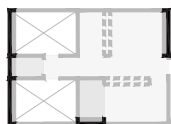


Figura 10. Esquema arrumos adequados à função/ diferentes posições

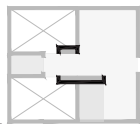


Figura 11. Esquema arrumos centralizados

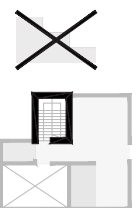


Figura 12. Esquema funcionamento total no piso térreo

Os espaços para arrumação, muitas vezes menosprezados, deverão ser projetados adequadamente às várias funções desempenhadas na casa. Deverão ter área suficiente para o que armazenam e localizarem-se perto dos espaços que servem (Fig.10). Para permitir uma maior flexibilidade na arrumação devem situar-se em espaços de circulação, por serem de fácil acesso aos outros espaços da casa (Fig.11). Pretende-se ainda que quando possível seja móvel, permitindo diferentes distribuições e organizações do mesmo espaço.

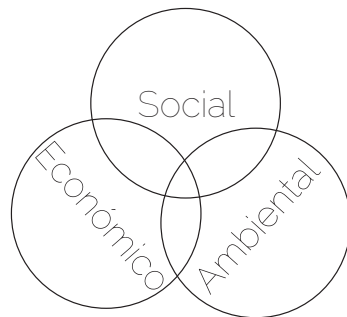
A acessibilidade é outra questão muito importante no habitar quotidiano. A utilização de escada no interior da habitação deverá ser evitada por criar um obstáculo aos moradores, que mesmo não tendo problemas motores, poderão sofrer um acidente. Quando existirem, deverá ser garantido o funcionamento total no piso térreo sem recurso a circulação vertical (Fig.12), tendo uma melhor resposta ao envelhecimento da população e possíveis problemas que surjam, ajudando assim a vencer o tempo.

## 2.2. *Desenvolvimento sustentável*

Torna-se fundamental nos dias que correm, ter uma preocupação acrescida com temas como a sustentabilidade, quando se trata de fazer um projeto. Embora essas preocupações já façam parte do léxico da Arquitetura. Para melhor compreender como atuar foi consultado o sentido da palavra e aplicado ao contexto do projeto. O conceito de sustentabilidade poderá ser explicado como:

*"...o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades, garantindo o equilíbrio entre o crescimento económico, o cuidado com o ambiente e o bem-estar social." (Brundtland, 1987)*

Assim sendo para melhor entendimento da boa aplicação do conceito de sustentabilidade deverá haver uma visão interdisciplinar entre as várias dimensões que a caracterizam, social, económica e ambiental e as relações entre estas.



### 2.2.1. *Dimensão Social*

A dimensão social do conceito de sustentabilidade retrata o bem-estar físico e psicológico da população. Situação na qual deverão satisfazer as necessidades básicas e aspirações do ser humano. Uma das grandes necessidades básicas que nem sempre é assistida será a de ter um abrigo digno - uma casa.

#### 2.2.1.1. *Habitação de custos controlados em Portugal*

A Habitação é um direito constitucional e essencial para todos. Garantida para muitos, tornando-se um desafio para outros, mais desfavorecidos. Assim a habitação de cariz social é um tema importante e uma meta dos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU.

*"garantir o acesso de todos à habitação segura, adequada e a preço acessível, e aos serviços básicos." (Nações Unidas, 2015) relativamente á meta 11 - Cidades e comunidades sustentáveis.*

A habitação de custos controlados surge como resposta ao défice habitacional, que foi promovido por vários fatores ao longo de mais de 100 anos de políticas públicas.

Após a primeira guerra mundial, nascem as primeiras habitações “apoiadas”, sendo reconhecido pela primeira vez o direito á habitação. Durante o Estado Novo, a iniciativa pública construiu “habitações económicas” e “desmontáveis” face às demolições e consequente realojamento, bem como “casas para pescadores” e famílias pobres.

Antes da revolução de 25 de abril, o Fundo de Fomento da Habitação foi formado, e o maior número de agrupamentos residenciais foi criado por iniciativas existentes e novos mecanismos de promoção cooperativa e associativa, principalmente o serviço de apoio ambulatorio local - SAAL e ainda a comissão de alojamento de retornados - CAR. Estes davam resposta às carências nos bairros precários, e ao nível dos cidadãos que teriam retornado a Portugal consequência da descolonização.

Na década de 80, extingue-se o SAAL e o FFH, passando a responsabilidade de manutenção do parque residencial para o IGAPHE. O papel do estado muda deixando de ser detentor das propriedades e passando a realizar o planeamento estratégico e a apoiar monetariamente terceiros para a realização dos fogos. Após a entrada na união europeia, é reforçada a descentralização da promoção apoiada, com foco no realojamento de moradores de áreas de génese ilegal, AUGI. No mesmo período nasce o Instituto Nacional de Habitação e o Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana. (Agarez, 2018)

Ao longo do século, a promoção pública tem sido um dos principais mecanismos de regulação e mitigação de carências sociais, mantendo um equilíbrio sustentável entre o desenvolvimento económico e o social.

*“Independentemente do caminho que Portugal tem vindo a percorrer nestas matérias, em particular, ao nível da redução quantitativa das carências habitacionais, o facto é que persistem problemas de natureza estrutural, aos quais ainda é necessário atender, nomeadamente, em termos de: acesso à habitação por parte da população; equilíbrio entre os vários segmentos de ofertas habitacionais e na funcionalidade global do sistema; qualificação do edificado e coesão socioterritorial. Concomitantemente, manifestam-se novos desafios, decorrentes: das profundas alterações dos modos de vida e das condições socioeconómicas das populações (em termos de estrutura demográfica, dinâmicas familiares, perfis de relação casa-trabalho, mobilidades pendulares e profissionais, entre outros); da combinação de carências conjunturais com necessidades de habitação de natureza estrutural, derivadas das políticas de habitação anteriores e da mudança de paradigma no acesso ao mercado de habitação, precipitada pela crise económica e financeira internacional; e também da diversidade e especificidade das suas expressões territoriais, à luz quer de processos de desvitalização estruturais, quer de dinâmicas de revitalização socioterritorial em curso.”*  
(Resolução do Conselho de Ministros n.º 50-A/2018, 2018)

Tipologias	Área bruta (metros quadrados)
T0	59
T1	73
T2	95
T3	117
T4	128
T5	150

Figura 13. Áreas brutas máximas (Portaria n.º 281/2021)

### 2.2.1.2. A Habitação evolutiva como resposta ao tempo

A habitação evolutiva surge normalmente associada à habitação de custos controlados como forma de vencer ao longo do tempo as mudanças que uma família sofra, sem necessitar de mudar de habitação. Tornando-se mais acessível para o cidadão adquirir uma casa de menor dimensão e consoante a sua capacidade económica e necessidade poderá aumentar o seu lar, por exemplo acrescentando um quarto, aumentando o espaço social, desenvolvendo um espaço comercial/oficina capaz de gerar fundos.

A habitação evolutiva pode assumir várias formas dependendo da sua modalidade de evolução, podendo esta ser por extensão, subdivisão, acabamento e adaptação.

A modalidade de evolução parte de um núcleo inicial que é depois melhorado e ampliado na horizontal e/ou na vertical em fases sucessivas (Fig.15). O processo de extensão pode concretizar-se por: articulação entre volumes discretos, variações volumétricas em espaços modulados, junções de volumes complementares, encerramento acabamento e ocupação de estruturas. (Coelho, 2002)

A quinta Monroy, um dos projetos mais citados desde tema, apresenta um módulo inicial e ainda um espaço coberto exterior que já contempla duas paredes tendo um processo evolutivo por encerramento (Fig.14 e 16).

A evolução por subdivisão concretiza-se num grande espaço encerrado construído inicialmente que é subdividido posteriormente em vários espaços habitacionais. Uma das formas mais correntes desse desenvolvimento será através da conversão do desvão da cobertura num espaço útil (Fig.17). (Coelho, 2002)

A modalidade de acabamento e complementação concretiza-se essencialmente pela realização posterior de trabalhos de revestimentos, acabamentos, equipamentos e pelo desenvolvimento das condições de conforto, funcionalidade e agradabilidade, mas também a execução de toscos, construção de anexos e sistemas de vedação. (Fig.18) (Coelho, 2002)

A evolução por adaptabilidade é a qualidade que permite albergar mudanças na composição da habitação. Podendo essa modalidade ser o rearranjo do mobiliário interior em diferentes conjugações e posições que permitem alterações na organização básica de cada zona da casa (Fig.19). Essas alterações podem ser aumento/diminuição, fusão/divisão de espaços e podem ainda integrar funções não habitacionais (ex. loja). Um exemplo dessa modalidade será a casa Rietveld Schroder do arquiteto Gerrit Rietveld, em que as suas paredes interiores são amovíveis e permitem utilização de um grande espaço social comum ou separado em vários quartos.



Figura 14. Quinta Monroy - exemplo habitação evolutiva por extensão



Figura 15. Esquema extensão vertical/horizontal

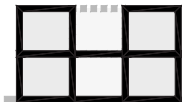


Figura 16. Esquema extensão através do encerramento de espaços (Quinta Monroy)

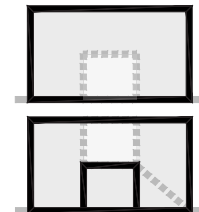


Figura 17. Esquema processo divisão de espaços



Figura 18. Esquema processo acabamento e complementação

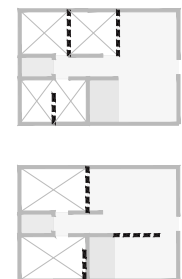


Figura 19. Esquema processo adaptabilidade

## 2.2.2. Dimensão Económica

Para existir um desenvolvimento sustentável, é fundamental uma gestão económica eficiente capaz de responder às necessidades laborais dos residentes através da exploração consciente dos recursos e oportunidades disponíveis localmente.

É necessário analisar e compreender os setores potencialmente desenvolvíveis num território, que permitam gerar empregos e fundos, e preservar e renovar esses recursos. Idealmente haverá uma coordenação local entre os três setores para um funcionamento conjunto. A economia não deve ser entendida como setorial, mas como um todo, um sistema interdependente, potencializando a economia e entidades locais e evitando intervenientes exteriores. (Brundtland, 2015).

O desprezo dessa gestão económica eficiente pode levar ao desemprego e pobreza, mostrando a conexão entre as dimensões económica e social.

### 2.2.2.1. O Turismo como motor de desenvolvimento económico

Em Portugal, a economia sofreu várias mudanças ao longo do tempo, principalmente após a entrada na união europeia. O setor primário (5,8%) perde cerca de 80% desde a década de 60 assim como o setor secundário (24,1%), embora menos significativo (-5,6% desde 1995), por outro lado o setor terciário (70,1%) que tem vindo a aumentar representa hoje a maior percentagem a nível nacional, sendo o principal: o turismo, segundo o instituto nacional de estatística - INE. A nível nacional a região que tem sentido o maior aumento da procura é o Alentejo (Fig.20).

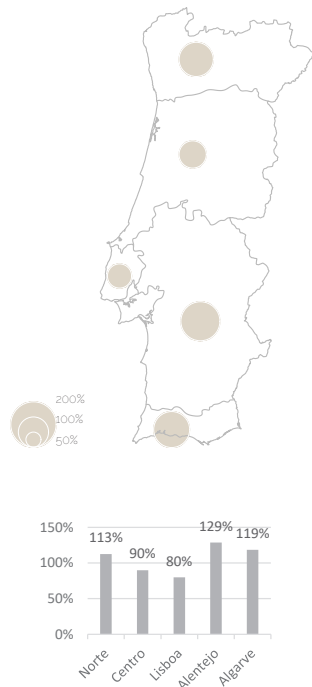


Figura 20. Variação do nº dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico por Localização geográfica 2017-2023 (%)

O turismo é caracterizado consoante o seu produto turístico, o que motiva a deslocação de turistas para tal território. O produto turístico é nesse sentido o que o local poderá oferecer, podendo essa oferta ser: sol e mar; turismo de natureza: ecoturismo, turismo rural; turismo de desportivo; golfe; turismo de saúde e bem-estar; *touring* cultural e paisagístico; turismo residencial e *resorts* integrados; turismo de negócios; turismo náutico.

O turismo de natureza, na qual este trabalho vai incidir mais, poderá ser dividido em dois conceitos diferentes: o ecoturismo e o turismo rural.

O ecoturismo é um conceito que está associado ao meio rural e incorpora valências sustentáveis como o respeito e conservação do local pelos visitantes como espaço natural e cultural com valor. Outro princípio será a relação socioeconómica positiva que se procura entre quem visita e a comunidade local, favorecendo por um lado o contato com a cultural local e por outro tirando benefícios financeiros desta.

O turismo rural é semelhante á modalidade anterior, contendo alguns dos mesmos princípios de respeito e preservação pelo património arquitetónico, histórico, natural e paisagístico, não incorporando, no entanto, preocupações relacionados com a relação socioeconómica entre

quem visita e quem é visitado.

Em termos legais, o alojamento turístico é classificado segundo dois regimes jurídicos em: empreendimentos de turismo e alojamento local. Os empreendimentos de turismo destinam-se "...a prestar serviços de alojamento, mediante remuneração, dispondo, para o seu funcionamento, de um adequado conjunto de estruturas, equipamentos e serviços complementares." Cumprem um regime específico o RJET. Quando não reúnem essas condições complementares, classificam-se como alojamento local. O AL rege-se por outro regime, consideravelmente menos exigente, o regime exploração dos estabelecimentos de alojamento local.

Os empreendimentos turísticos poderão ser hotéis, resorts, aparthotel, etc necessitando sempre de equipamentos de restauração, comércio de bens, ginásio, spa, etc Poderá ser prejudicial quando estes serviços hoteleiros competem com economias locais de menor dimensão, limitando as suas oportunidades.

O alojamento local não necessitando desses complementos divide-se em quatro modalidades sendo a mínima, um quarto que poderá ser alugado por qualquer pessoa. As outras modalidades são: apartamento, moradia e estabelecimento de hospedagem. Os serviços de que dispõem serão no máximo serviço de pequeno-almoço, levando os turistas a procurarem localmente todos os serviços e produtos que necessitarem. Dessa forma as economias locais são promovidas (Fig.21).

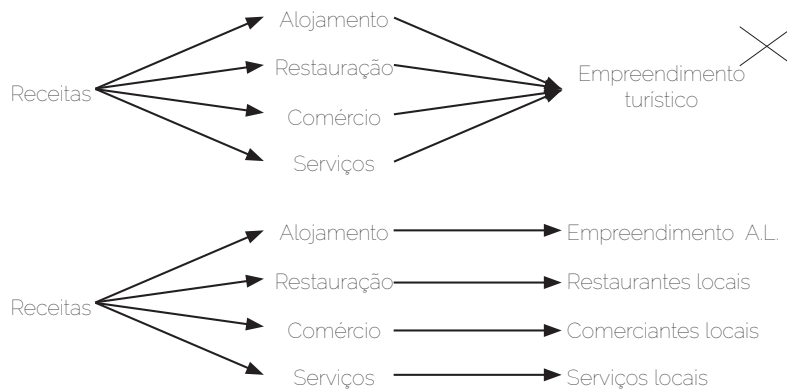


Figura 21. Esquema empreendimento turístico vs alojamento local

### 2.2.3. Dimensão Ambiental

A questão ambiental num desenvolvimento sustentável, aparece também associada a uma preocupação com o ambiente como estrutura ecológica que tem de ser preservada e com a paisagem.

Podendo essa perspetiva tomar várias escalas e abordagens, através do estudo da paisagem é possível perceber de que maneira alterar o território evitando catástrofes e promovendo o meio ambiente e consequentemente o bem-estar social, sendo estas interdependentes.

#### 2.2.2.2. A Paisagem como instrumento para o planeamento

A paisagem pela perspetiva de Ribeiro Telles, não se limita apenas ao meio biofísico, abrangendo tudo o que se apresenta no meio incluindo aquilo que é construído pelo homem. Evitando uma separação entre o que é urbano e o que é natural, admitindo que é um sistema interligado na qual as partes tem de coexistir para garantir um desenvolvimento sustentável. Assim o estudo da estrutura ecológica da paisagem aparece como ferramenta no planeamento urbano integrando esses tais elementos da paisagem de forma a proteger e manter o equilíbrio de processos ecológicos indispensáveis para esse desenvolvimento.

A estrutura ecológica da paisagem é composta por componentes de base ecológica e cultural. Os primeiros retratam fatores ambientais, como o relevo, os cabeços, as vertentes, as zonas adjacentes às linhas de água, a morfologia do terreno, os sistemas húmidos e secos, o declive, o solo, a água, a vegetação, o clima e a REN - Reserva Ecológica Nacional. Já os segundos dizem respeito à ocupação dos solos e à sua caracterização socioeconômica.

Dos fatores ambientais, o conhecimento sobre o tratamento da paisagem em zonas adjacentes às linhas de água é fundamental para o presente trabalho. A autora Manuela Magalhães sintetiza a informação relativamente à gestão do território nessas áreas críticas:

*"...os cabeços e orlas de planalto – devem ser revestidos por mata densa,... as bacias de receção devem ser revestidas por mata pouco consumidora de água,... as nascentes – devem ser revestidas por vegetação espontânea adequada; as vertentes declivosas ( declive > 25%)... devem ser revestidas por mata densa,... as vertentes de declive médio (declive entre 12-25%) – poderão ter qualquer uso desde que sejam armadas em socalcos...; as zonas adjacentes às linhas de água – poderão ser utilizadas pela agricultura ou espaços verdes urbanos desde que compartimentadas por sebes de colmatagem (transversais aos talwegues) e proteção dos ventos dominantes (perpendiculares à respetiva direção); as margens das linhas de água – devem ser revestidas por uma galeria ripícola bem conformada com os vários estratos de vegetação." (Magalhães, 2001 p.378-379)*

*"A paisagem é tudo. É um diagnóstico de uma organização humana do território. A paisagem não é natural. É construída com elementos naturais. É do Homem, como uma casa. O Homem faz a paisagem com materiais vivos e com solo duro. É uma construção artificial, baseada nas leis da Natureza. Os seus elementos estão sujeitos à Lei da Vida. Portanto, há uma dinâmica e lógica da paisagem, da parte essencial da paisagem. Não podemos separar a paisagem e tratá-la como uma "coisa" para o turismo ou como um valor apenas de cenário." (Telles, 2004).*

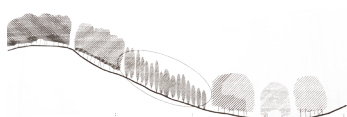


Figura 22. Esquema localização espécies arbóreas em função da situação ecológica.



Figura 23. Esboço galeria ripícola

A RAN e REN são instrumentos importantes para entender os limites da edificabilidade e evitar a construção em solos com risco de erosão ou que possam causar impactos negativos no sistema natural, rentabilizando os solos mais férteis para produção agrícola, permitindo que existiam corredores verdes interligados capazes de gerar biodiversidade e paralelamente espaços públicos de lazer e recreio.

*"A REN é uma estrutura biofísica que integra o conjunto das áreas que pela sensibilidade, função e valor ecológicos ou pela exposição e suscetibilidade perante riscos naturais, são objeto de proteção especial." (Decreto-Lei n.º 166/2008, 2008)*

*"..se o conceito de proteção adjacente ao regime da REN é o controlo da edificabilidade, isto significa que é particularmente nas zonas sujeitas a maior pressão urbanística que a sua aplicação é mais premente. É o caso das cidades e demais aglomerados urbanos, bem como as zonas costeiras, onde se regista a maioria dos projetos de turismo e segunda habitação." (Magalhães, 2001 p.396-397)*

O uso dos solos, uma das componentes culturais, caracteriza um território consoante a sua estrutura, áreas verdes, edifícios patrimoniais e todos os equipamentos existentes. Em conjunto com uma caracterização socioeconómica, que nos dá informação relativamente a população e ao seu modo de habitar, é possível projetar uma solução mais adaptada á população e valores patrimoniais locais.

*"A paisagem não é um ordenamento, não é um bilhete postal ilustrado, não é uma fonte de receita por si própria, representa a identidade cultural do País e a natureza equilibrada de instalação da população." (Telles, 2004)*

### 2.2.3.1. Património e identidade

*"Esta bela e muito antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico...), que fizeram dela um conceito nómada, prossegue hoje em dia um percurso diferente e notório." (Françoise Choay, 2006)*

O conceito de património foi inicialmente sinónimo de monumentos históricos, estando a restringir o conceito a uma ínfima parte do atual património material. Surge após a revolução francesa em 1837, fruto da primeira Comissão de Monumentos Históricos, em que F. Rucker "conferiu o conjunto de documentos publicados entre 1790 e 1795 com a finalidade de conservar e proteger os monumentos históricos", que seriam apenas alguns edifícios da antiguidade, igrejas da idade média e alguns castelos. Posteriormente o número abrangido aumenta consideravelmente, incluído todo o tipo de edifícios eruditos e populares, públicos ou privados, bem como outras formas de arte, que tivessem valor reconhecido localmente e representativos de uma certa comunidade, assumindo uma definição mais abrangente:

*"A expressão designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos" (Françoise Choay, 2006)*

Na alegoria do património é também evidenciada a dependência com a memória. Quando se faz a distinção entre monumento e monumento histórico, onde se afirma que o primeiro é criado com a essa função de monumento como algo construído para recordar, o segundo terá tido outra função no passado e poderá já não ter a mesma utilidade atualmente, sendo, no entanto, representativo da cultura e identidade de uma certa comunidade.

*"...o seu modo de ação sobre a memória. Não só ele a trabalha, como também a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma a recordar o passado, fazendo-o vibrar à maneira do presente. Mas, esse passado invocado e convocado, decerta forma encantado, não é um passado qualquer: foi localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, diretamente, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade, étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar." (Françoise Choay, 2006)*

O património imaterial, surge mais tarde onde se incluem atividades praticadas por uma certa comunidade que lhes confere um carácter identitário nomeadamente: tradições e expressões orais, artes do espetáculo, práticas sociais, rituais e eventos festivos conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo, aptidões ligadas ao artesanato tradicional. (Convenção para a salvaguardado património cultural imaterial, 2003, UNESCO)

Destaca-se assim o papel da comunidade na existência de património e a sua relação intrínseca com a cultura. Sendo o património e a cultura um dos pilares do turismo e consecutivamente da nossa economia, uma preocupação acrescida com a população local e com o que para esta tem valor significa tratar também da nossa cultura e economia.

A pertinência no estudo e identificação do património prende-se não só com a necessidade de preservação e conservação de marcas do passado no presente, mas também na reinterpretação das mesmas quando no ato de projetar a fim de invocar a identidade do território sem competir com mesmo, mas complementando-o. Permitindo assim um relacionamento mais sustentável entre a população local e o novo construído.

O estudo da arquitetura vernacular informa-nos ainda sobre um construir mais sustentável com melhor desempenho energético utilizando estratégias de climatização passiva e materiais disponíveis localmente, tendo sido no passado a melhor resposta.

### 2.2.3.2. *A Construção em terra*

A seleção dos materiais de construção influencia a sustentabilidade ambiental a nível global, sendo um dos fatores que mais prejudica. Deve-se essencialmente devido ao consumo de energia e emissão de CO2 (relatório IPCC 2015) durante a recolha da matéria-prima, processo, transporte e uso na construção, influenciando também outros setores.

Por esse motivo, a seleção de materiais deverá ser mais eficiente e procurar alternativas mais sustentáveis. Uma das opções mais viáveis será procurar materiais localmente disponíveis preferencialmente reutilizáveis.

No Alentejo a construção em Terra, é uma tradição por ser um material disponível no local e ter um bom desempenho face ao clima, utilizando paredes de grande espessura de adobe ou taipa.

### 2.3. *A relação entre o turismo e a população local*

Com a globalização, várias mudanças sucederam. O aumento das viagens de lazer vem trazer vários benefícios financeiros e postos de trabalhos tendo um grande impacto positivo na economia, promovendo ainda o intercâmbio cultural e estimulando o desenvolvimento urbano.

No entanto, nem sempre esses benefícios financeiros e desenvolvimento são sentidos pela população. Segundo um estudo da UNW, Organização Mundial do Turismo, com o aumento do turismo, poderá haver sobrelotação populacional, dá-se a valorização do solo através da grande procura imobiliária tornado insustentável para muitos indivíduos serem capazes de pagar por um lar, o mesmo se trata para o setor de trabalho em que vários pequenos negócios dão lugar a grandes entidades capazes de suportar esses custos. Esta situação poderá levar a fenómenos de gentrificação a longo prazo. No concelho de Sines, por exemplo, se analisarmos as estatísticas sobre o valor do metro quadrado, este aumentou de 996 para 1332 desde o ano de 2016 até 2021(INE), embora não reflita a realidade da oferta do mercado imobiliário apresentando valores quatro vezes superior.



Figura 24. Pichação em Barcelona "tourist go home!"

Num cenário extremo poderá levar á hostilidade da população relativamente aos turistas. Situação já relatada em vários países. Em Barcelona, Espanha por exemplo, a privatização e ocupação de ruas e praças publicas por parte de empresas e grandes superfícies comerciais, o que outrora eram os principais espaços públicos da comunidade e consequentemente a elevada subida dos preços e rendas das habitações, gerou grandes conflitos entre a população local e os turistas, e consecutivamente manifestações (Fig.24). (López, 2018)

Assim sendo é pertinente pensar e intervir sobre essa relação por vezes problemática. Uma boa gestão do setor turístico de forma sustentável e que tenha em conta as necessidades da população local e o seu impacto nestas, com intuito de haver um relação socioeconómica favorável para todos.

Para atingir um bom funcionamento entre as partes, é necessário que haja um bom relacionamento entre ambos. Para tal deverá haver espaços comuns de encontro e trocas que sejam abertos a todos para promover essa boa relação. Outra estratégia importante será a instrução e demonstração dos valores patrimoniais locais por parte dos residentes, promovendo o respeito e valorização do espaço por parte de quem visita ao mesmo tempo que desenvolve mais o relacionamento e entendimento.

Outro aspeto muito importante será compreender que nem sempre é possível ou desejado pelos indivíduos, um cenário de boa convivência e partilha do mesmo espaço, assim será tao importante promover espaços comuns de encontro como espaços mais privados de intimidade. Deverão existir espaços mais/ ou menos privados a nível dos moradores ou turistas(quarteirão), e a nível do próprio espaço habitável (o edifício) permitindo diferentes níveis de privacidade. Ou seja, permitir e fomentar o contacto entre os moradores e turistas sendo esta no entanto optativa e não obrigatória.



Figura 25. Pormenor edifício da praça Marquês.

## 3. *Porto Covo*

### 3.1. *Do iluminismo pombalino á cidade jardim*

#### 3.1.1. *Evolução da malha urbana*

### 3.2. *Território e População*

#### 3.2.1. *Equipamentos*

#### 3.2.2. *Espaços públicos*

#### 3.2.3. *Mobilidade e acessos*

#### 3.2.5. *População*

### 3.3. *Identidade e património*

#### 3.3.1. *O edificado*

#### 3.3.2. *Modelos urbanísticos presentes no desenho urbano*

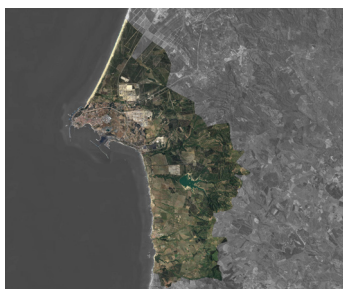


Figura 26. Orto fotomapa do Concelho de Sines.



Figura 27. Orto fotomapa da freguesia de Porto Covo.



Figura 28. "Mapa da Configuracão do terreno e Porto Covo que se pertêde Habitar, e Cultivar."

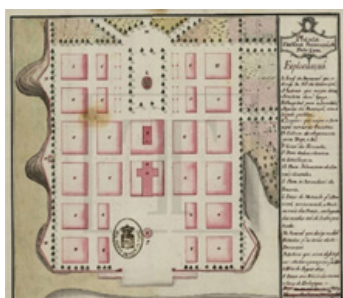


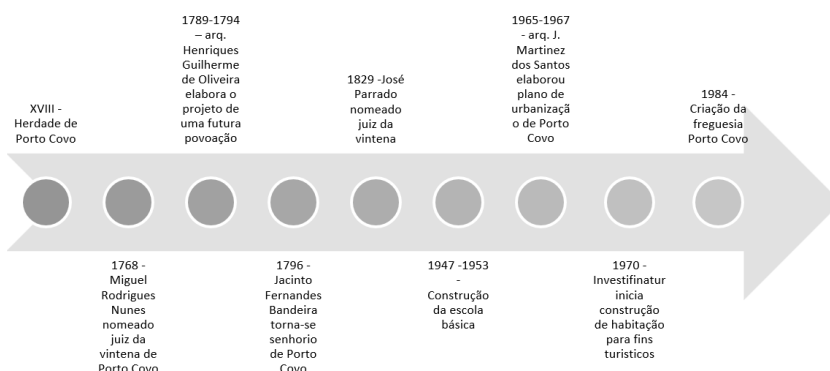
Figura 29. "Planta da Nova Povoacão de Porto Covo."

Figura 30. Cronologia evolução Porto Covo de Herdade a Freguesia.

Para introdução desta fase do trabalho, contextualiza-se a nível histórico e geográfico a freguesia de Porto Covo, para melhor compreender o território e a sua génese. Localiza-se no litoral alentejano fazendo parte do distrito de Setúbal, concelho de Sines. (Fig.26) Embora tenha uma vasta área, o aglomerado representa apenas uma pequena parte e situa-se junto á enseada que a limita a Sul, e a oeste pelo oceano atlântico, desenvolvendo-se em direção a norte e este (Fig.27).

### 3.1. Do iluminismo pombalino á cidade jardim

A primeira ocupação na costa, segundo António Martins Quaresma, foi por parte dos cartagineses, mais tarde os romanos instalaram-se e tirando partido da enseada existente construíram um porto de pesca cuja função se manteve até aos dias de hoje. Por ser uma porta para as embarcações era um local de destaque, no entanto em 1780 existiam apenas quatro habitações. No final do século XVIII, Jacinto Fernandes Bandeira, membro da burguesia, interessa-se pela herdade de Porto Covo e adquire a propriedade na expectativa de desenvolver a atividade piscatória e o comércio marítimo. Elabora o projeto de uma nova povoação (Fig.28), que também tinha interesse a nível nacional, por ser um local onde se cultivava cereais que eram necessários para abastecer a cidade Lisboa. Ao serem adquiridos aqui dinamizavam a economia nacional. O projeto da nova povoação de Porto Covo nunca foi concluído embora se tenham construído os edifícios de maior interesse patrimonial que definem o largo da igreja e zona histórica (Fig.29).



### 3.1.1. *Evolução da malha urbana (1950- atualidade)*

Para tentar compreender de que forma se desenvolveu a malha urbana seria preciso recorrer a documentos escritos, uma vez que não há praticamente registos gráficos sobre a freguesia.

Na década de 50, partindo do núcleo histórico, começa-se a desenvolver da praça Marquês de Pombal em direção a Sul e poente, derivado da atividade piscatória junto ao barranco (Fig.31).



Figura 31. Planta década 50

Posteriormente, na década de 70, o aglomerado começa a progredir para norte entre a estrada marginal e a falésia, assim como se deu a consolidação de alguns espaços intersticiais, com a construção para fins turísticos ou residência de ativos do sector secundário e terciário ligados ao empreendimento portuário de Sines (Bairro dos alemães) (Fig.32).



Figura 32. Planta década 70

Na década de 80, o desenvolvimento continua para norte junto á falésia e para nascente em direção cemitério. São construídos o mercado municipal e o parque de campismo (Fig.33).



Figura 33. Planta década 80

Cerca de dez anos mais tarde, segue o mesmo padrão e desenvolve-se para norte junto á marginal para responder á pressão imobiliária. Nasce um novo parque de campismo. Foram demolidos e construídos novos edifícios na zona mais antiga (Fig.34).

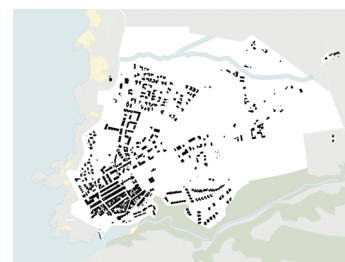


Figura 34. Planta década 90

Nos últimos 20 anos dá-se o maior desenvolvimento do aglomerado. Há novamente consolidação de malha com ocupação de espaços vazios remanescente e constrói-se cada vez mais longe da zona histórica na periferia, ainda que acompanhando os mesmos eixos por onde se tem vindo a desenvolver. Constroem-se equipamentos públicos como a primeira escola básica local e mais tarde um infantário, um centro de dia e um pavilhão multiusos. Foram também edificadas várias habitações, um terceiro parque de campismo e dois hotéis (Fig.35).



Figura 35. Planta atual malha urbana



Figura 36. Praça Marquês Pombal e igreja.



Figura 37. Planta edificado existente - núcleo histórico



Figura 38. Vazio urbano - local de intervenção



Figura 39. Planta vazios urbanos - edificado loteado - edificado devoluto

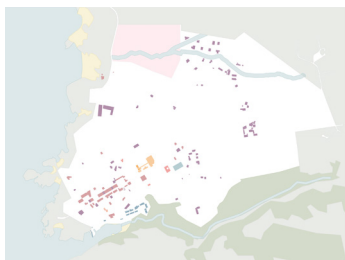


Figura 40. Planta equipamentos

## 3.2. Território e população

A maneira como se intervém no território é outra das preocupações deste trabalho, e para melhor intervir num aglomerado como Porto Covo, será fundamental entender quais são as características do desenho urbano que a caracterizam. Embora ao longo dos últimos anos terem sido erguidas várias construções que fogem ao que originalmente foi construído, os espaços com maior urbanidade onde reúne grande parte da população e vida cívica da freguesia são os que pertencem á zona histórica, que contem o traçado urbano inicial típico do iluminismo pombalino. (Fig.36)

Porto Covo é uma freguesia, como muitas outras no Alentejo, que tem apenas uma pequena área do seu território urbanizada e uma extensa área de espaço rural. (Fig.37) No entanto esse aglomerado populacional não se encontra totalmente resolvido contendo alguns vazios urbanos (Fig.38 e 39) que futuramente serão edificados segundo plano de urbanização redigido pela câmara de Sines. A estratégia urbana definida para o novo bairro beneficia de apontamentos desse plano como os limites do desenvolvimento urbano do aglomerado, bem como alguns equipamentos e espaços públicos propostos que ainda não foram realizados, no entanto ajudam a definir articulações de espaços públicos e da própria mobilidade tendo em conta qual será o futuro desta.

### 3.2.1. Equipamentos

Na freguesia de Porto Covo, devido á sua atividade económica principal relacionada com o turismo, a restauração e a hotelaria, e ao seu desenvolvimento recente na qual grande parte dos equipamentos foram construídos nos últimos cinquenta anos

Os equipamentos comerciais existentes são um mercado e 25 estabelecimentos de restauração e lojas; na área da saúde existe uma unidade de saúde e uma farmácia; os equipamentos desportivos serão um pavilhão multiusos e um campo do grupo desportivo da vila atualmente encerrado e devoluto; os equipamentos de educação serão um jardim de infância e uma escola básica de 1º ciclo que garantem o acompanhamento escolar entre os 3 e os 10 anos de idade, não existindo uma creche que faça o acompanhamento até aos 3 anos, nem escola básica e secundária após os 10, levando os jovens a recorrerem aos equipamentos mais próximos em Sines; os equipamentos culturais são a casa da juventude e a biblioteca; de equipamentos religiosos existe uma igreja na praça central e um cemitério que se prevê que seja aumentando por incapacidade de resposta; relativamente aos serviços existentes encontramos um banco, um posto de turismo, o edifício da junta de freguesia e um posto de correios, existe ainda um porto de pesca; em termos de equipamentos turísticos a freguesia já contem dois hotéis, três parques de campismo, 28 alojamentos locais e 11 casas de campo. (Fig.40)

Os equipamentos mais pretendidos pela freguesia será a creche, um terminal rodoviário, um posto dos bombeiros e da polícia e ainda um novo equipamento desportivo.

### 3.2.2. Espaços públicos

Os espaços de maior urbanidade em Porto Covo surgem junto da praça principal da zona histórica. (Fig.41 e 42) Por se um local de culto religioso justifica a história da sua urbanidade e por ter sido o principal e único espaço de concentração de pessoas na génese do aglomerado.



Figura 41. Praça Marquês de Pombal

Figura 42. Rua Vasco da Gama

Mais tarde, assumindo as mesmas diretrizes do desenvolvimento urbano, nascem espaços verdes junto aos dois eixos principais de acesso, a M1109 e a M554. Sendo o primeiro o maior espaço verde, o jardim público, bem como alguns espaços mais recentes que surgem ao longo da costa. (Fig.44) Já o segundo eixo é protagonizado pela praça principal, mas ao longo deste embora haja arborização e maior dimensão de espaço pedonal, não contem mais espaços públicos a não ser junto ao mercado municipal (Fig.45).



Figura 43. Planta mobilidade exclusivamente pedonal - espaços públicos - espaços verdes lazer



Figura 44. Jardim público

Figura 45. Praça do Mercado municipal

Para além dos espaços referido existem ainda mais alguns espaços verdes pontuais que juntamente com o jardim público parecem gerar uma radial verde com centro na praça ligando os eixos principais, estendendo uma das extremidades até um bairro mais recente a sul do aglomerado(Fig.46). A norte do aglomerado surgem também alguns espaços verdes desconexos dos restantes espaços públicos(Fig.47).



Figura 46. Miradouro a sul do aglomerado

Figura 47. Espaço verde a norte do aglomerado

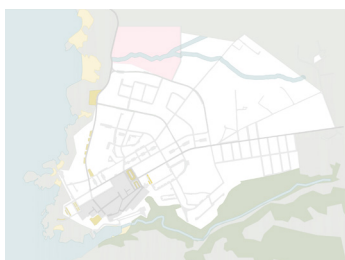


Figura 48. Planta mobilidade rodoviária | acessos

### 3.2.3. Mobilidade e acessos

A mobilidade rodoviária apresenta uma hierarquia de dois níveis, sendo o principal os dois eixos de acesso e os secundários as restantes vias do aglomerado. (Fig.48)

Para aceder ao aglomerado, o transporte preferencial será a viatura particular, existindo dois parques de estacionamento de grande dimensão, um junto á praça do mercado e outro junto da praia grande, para além dos vários estacionamentos distribuídos ao longo das ruas.

Os transportes públicos são reduzidos contando apenas com um autocarro que faz o trajeto de Sines - Vila nova de Milfontes sendo o ponto de paragem junto ao mercado municipal.

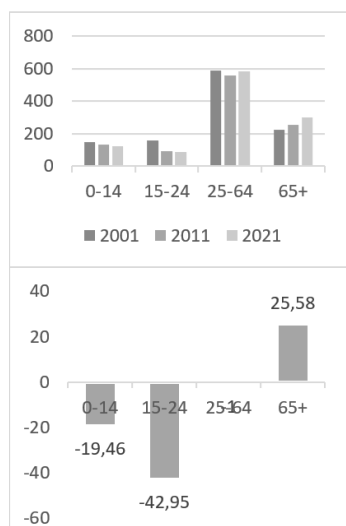


Figura 49. Gráfico evolução demográfica nos últimos 20 anos

### 3.2.4. População

Para resolver a falta de habitação para a população local é fundamental entender quem é esta população. Ao analisar a evolução demográfica da freguesia é possível identificar o envelhecimento da população, havendo um decréscimo da mais jovem, estagnação da população em idade ativa e um aumento da mais velha (Fig.49). O motor desse envelhecimento é o aumento da atividade do setor do turismo e a reconversão de habitações permanentes em efémeras para o mesmo efeito, pressionando o mercado imobiliário que promove o aumento do valor da habitação levando á gentrificação da população mais jovem.

Ainda assim, a população de Porto covo tem aumentado, não só por novas gerações de famílias que já residiam na freguesia, mas também por uma nova população natural do território litoral perto de Sines, por terem trabalhos ligados á indústria.

Esta população será uma nova geração que atinge agora a fase adulta e procura primeiro trabalho e mais tarde alojamento no aglomerado. Sendo uma zona dependente do setor terciário com algum comércio local e turismo, e setor primário com atividade piscatória e agrícola, existe pouco trabalho disponível, e o existente não é qualificado, exceto em algumas empresas estrangeiras que se instalaram na região recentemente, trazendo consigo pessoas já empregues, não promovendo o aumento de postos de trabalhos. Existe ainda uma grande percentagem da população que trabalha no setor secundário ligada á indústria de Sines e tem baixos rendimentos, necessitando de alojamento de custos controlados. Esta é uma população que sempre residiu em habitação típica do aglomerado logo será esta a que corresponde às expectativas dos utilizadores.

A falta de postos de trabalho deve-se muito á maneira como a freguesia funciona ao longo do ano. Existe uma época balnear em que esta é muito procurada e existe bastante oferta de trabalho, inclusive existem pessoas que se deslocam de outras partes do país para trabalhar, na época baixa a vila resume-se a dois pequenos comércios de bens alimentares, dois ou três estabelecimentos no ramo da restauração e o mercado local. As restantes lojas fecham também neste período. Para resolver o problema talvez não seja necessário criar um grande número de instalações que gerem trabalho, mas equipamentos que atraiam a presença de pessoas de igual forma ao longo do ano, capazes de justificar a abertura das várias atividades comerciais. Para tal, a resposta poderá passar pela criação de programa que promova um aumento de população residente e um aumento da população flutuante.

### 3.3. *Identidade e Património*

#### 3.3.1. *O edificado*

##### 3.3.1.1. *A arquitetura vernacular alentejana*

Os edifícios encontrados na zona histórica variam entre volumes de um e dois pisos de altura. Apresentam elementos da arquitetura vernacular alentejana: fachadas caiadas para proteger o adobe (construção típica do Alentejo), poucos vãos e de pequenas dimensões para ter um melhor desempenho térmico, telhados de duas ou mais águas de telha canudo, chaminés alongadas perpendiculares ao cumee dos telhados, rodapé e guarnições de vãos em madeira pitados predominantemente de azul. Enquadra-se, por ter essas características, no tipo de casa tradicional ribatejana. (Fig.50 e 51)

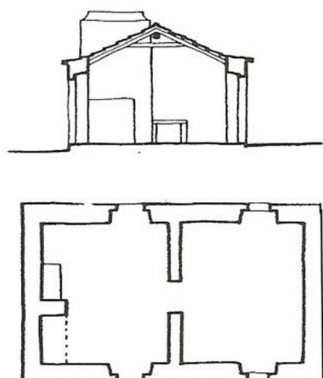


Figura 50. Corte e planta Arquitetura vernacular alentejana

Os edifícios são maioritariamente unifamiliares existindo, no entanto, alguns edifícios multifamiliares com um fogo por cada um dos dois pisos sendo a circulação vertical efetuada no interior. Na frente de rua encontramos a fachada formada pelo edifício e por vezes nas traseiras existe um pequeno logradouro. Fora dos eixos principais já será possível encontrar casas com pátio e muro a formar a frente de rua bem como acessos verticais exteriores.

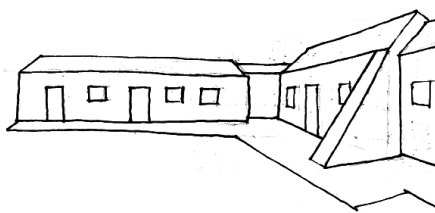


Figura 51. Esboço habitação exemplo em Porto Covo da Arquitetura vernacular alentejana

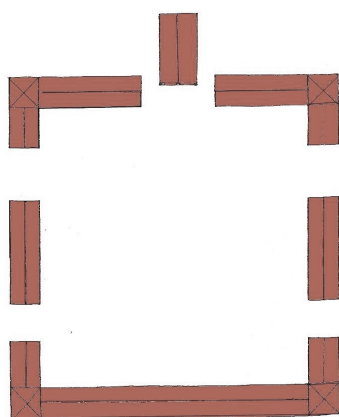


Figura 52. Planta e Alçado Praça Marquês de Pombal



Figura 53. Habitação em Porto Covo

Junto á praça Marquês de Pombal encontramos a igreja e edifícios também de caráter vernacular, no entanto com os telhados mouriscos de quarto águas e os volumes cúbicos predominantes assemelha-se às casas saloias típicas da região de Lisboa. (Fig.53-56)



Figura 54. Pormenor alçado porta

Figura 55. Pormenor edifícios da praça Marquês de Pombal

Uma reinterpretação da arquitetura vernacular poderá ser uma resposta para a dinamização de Porto Covo. O turismo de habitação ou de caráter mais cultural tem vindo a ganhar popularidade nos últimos anos especialmente no interior aparecendo associado a uma autenticidade que se encontra na arquitetura vernacular, que através do reconhecimento e valorização do património origina turismo, e consecutivamente ajuda o comércio local.

Porto Covo, apesar de ter vários produtos turísticos, continua a ter uma atividade sazonal, predominante durante a época balnear, por depender do produto mar e sol. No entanto, sendo o aglomerado considerado património, ao ser explorado como produto cultural, torna-se um destino turístico resistente às estações.

### 3.3.1.2. Outras referências urbanas locais

O tipo de edifício que encontramos construído na periferia da zona histórica será maioritariamente moradias unifamiliares de dois pisos por vezes geminadas com pátio, por outras isoladas no lote mais predominantes nas regiões mais distantes do núcleo. Embora não se enquadrem na casa tradicional regional apresentam elementos anteriormente referidos que conferem uma identidade local.

Este desenho vai se perdendo quando nos afastamos mais do centro e encontramos edifícios cuja construção apresenta traços mais modernos prejudicando a preservação da identidade da povoação. Para intervir corretamente será necessário recuperar a esse desenho.



Figura 56. Pormenor alçado janela



Figura 57. Fotografia pormenor pavimento praça



Figura 58. Pormenor muro

### 3.3.2. Modelos urbanísticos presentes no desenho urbano

#### 3.3.2.1. Iluminismo pombalino



Figura 59. Planta núcleo histórico

Na origem da povoação, encontramos a zona histórica marcada pelo iluminismo pombalino típico da altura. Apresenta uma malha ortogonal, quarteirões retangulares, uma definição funcional, uma grande relação com o sítio, uma praça que reúne as funções públicas, dois eixos principais ligados às atividades comerciais, um porto junto á foz (motivação principal para a génese da povoação) e nos restantes quarteirões: habitação. (Fig.59 e 60)

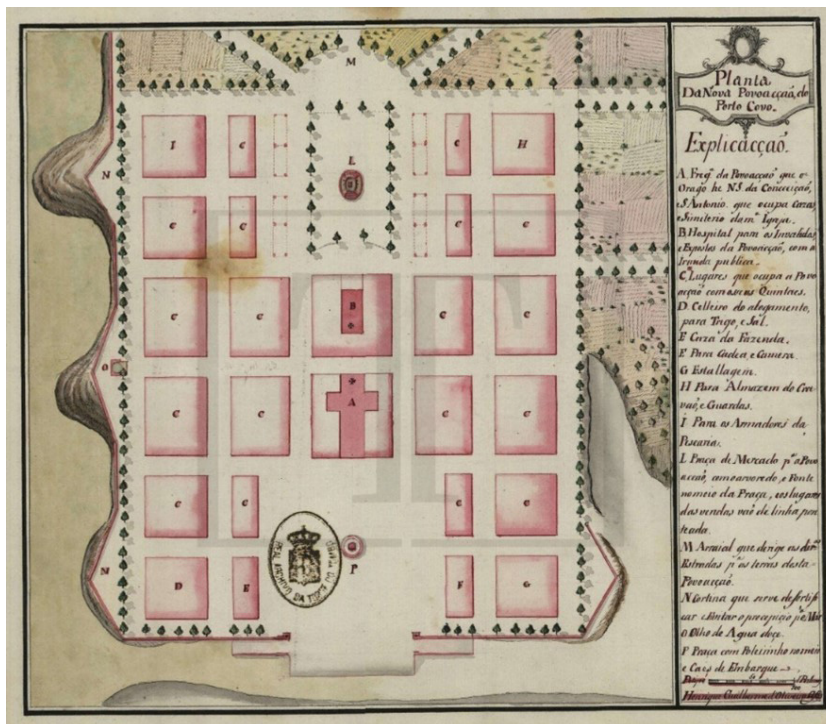


Figura 60. "Planta da Nova Povoação de Porto Covo."



Figura 61. Planta composição de quarteirão com moradia unifamiliar

#### 3.3.2.2. Cidade Jardim

O território de Porto Covo embora tenha na sua estrutura urbana vestígios do iluminismo pombalino no núcleo histórico, o seu desenvolvimento enquadra-se no típico da cidade jardim.

Identificam-se princípios de: setorização ao concentrar funções públicas no centro e ao redor habitação; de densidade urbana que diminui em direção á periferia; limitação do desenvolvimento urbano através de um cordão verde; utilização da moradia unifamiliar para criar quarteirões (Fig.61), incorporando vantagens do campo num contexto urbano; e impasses habitacionais que definem zonas de menor afluência, sem continuidade de tráfego. (Fig.62)

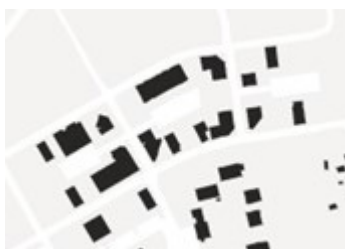


Figura 62. Planta quarteirões impasse

O modelo prevê ainda no núcleo a capacidade de ter habitação para morarem, local para trabalhar e espaços públicos verdes para lazer. No entanto, o aglomerado está dependente da sede de conselho a nível laboral devido á falta de trabalho e maior oferta em Sines.



Figura 63. Quinta da Malagueira, Évora

## 4. *Projetos de referência*

- 4.1. *Quinta da Malagueira - Álvaro Siza, Évora*
- 4.2. *Bairro Alto do moinho - Francisco Silva Dias, Lisboa*
- 4.3. *Ecork Hotel - José Carlos Cruz, Évora*
- 4.4. *Hostel rural - atelier Rua, Tavira*
- 4.5. *Kingo Houses - Jorn Utzon, Dinamarca*
- 4.6. *Belapur Housing - Charles Correa, Índia*

Atendendo á especificidade do programa e do local, os casos de estudo selecionados serão apenas uma referência para o projeto, mas funcionarão de forma parcial por não existirem referências de projetos idênticos.

#### 4.1. Quinta da Malagueira - Álvaro Siza, Évora



Figura 64. Quinta da Malagueira



Figura 65. Rua na quinta da Malagueira

A quinta da Malagueira, construída em 1977 como parte do projeto SAAL, abrange uma área de 27 hectares e contém 1200 habitações.

O bairro é um projeto de referência porque reinterpreta as casas tradicionais portuguesas em pátios, adaptando-as à atualidade, preservando e evidenciando alguns valores e identidade (Fig.65), e por explorar a construção do limite e relação com a paisagem (Fig.64).

O projeto parte da agregação de módulos habitacionais numa malha ortogonal densa, em que existem várias ruas perpendiculares a uma principal, tendo habitações com pátio de acesso, uns pelas traseiras e outras pela frente, conectando-se a ruas diferentes. Nestas ruas encontramos o espaço público e circulação de pessoas, com espaços comunitários e comerciais pontuais, principalmente ao longo da rua principal (Fig.69).

O módulo, uma habitação unifamiliar de dois pisos, tem uma planta retangular de 8 metros por 11 (Fig.66). São agregados na fachada tardoz e lateralmente a outros módulos, tendo apenas uma fachada para a rua. Devido à densidade e composição urbana, o pátio é utilizado para superar a falta de iluminação natural e abertura de vãos interiores, proporcionando uma relação direta com o exterior (Fig.67).

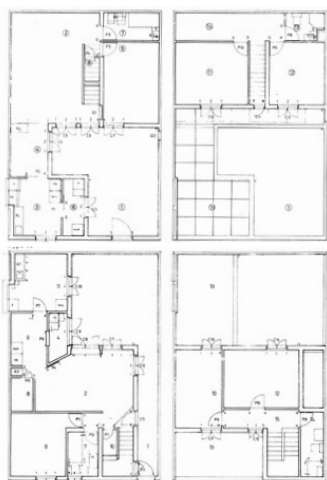


Figura 66. Plantas dos pisos térreos e primeiros pisos tipo A e B

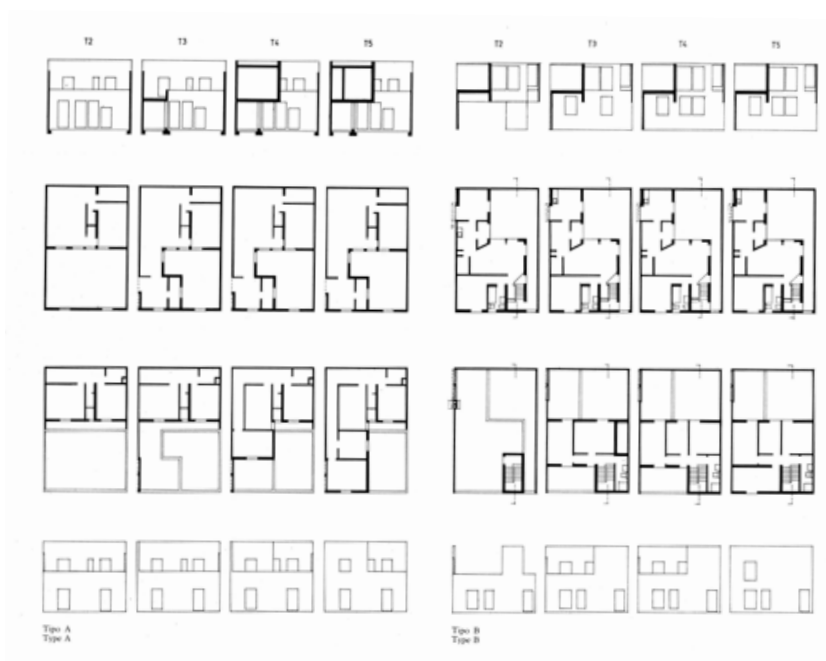


Figura 67. Cortes, plantas dos pisos térreos e primeiros pisos e alçados tipo A e B em quatro fases evolutivas



Figura 68. Quinta da Malagueira - relação bairro com envolvente



Figura 69. Fotografia Quinta da Malagueira

#### 4.2. *Bairro Alto do moinho – Francisco Silva Dias, Lisboa*



Figura 70. Bairro Alto do moinho

O bairro Alto do Moinho foi desenvolvido na década de 70, também do projeto SAAL. Tem semelhanças com a Malagueira na génese do módulo e na agregação e organização ao longo das vias rodoviárias, mas apresenta um desenho urbano radial distinto devido á topografia(Fig.71).

Esse desenho produz espaços intersticiais diferentes, perpendiculares às vias radiais, onde se desenvolvem os espaços públicos do bairro, que fazem o acesso vertical pedonal entre vias e o acesso às habitações(Fig.72-74). O acesso ao interior da habitação é sempre mediado por um pátio privado, que posteriormente pode ser ocupado para expansão da habitação, evidenciando o carácter evolutivo das habitações(Fig.72).

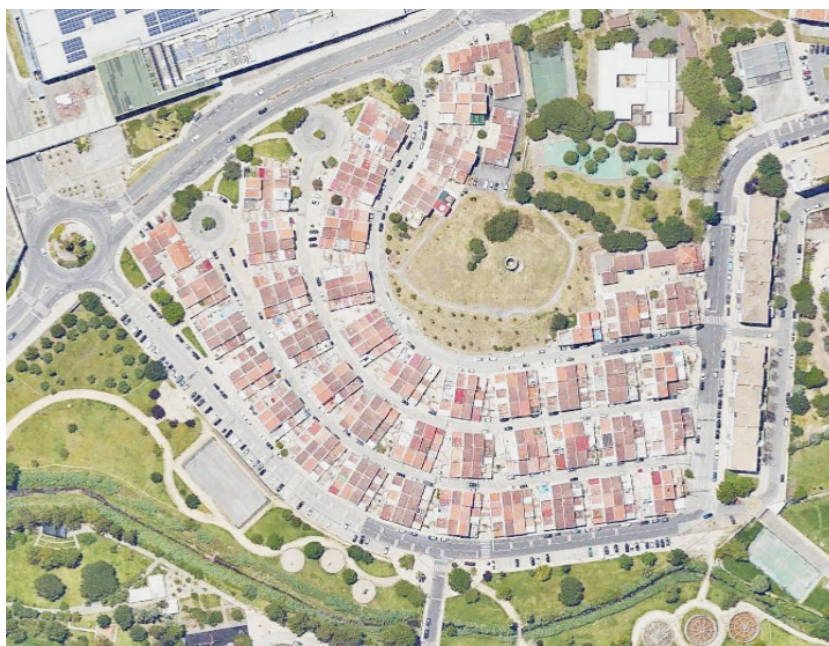


Figura 71. Ortofotomapa Bairro Alto do moinho - o desenho urbano radial.

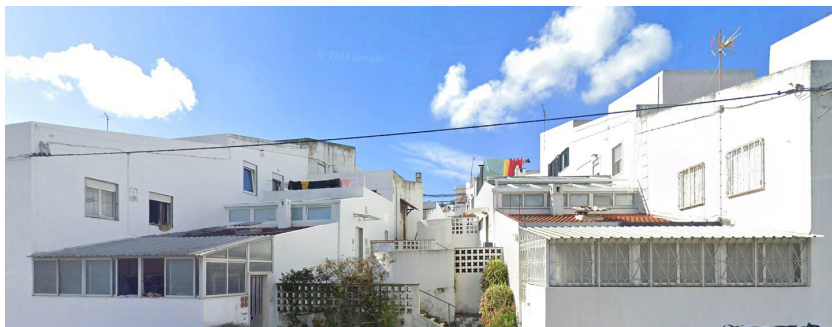


Figura 72. Pormenor espaço público do Alto do moinho



Figura 73. Pormenor espaço público do Alto do moinho



Figura 74. Pormenor espaço público do Alto do moinho

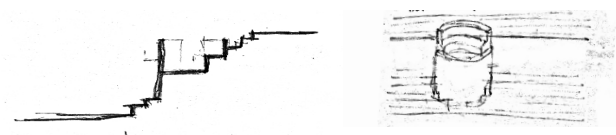


Figura 75. Esboço espaço público do Alto do moinho

### 4.3. *Ecork Hotel – José Carlos Cruz, Évora*



Figura 76. Ecork hotel - relação pátio com envolvente



Figura 77. Planta de implantação - relação módulos com núcleo



Figura 78. Planta e alçados módulo base

O Ecork Hotel, em Évora, é um projeto de estudo que contém a ideia do módulo de base (alojamento) (Fig.78) que se vai repetindo ao longo do território, organizado pelos eixos pedonais (Fig.77 e 79).

No entanto, este alojamento não é agregado nas traseiras, contendo um pátio, junto a essa fachada, aberto à paisagem. O núcleo principal distingue-se pelas dimensões e contém os espaços de apoio ao hotel, nomeadamente uma piscina interior, uma piscina exterior, spa, restaurante, ginásio, bar, zona administrativa, receção de hóspedes, salas de reuniões, zona de arrumos e um terraço panorâmico. Com 6300 metros quadrados de área, possui 56 alojamentos individuais, cada um com cerca de 75 metros quadrados, incluindo um quarto de casal, instalação sanitária e sala de estar com cozinha.

O projeto destaca-se pela relação interior/exterior entre os alojamentos e a paisagem, que através da seleção de materiais como os pavimentos em terracota e as paredes caiadas produz uma atmosfera da região do Alentejo (Fig.80).



Figura 79. Ecork hotel - distribuição dos módulos



Figura 80. Ecork hotel - Relação entre módulo alojamento e o pátio adjacente



Figura 81. Ecork hotel - relação do núcleo com envolvente

#### 4.4. *Hostel rural - atelier Rua, Tavira*



Figura 82. Vista aérea hostel rural

O Hostel Rural em Tavira é um projeto de estudo com área de cerca de 600 metros quadrados.

Contém apenas 3 quartos, cada um com um espaço de dormir, uma instalação sanitária, e o respetivo pátio que faz o acesso ao interior. Além dos quartos, os espaços de serviço do hotel estão em edifícios restaurados, onde se encontra uma área de refeições, cozinha, receção, tanque de lazer exterior, zona de arrumos, lavandaria e 4 salas. Situando-se entre vias rodoviárias, é protegido por um muro, olhando desta forma para os pátios e espaços interiores, em oposição ao projeto referência anterior.

A construção em pátio, o uso de vegetação autóctone, pequenas fenestraçãoes, a seleção de materiais, o uso de caniços para cobrir espaços externos e o restauro dos edifícios locais permitem recriar uma atmosfera típica da região e respeitar sua identidade (Fig.84-86).



Figura 83. Planta implantação



Figura 84. Espaço exterior hostel rural e a materialidade



Figura 85. Relação módulo alojamento com o espaço exterior em pátio



Figura 86. Pátio exterior - o impacto da luz entre a pérgola e vegetação

#### 4.5. Kingo Houses – Jorn Utzon, Dinamarca



Figura 87. Kingo Houses

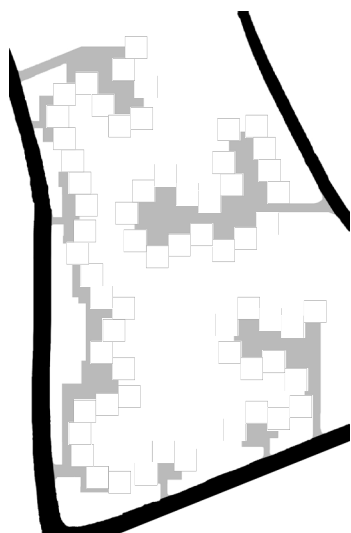


Figura 88. Esquema acesso viário diferenciado do acesso ao espaço público

Kingo Houses, na Dinamarca, é um conjunto habitacional com 60 casas que se desenvolvem em torno de um lago, acompanhando a topografia. Esta forma orgânica de desenvolver as ruas permite criar um espaço comunitário central verde separado do acesso viário aos impasses de estacionamento localizados na face contrária (Fig.88).

As casas em pátio, desenvolvem-se num L, cujo uma das extremidades é composta pela área social (sala de estar e espaço de trabalho) e a outra pela área mais privada (espaço de dormir), na charneira localizam-se as áreas húmidas (cozinha e instalação sanitária) (Fig.89). O lote é definido por um muro que diminui em altura junto ao pátio, que se abre ao lago e espaço verde e onde há o contacto entre o interior e exterior (Fig.90 e 92).

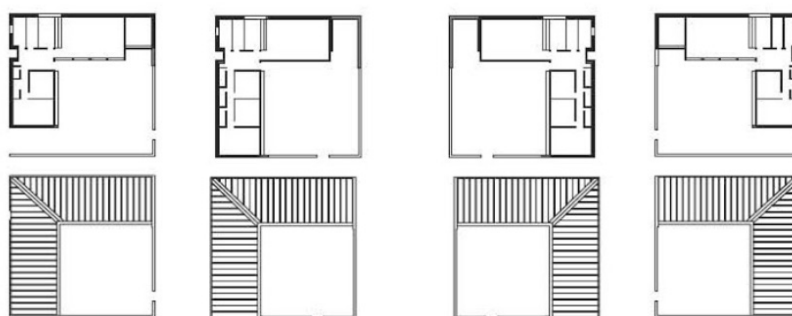


Figura 89. Plantas tipo A, B, C e D



Figura 90. Kingo Houses - relação habitação com envolvente - acesso ao espaço público



Figura 91. Kingo Houses - relação habitação com envolvente - acesso viário diferenciado do acesso ao espaço público



Figura 92. Kingo Houses - relação habitação bairro com o rio

#### 4.6. Belapur Housing – Charles Correa, Índia

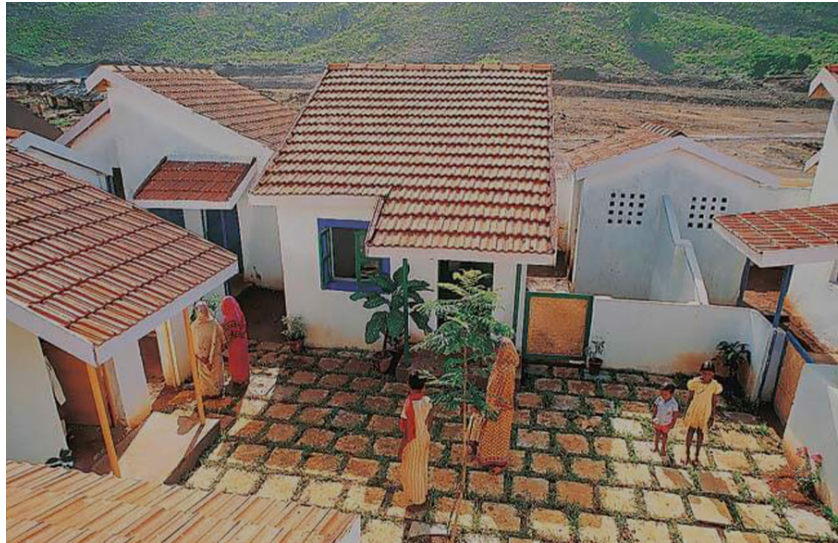


Figura 93. Belapur housing - relação pátio de acesso e pátio privados

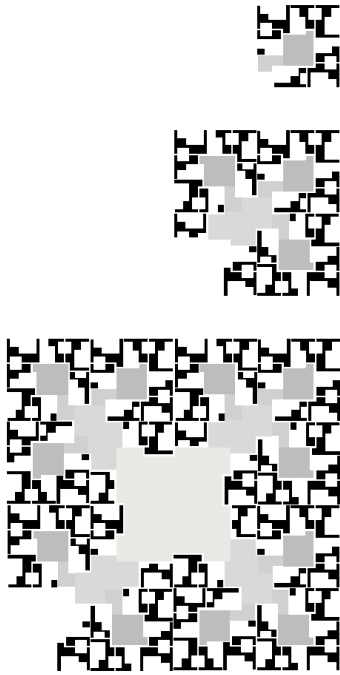


Figura 94. Esquema seqüência pátios do mais público ao mais privado

Na Índia, Charles Correa desenvolve um plano habitacional denso e com poucos pisos para resolver a falta de habitação. A ideia era permitir que cada família tivesse um terreno individual, permitindo futuras expansões. Os lotes foram agrupados em conjuntos de 7, formando um quadrado aberto num dos cantos, criando um pátio acesso ao interior das habitações (Fig.93). Este pátio é posteriormente agregado a outros três grupos, formando um pátio central. O mesmo acontece com este conjunto, que unindo-se a outros três conjuntos forma um pátio principal (Fig.94).

A hierarquia dos espaços, do mais privado no lote, ao primeiro pátio de 7 famílias, para o segundo de 28 famílias e assim sucessivamente, possibilita diferentes níveis de privacidade e comunidade, estimulando um sentido de vizinhança e proximidade, ao mesmo tempo que oferece espaço resguardado.

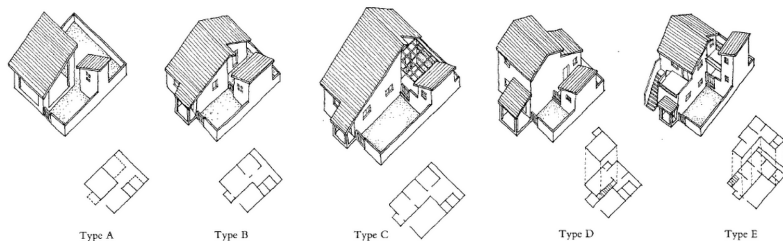


Figura 95. Axonometria e planta tipologias



Figura 96. Belapur housing - relação dos volumes



Figura 97. Belapur housing - relação interior exterior





Figura 98. O bairro

## *5. O projeto do Bairro em Porto Covo*

### *5.1. O lugar de Porto covo*

#### *5.1.1. Proposta intervenção urbana*

### *5.2. O novo bairro*

#### *5.2.1. O lugar do bairro*

#### *5.2.2. O projeto trabalhado com a envolvente*

#### *5.2.3. Mobilidade e acessos*

#### *5.2.4. O espaço público do bairro*

#### *5.2.5. O programa do bairro*

#### *5.2.6. Os espaços de transição entre o construído e a envolvente*

#### *5.2.7. A construção do limite como construção de paisagem*

### *5.3. Os módulos habitacionais e turísticos*

#### *5.3.1. O módulo habitacional*

#### *5.3.2. O módulo de alojamento local*

#### *5.3.3. Materialidade e estrutura*

## 5.1. O lugar de Porto Covo

### 5.1.1. Proposta de intervenção urbana



Figura 99. Plano de urbanização de Porto Covo

A partir do atual plano de urbanização de Porto Covo, (Fig.99) e após uma análise deste, tendo em conta a situação atual da freguesia e o seu desenvolvimento desde a data em que foi executado (2008) foram identificados pontos positivos e negativos, (Fig.100) que deram origem à proposta de intervenção urbana(Fig.101-105).

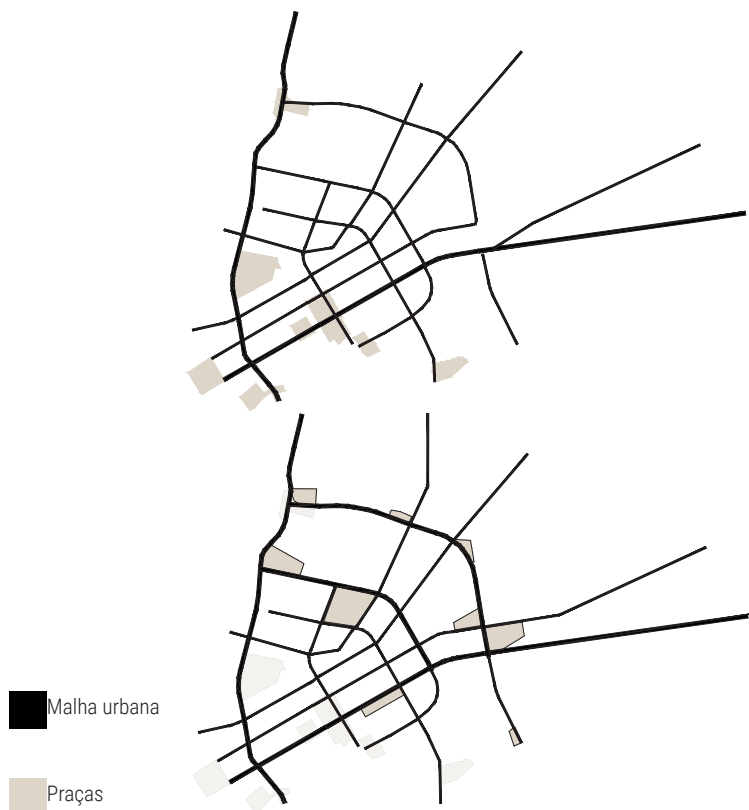
Positivo	Negativo
Redesenho estrutura viária: - desvio do tráfego do centro através da priorização de vias periféricas	Excesso de unidades operativas destinadas ao turismo
Desenvolvimento de novas centralidades e equipamentos: - novo terminal rodoviário - novo espaço multilocos - novo parque desportivo - novo centro cívico: posto da GNR, Junta de Freguesia, Posto de turismo, Centro paroquial	Excesso de unidades operativas destinadas a habitação sem restrição de custos
Requalificação do espaço público junto á CM1109: - arborização e desenvolvimento de avenida marginal	Falta de espaços adequados e serviços básicos para o autocaravanista
Desenvolvimento de galerias ripícolas junto ás linhas de água e sebes arbóreas junto ás arribas	Inexistência de equipamento para crianças com idade inferior a 3 ano (creche)
Extensão do cemitério	Inexistência de equipamentos culturais

Figura 100. Quadro análise dos aspetos positivos e negativos da proposta



- Mobilização do tráfego principal de acesso para a periferia, afastando-se do centro histórico, através da conclusão de uma das vias
- O projeto de um terminal rodoviário adequado, mais centralizado favorecendo um acesso mais cómodo a todos os habitantes.
- A extensão de uma das vias paralelas á CM554 em direção a Este, ligando uma nova área urbanizada.

Figura 101. Planta acessibilidade atual e proposta



- Desenvolvimento de praças junto dos nós urbanos resultantes das novas vias principais periféricas
- Desenvolvimento de espaços de miradouro nos extremos dos eixos.

Figura 102. Planta atual e proposta dos eixos estruturantes e praças

- Consolidação da malha urbana nos vazios urbanos e edifícios devolutos
- Distribuição do programa de turismo e habitação equitariamente ao longo do aglomerado
- Desenvolvimento de equipamentos previstos no plano de urbanização

- Habitação
- Turismo
- Comercial
- Cultura
- Educação
- Serviço público
- Desporto
- Religião
- Edifícios devolutos
- Vazios urbanos



Figura 103. Planta atual e proposta de usos e equipamentos

- Arborização dos novos eixos viários principais
- Novos espaços verdes de ligação entre os nós da malha urbana

- Zona histórica
- Mobilidade exclusivamente pedonal
- Espaços verdes públicos
- Espaços recreio infantil
- Novos eixos arborizados
- Espaços verdes propostos



Figura 104. Planta atual e proposta espaço público e espaços verdes



1. Praça centro cívico

Programa:

- Novo espaço para junta de freguesia
- Posto de turismo
- Posto GNR
- Centro Paroquial
- Espaços comerciais

2. Praça da mobilidade

Programa:

- Novo espaço central verde
- Novo terminal rodoviário
- Espaços comerciais
- Estacionamento

3. Praça da entrada

Programa:

- Espaço público em torno do moinho de vento (marco geodésico)
- Espaços culturais
- Espaços comerciais
- Estacionamento

4. Polidesportivo

Programa:

- Espaço destinado á prática desporto descoberto
- Novo campo de futebol
- Espaço público

5. Espaço multiusos

6. Quartel dos bombeiros

7. Extensão do cemitério local

8. Turismo e habitação

9. Espaço verde de proteção e lazer junto ao afluente



Figura 105. Proposta de plano de urbanização de Porto Covo



## 5.2. O bairro novo

### 5.2.1. O lugar do bairro

O local eleito para o novo bairro, dadas a funções atribuída, turismo e habitação, e após análise do plano, situa-se a norte do aglomerado, junto a um dos acessos principais da vila, a M1109 (Fig.106 e 107).



Figura 106. Via de acesso à vila e limite da área de intervenção a oeste

Figura 107. Área de intervenção



Figura 108. Via de acesso à vila e limite da área de intervenção a oeste - vista sobre o mar



Figura 109. Via que limita a área de intervenção a sul



Figura 110. Ligação com percurso de ciclismo ao longo da costa

O espaço não urbanizado contém uma linha de água que o atravessa, com uma orografia com declive mais acentuado junto desta e no geral a cota do solo diminui em direção á costa no sentido este oeste. É definido a norte pelos limites do aglomerado não sendo possível construir a partir desse local e contendo uma vista privilegiada sobre uma paisagem típica do Alentejo dos montes pontuados por sobreiros e o mar. Assume um papel de destaque por ser o primeiro contacto com o aglomerado e por ser um espaço de remate. Limitado a oeste pela via principal, tendo mais uma vez uma vista privilegiada sobre o mar, sem qualquer obstrução visual. Tem um acesso á praia quase direto apenas separado por essa via (Fig.108).

A sul encontra-se uma via que não tem um papel de via principal atualmente (Fig.109), mas prevê-se que ganhe essa importância no futuro, segundo o relatório, quando for implementada uma rotunda na outra via principal de acesso, direcionado o tráfego para esta, conectando as duas vias principais de acesso e evitando o centro histórico. Do outro lado da via, existe habitação mais recente e o fim de um percurso de espaços verdes que atualmente não está articulado com outros espaços cuja intenção será conectá-la a um novo espaço publico já proposto no plano de urbanização que está articulado com o jardim publico e por último com o centro histórico (Fig.113). A este do local pretendido, encontra-se o parque de campismo da costa do vizir, com alguns acessos ao terreno e cinco habitações mais recentes pouco relevantes. A via principal de acesso não só tem essa hierarquia como via rodoviária, mas também como ligação pedonal ao jardim publico, ao centro histórico e a um percurso costeiro importante que embora pouco trabalhado pelo homem é rico em termos de paisagem e faz a ligação entre todos os acessos às praias e o miradouro de Porto Covo (Fig.110 e 112).



Figura 111. Ligação do percurso arborizada que vem desde a centro histórico



Figura 112. Ligação com percurso de ciclismo ao longo da costa



Figura 113. Ligação espaço público envolvente e o local de intervenção

### 5.2.2. O projeto trabalhado com a envolvente

O projeto do bairro procura estabelecer uma relação com a envolvente e com o aglomerado. Após a identificação dos limites da envolvente, é definida uma área verde que resulta da área protegida adjacente ao rio e a frente ribeirinha, que vem conformar a marginal ribeirinha e criar continuidades com os corredores verdes existentes (Fig.114).

Para agregar o bairro, houve a intenção de desenvolver um percurso que ligue os espaços verdes do aglomerado desde a praça do Marquês até às praias e percursos cicláveis através do bairro (Fig.115).

Figura 114. Esquema desenvolvimento malha urbana - identificação dos limites

Figura 115. Esquema desenvolvimento malha urbana - ligações pretendidas

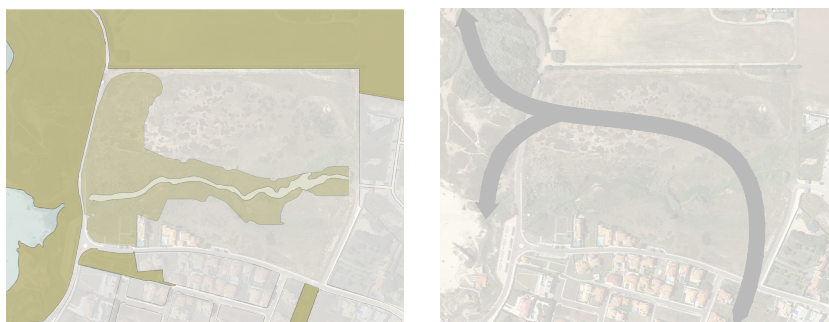


Figura 116. Fotografia rua Vasco da Gama e o mar no horizonte

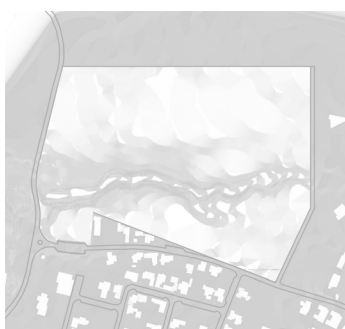
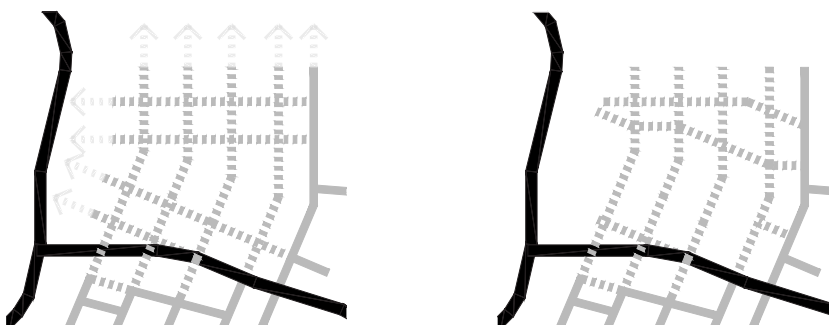


Figura 117. Planta análise inclinação do terreno área de intervenção 1:10000

Figura 118. Esquema desenvolvimento malha urbana - sistema vistas 1:10000

Figura 119. Esquema desenvolvimento malha urbana - adaptação ao terreno 1:10000



Nesta fase, procura-se identificar o percurso de ligação que servirá de elemento distribuidor e agregador do bairro. Para tal dá-se a priorização de um dos eixos através do desalinhamento dos restantes (Fig.120). Este eixo vai ainda permitir uma serie de pontos de vista que intercalam entre a paisagem, o mar e o parque desenvolvido junto ao afluente (Fig.121).

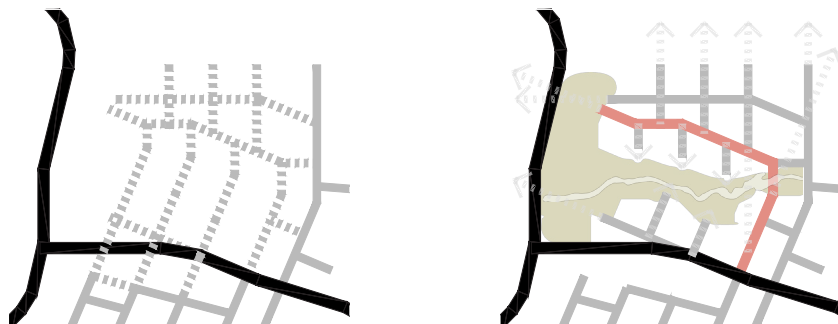


Figura 120. Esquemas desenvolvimento malha urbana - desalinhamento e priorização

Figura 121. Esquemas desenvolvimento malha urbana - eixo distribuidor e sistema de vistas



Figura 122. Planta implantação 1:2000



*"Cities must urge urban planners and architects to reinforce pedestrianism as an integrated city policy to develop lively, safe, sustainable and healthy cities. It is equally urgent to strengthen the social function of city space as a meeting place that contributes toward the aims of social sustainability and an open and democratic society." (Gehl, 2010)*

### 5.2.3. Mobilidade e acessos

O aglomerado da freguesia é facilmente percorrido sem recorrer a um meio de transporte automóvel pela sua dimensão, sendo o mais comum a mobilidade pedonal ou ciclável. Por esse motivo e pela intenção de desenvolver um ambiente mais seguro e saudável, o bairro é desenvolvido tendo como prioridade a mobilidade pedonal limitando a mobilidade viária ao estritamente necessário, havendo, no entanto, a possibilidade de utilização de ruas pedestres para a circulação de veículos em caso de emergência ou para cargas e descargas.

O acesso viário ao bairro é efetuado pelas ruas principais circundantes á área de intervenção (Fig.125 e 126), é a partir destas que nascem duas vias de menor dimensão para o estacionamento dedicado aos moradores do bairro(Fig.125 e 127). Estas vias localizam-se sempre juntos das habitações permanentes de forma a dar fácil acesso. Apresentando um desenho semelhante ao plano urbano de Kingo Houses(Fig.123 e 124).

O acesso viário para os módulos turísticos é feito através do estacionamento subterrâneo. Ao chegar á freguesia pela via principal junto às praias encontra-se uma entrada para o estacionamento junto ao muro que separa o bairro da via. O estacionamento localiza-se por baixo da praça da cultura numa posição central relativamente ao programa turístico e á própria urbanidade, sendo assim um acesso privilegiado aos serviços, aos percursos pedonais junto á praia (Fig.124).

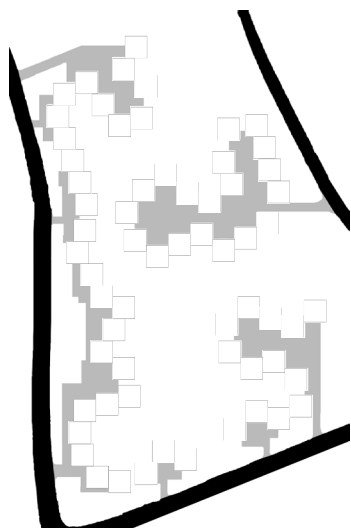


Figura 123. Planta mobilidade Kingo Houses





-  Via principal de distribuição
-  Via secundária de distribuição
-  Estacionamento subterrâneo
-  Estacionamento exterior

Figura 124. Planta mobilidade e acessos 1:4000

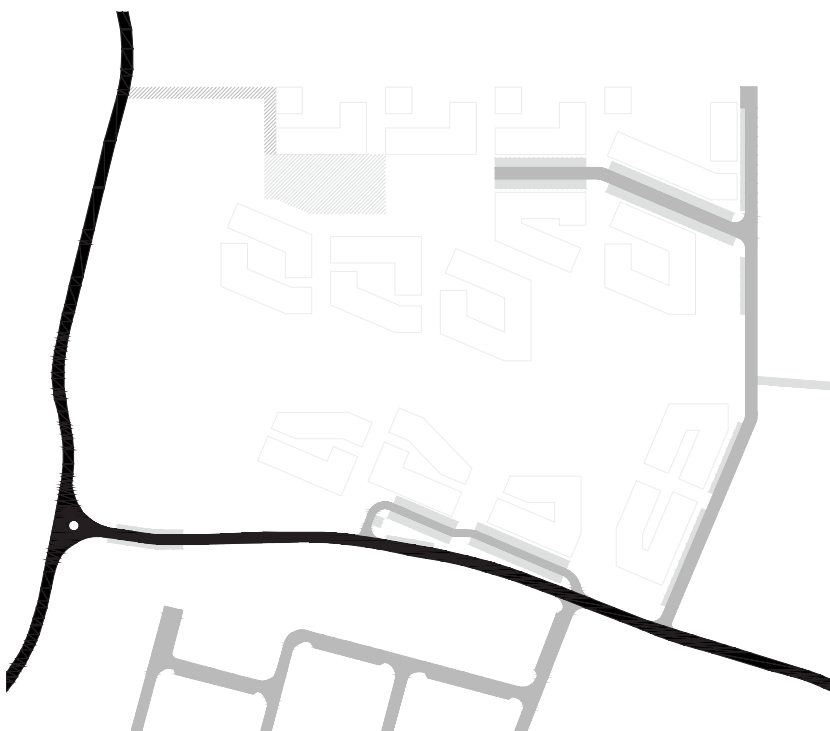




Figura 125. Perspetiva da via principal que limita a sul a área de intervenção - local de estacionamento.



Figura 126. Perspetiva da via secundária que limita a este a área de intervenção - local de estacionamento.



Figura 127. Perspetiva da via secundária inserida no bairro - local de estacionamento.

Todo o bairro está preparado para uma circulação ciclável, contendo um pavimento liso adequado, existindo sempre rampas de acesso vertical quando há necessidade da utilização de escadas, e contém equipamentos que fazem a venda, manutenção e aluguer de bicicletas (Fig.128).



Figura 128. Planta pavimentos 1:4000

#### 5.2.4. O espaço público do bairro

O bairro é rasgado por uma linha de água onde se encontram os espaços verdes (Fig.130) que vão desembocar num grande espaço público com sistema de vistas privilegiado sobre o mar (Fig.131). Aqui gera-se um grande espaço de recreio livre capaz de ter várias utilizações (Fig.133), um espaço mais elevado de miradouro sobre a paisagem do monte e o mar (Fig.137), e ainda um grande espaço de anfiteatro (Fig.134 e 136). É sobre estes espaços que encontramos lugares mais frescos e sombreados junto à linha de água e mais expostos ao sol e mais quentes permitindo uma utilização confortável ao longo do ano.

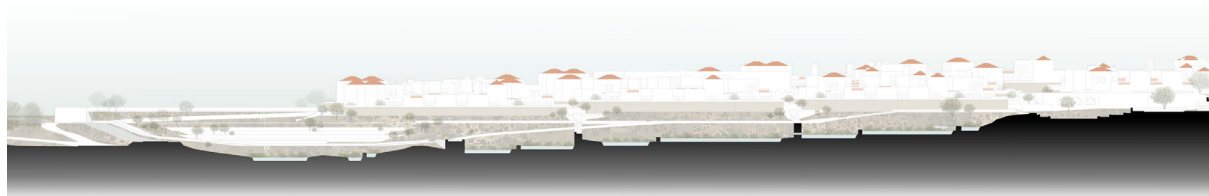


Figura 129. Corte sobre a linha de água 1:2000



Figura 130. Perspetiva aérea sobre o espaço público adjacente à linha de água

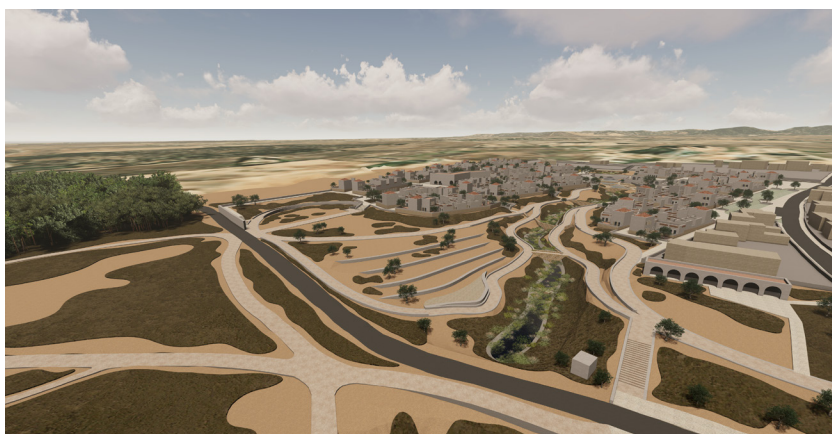


Figura 131. Perspetiva aérea sobre o espaço público da frente ribeirinha

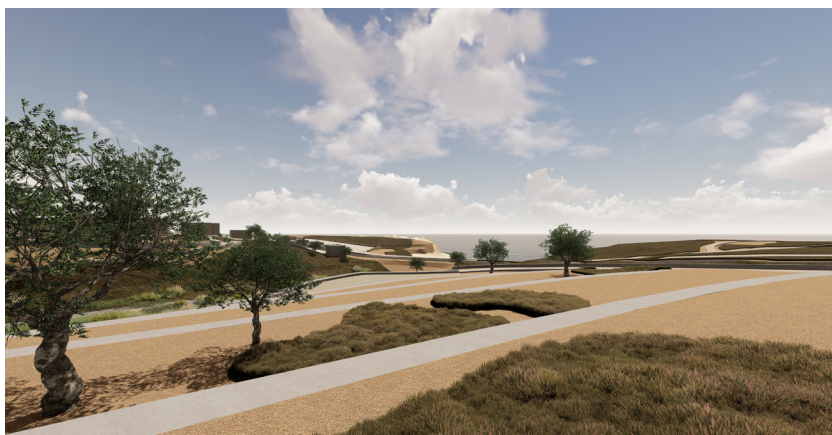


Figura 132. Perspetiva do espaço de recreio sobre o anfiteatro e o mar



Figura 133. Perspetiva do espaço de miradouro sobre o espaço de recreio e o mar

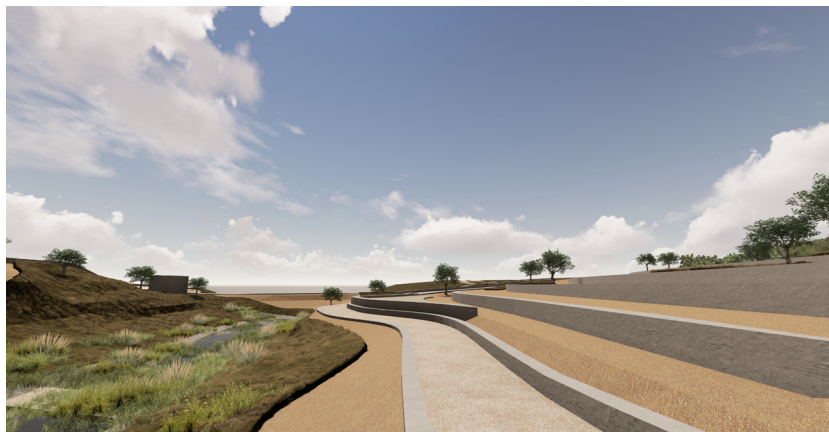


Figura 134. Perspetiva do espaço de anfiteatro junto à linha de água



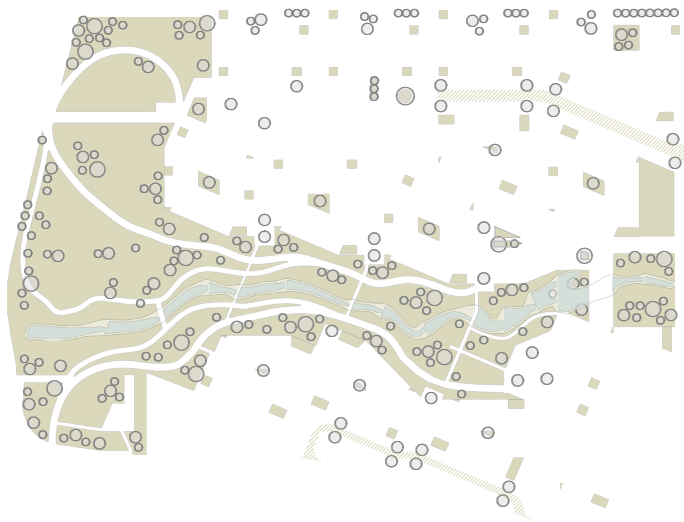
Figura 135. Perspetiva do espaço adjacente à linha de água



Figura 136. Perspetiva do espaço de anfiteatro junto à linha de água



Figura 137. Perspetiva do espaço de miradouro sobre o espaço de recreio e o mar



- Espaços públicos verdes
- Linha de água
- Arborização
- Grelha de enlramento

Figura 138. Planta espaços públicos verdes 1:4000

Este espaço verde costeiro é limitado por um muro que tem uma função de proteção relativamente aos ventos dominantes de norte e noroeste e pela sua posição geográfica junto ao mar (Fig.142). Este muro envolvente assume ainda um programa, sendo que permite o acesso viário ao estacionamento subterrâneo dos equipamentos turísticos, e também instalações sanitárias e balneários públicos(Fig.141).

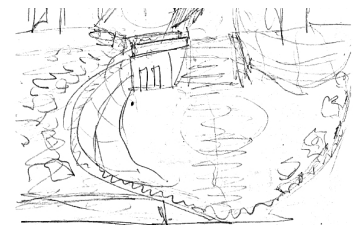


Figura 139. Esboço sobre miradouro, espaço verde livre, anfiteatro

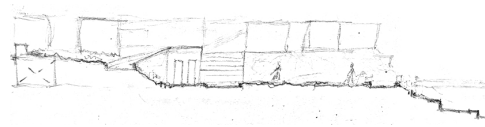


Figura 140. Esboço sobre miradouro, espaço verde livre, anfiteatro

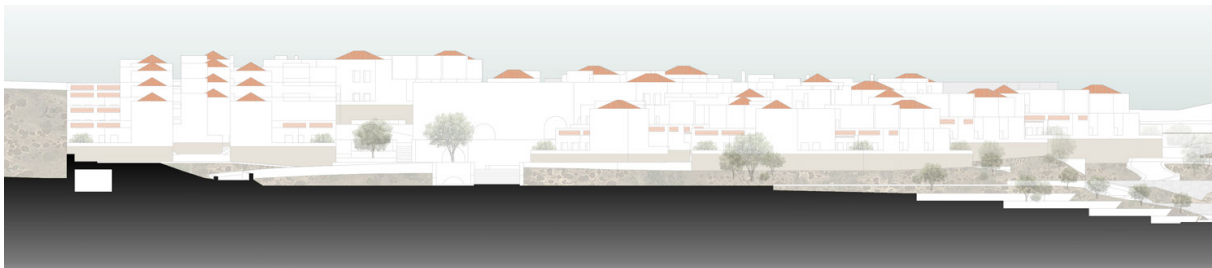


Figura 141. Corte sobre miradouro, espaço verde livre, anfiteatro 1:1000



Figura 142. Perspetiva aérea do espaço de miradouro/muro que define o novo limite do aglomerado.

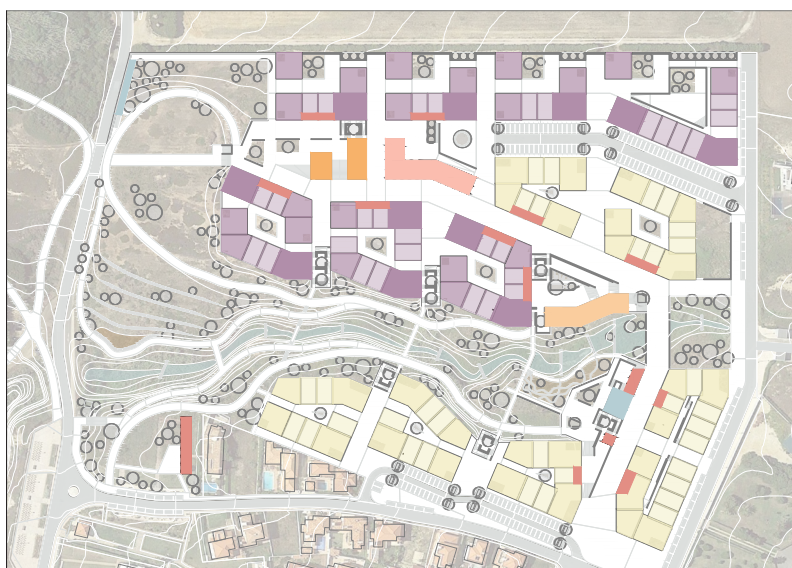
### 5.2.5. O programa do bairro

O bairro é composto por uma malha regular cujo programa principal é habitação de custos controlados e alojamentos de turismo (Fig.143).

A localização do programa, visa explorar relações que se demonstrem benéficas tanto para os moradores como para os turistas. A concentração do alojamento local a norte e junto ao espaço público adjacente á linha de água, permite explorar a potencialidades do território e acrescentar valor á oferta turística. A concentração do programa de habitação a sul em contacto com o edificado envolvente permite um maior contacto com a população já residente, e maior acessibilidade ao resto do aglomerado dada estadia permanente.



Figura 143. Planta de usos do bairro 1:4000



Para conectar os espaços intersticiais do bairro e o mesmo com a freguesia, o bairro é atravessado por um eixo comercial (Fig.146) que faz a ligação pedonal entre os espaços verdes existente no interior do aglomerado, que seguem desde a praça do Marquês, até á costa junto á Praia Grande. Conectando a zona histórica com o novo bairro e as praias, e também os percursos cicláveis existentes junto á costa (Fig.147), á semelhança da praça do Marquês que é atravessada por uma rua comercial que nos guia até ao mar. É sobre este eixo que nascem cinco praças (Fig.144).

A primeira, a praça de acesso faz a ligação entre o bairro e o percurso verde existente, sendo também o cruzamento com a rua de distribuição principal (Fig.145).

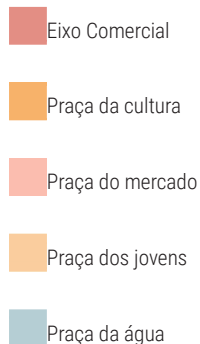


Figura 144. Planta eixo comercial e praças 1:4000

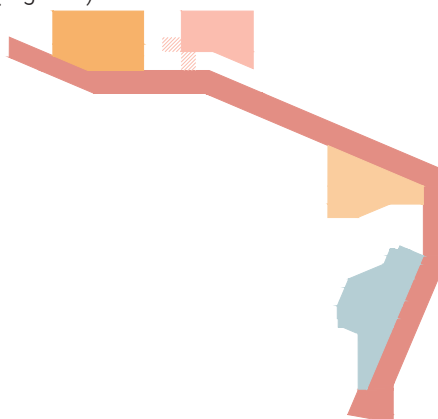




Figura 145. Ligação do percurso arborizada que vem desde a centro histórico com o novo bairro



Figura 146. Rua comercial que atravessa o bairro

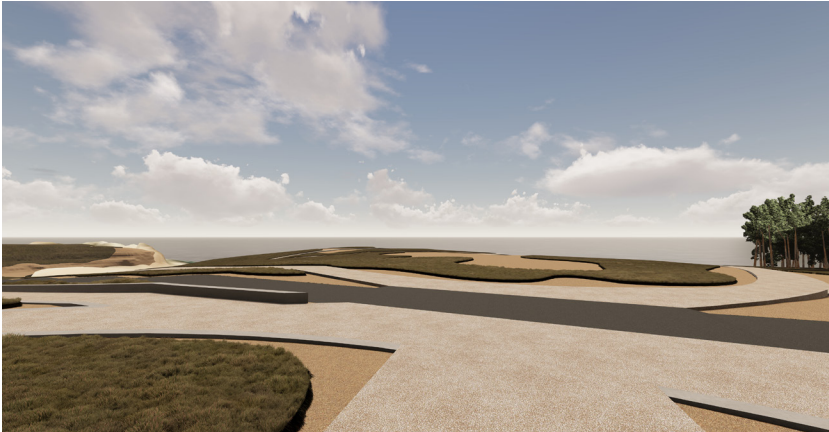


Figura 147. Ligação do bairro com os percursos das praias e de ciclismo

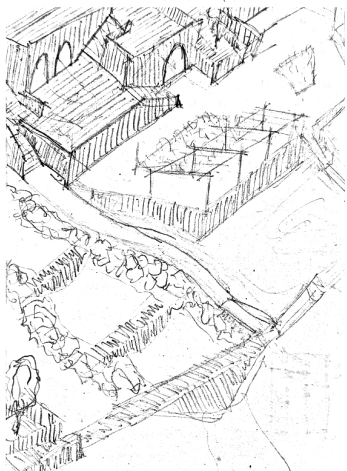
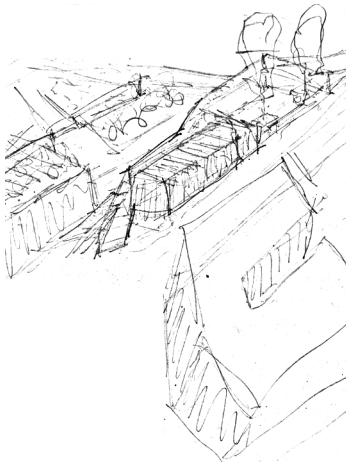


Figura 148. Esboços praça da água

Figura 149. Planta praça da água cota 22 1:1000



Figura 150. Planta praça da água cota 19 1:1000

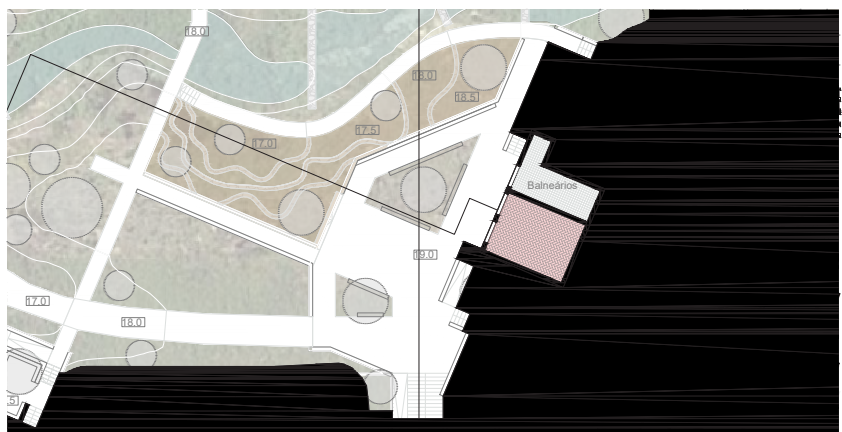
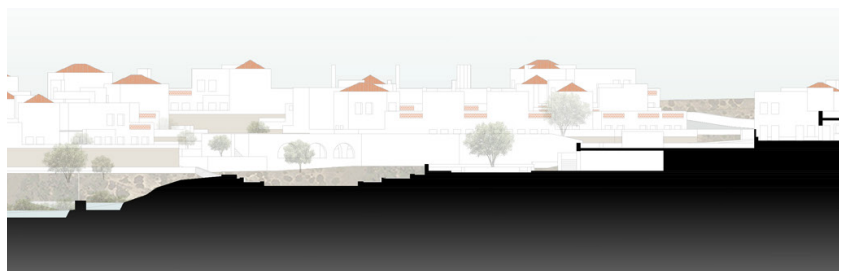


Figura 151. Corte praça da água 1:1000



A segunda, a praça de água faz transição entre o meio construído e o espaço público natural junto á linha de água(Fig.152). Neste espaço encontram-se espaços de restauração e zonas de esplanada. Aproveitando e manipulando o curso e quantidade de água através da criação de barreiras, geram-se bacias de retenção de água para usufruo da população (Fig.154). O acesso á água é mediante uma série de socalcos projetados que serve também como espaços de estar (Fig.155).



Figura 152. A praça como transição do meio construído para o natural



Figura 153. Os espaços de esplanada e os espaços comerciais



Figura 154. O aproveitamento da linha de água para criar espaços de água públicos



Figura 155. Os espaços de estar em soalcos adjacente ao espaço de água



Figura 156. Corte praça da água 1:1000

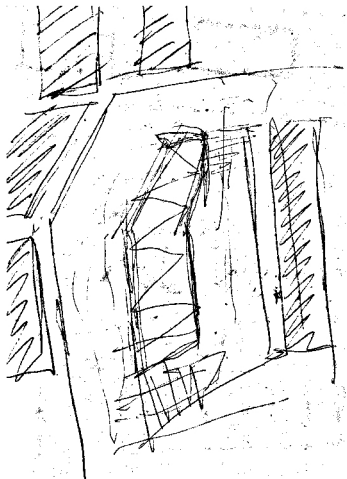


Figura 157. Esboço praça dos jovens

A praça dos jovens, a terceira, será dedicada à população mais jovem, contendo uma creche que visa receber crianças do bairro e de toda a freguesia, promovendo uma maior coesão social. A praça está contida entre a creche e o percurso comercial que se encontra numa cota mais alta (Fig.161). Neste espaço encontra-se também um espaço infantil de apoio á creche, que é público (Fig.162). Na cobertura do equipamento, acessível pela rua comercial, encontra-se zonas de esplanada ligadas aos estabelecimentos comerciais (Fig.163).

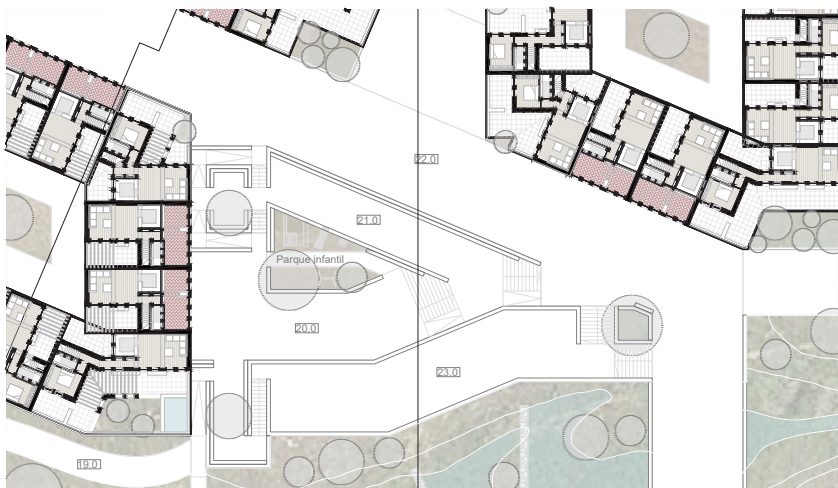


Figura 158. Planta praça dos jovens cota 22 1:1000

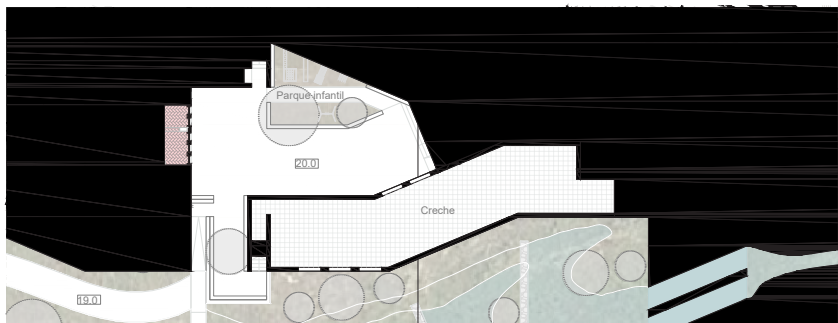


Figura 159. Planta praça dos jovens cota 20 1:1000



Figura 160. Corte praça dos jovens 1:1000



Figura 161. A praça desenvolvida entre a rua comercial e a creche



Figura 162. O espaço infantil público da praça protegido pelo espaço contido



Figura 163. O acesso do eixo comercial ao espaço de esplanada sobre a creche

A praça do mercado, é um espaço contido central que encerra uma via de acesso automóvel e estacionamento, fazendo também a transição para a praça da cultura (Fig. 165 e 169). Nesta encontra-se um mercado de apoio ao bairro e espaços cobertos no piso térreo (Fig.172), um espaço de *cowork* no primeiro piso e o acesso ao estacionamento subterrâneo destinado ao turismo. É novamente um espaço de confluência entre os turistas e os moradores.

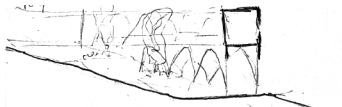


Figura 164. Esboço praça de referência

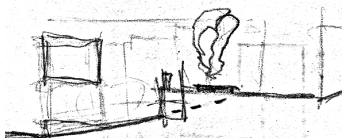


Figura 165. Esboço praça do mercado



Figura 166. Planta praça do mercado cota 22 1:1000

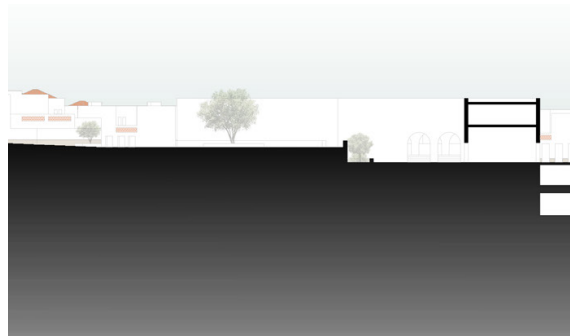


Figura 167. Corte praça do mercado 1:1000



Figura 168. O espaço contido da praça



Figura 169. O encerramento da via automóvel e a diferença de cota para a praça do mercado



Figura 170. A transição da praça do mercado para a praça da cultura



Figura 171. A transição da praça do mercado para a praça da cultura



Figura 172. Os espaços cobertos do mercado adjacentes á rua comercial

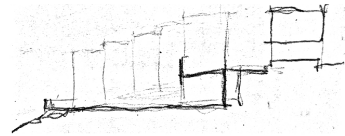


Figura 173. Esboço sobre a praça mercado

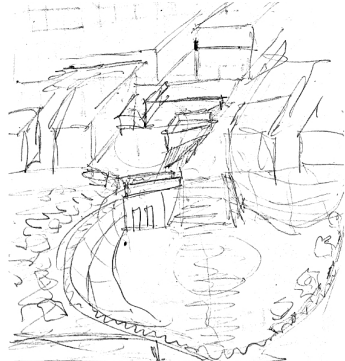


Figura 174. Esboço sobre a praça e espaço público

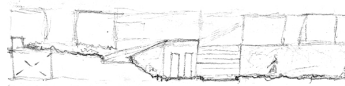
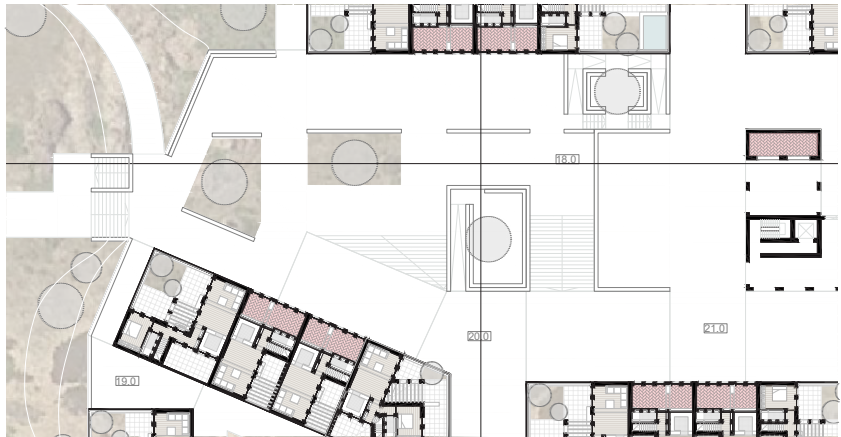


Figura 175. Esboço transição praça para o espaço natural

Figura 176. Planta praça da cultura cota 21 1:1000



A praça da cultura, a última encontrada no percurso comercial em direção ao mar, possui um grande espaço definido pela diferença de cotas em relação á rua envolvente (Fig.177 e 180). Virada para oeste e aberta ao espaço verde costeiro e ao mar, abriga espaços para *workshops* (Fig.181 e 182) vocacionados para artes e ofícios regionais como o artesanato, a cerâmica e a construção em terra, desempenhando uma função mais cultural. O espaço é ainda rodeado por vários acessos em escadaria e patamares a diferentes cotas possíveis de sentar, para a dinamização de eventos com plateia no local (Fig.183). Neste espaço existe ainda um equipamento para aluguer, reparo e comércio de bicicletas, devido á mobilidade pretendida para o bairro.

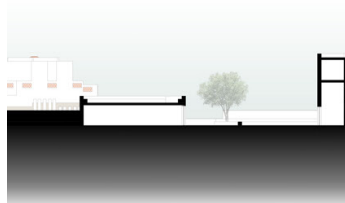


Figura 177. Corte praça da cultura 1:1000

Figura 178. Planta praça da cultura cota 18 1:1000

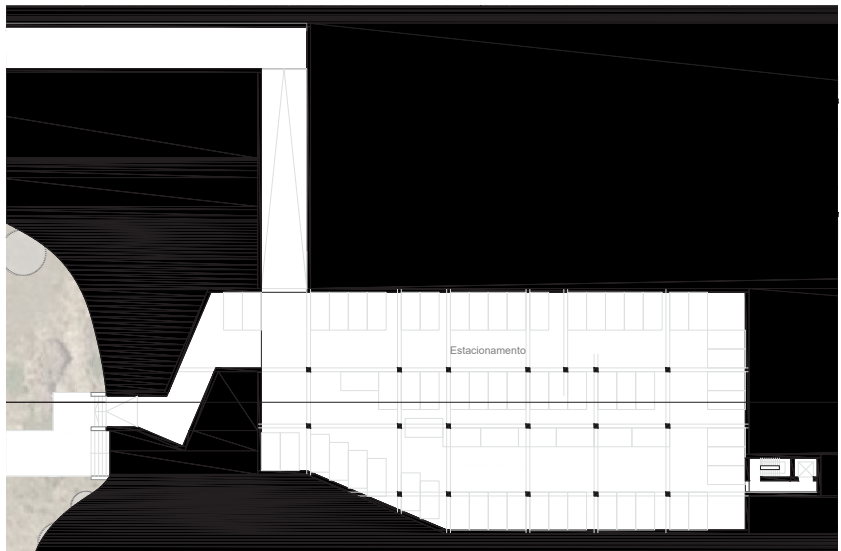


Figura 179. Corte praça da cultura 1:1000  
74





Figura 180. O espaço do praça definido pela diferença de cotas da rua envolvente



Figura 181. Vista do interior de um dos espaços culturais da praça



Figura 182. Os espaços possíveis de sentar e os acessos em escada que vencem a diferença de cota



Figura 183. Os espaços possíveis de sentar quando haja dinamização de eventos

### 5.2.6. Os espaços de transição entre o construído e a envolvente

Os espaços de transição entre o bairro construído e o espaço natural de recreio é feito duas formas: através das praças quando estas comunicam com este (Fig.185 e 186), e através de um módulo criado entre as ruas e o espaço verde adjacente á linha água (Fig.191 e 193). O módulo criado assemelha-se ao espaços de transição desenvolvidos no Bairro do Alto dos Moinhos (Fig.187). A transição das praças, inclui mais áreas verdes atenuando a transição do construído para o meio natural.

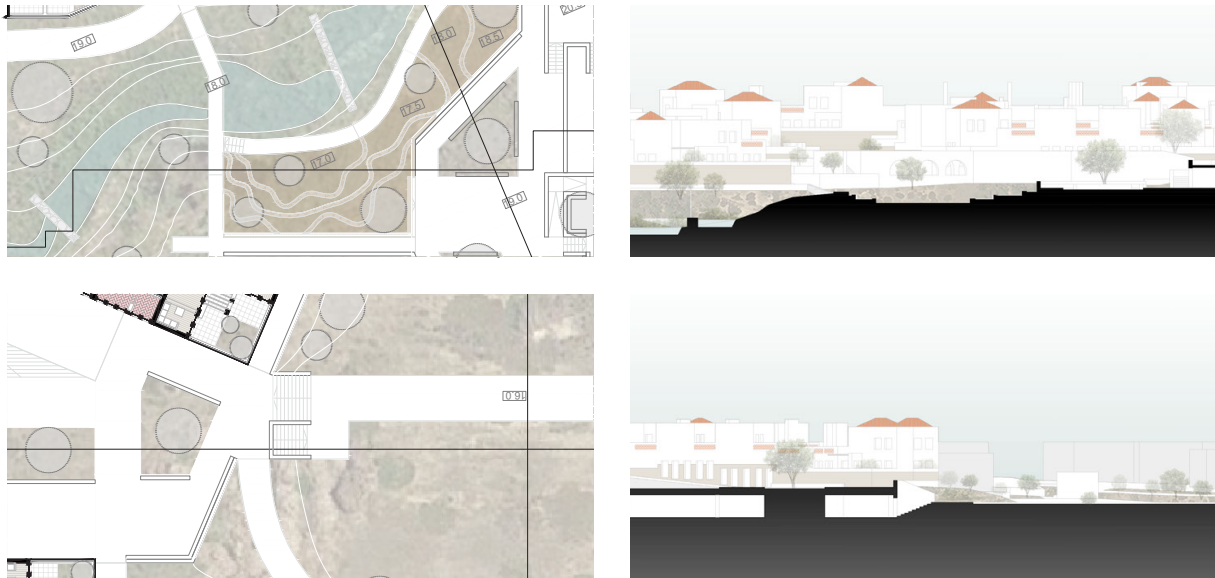


Figura 184. Planta e corte transição praças - espaço verde de recreio 1:1000

Figura 185. A transição da praça de água para o meio natural incluindo mais espaços verdes



Figura 186. A transição da praça da cultura para o meio natural incluindo mais espaços verdes



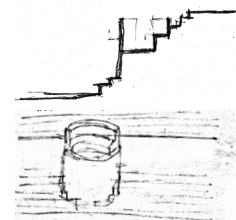
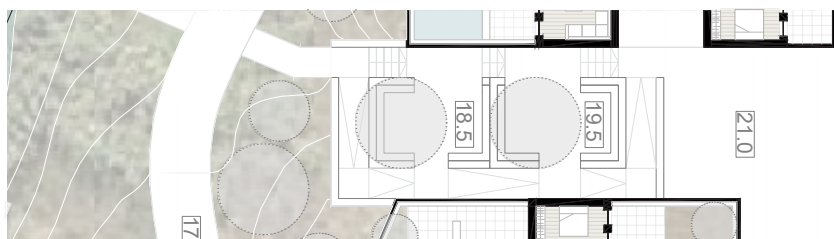


Figura 187. Esboços de referências de espaços de transição - Bairro Alto Moinho

Figura 188. Planta transição rua - espaço verde adjacente à linha água 1:500

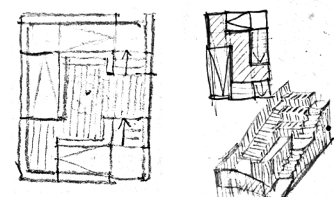
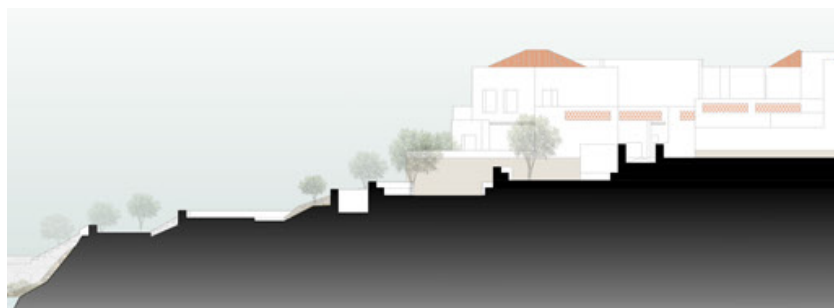


Figura 189. Esboço módulo transição

Figura 190. Corte pelo módulo transição rua - espaço verde adjacente à linha água 1:500



Figura 191. A transição das ruas orientadas a sul para o meio natural através de um módulo com espaços de estar protegidos em patamares



Figura 192. Esboços de referências de espaços de transição

Figura 193. A transição das ruas orientadas a sul para o meio natural através de um módulo

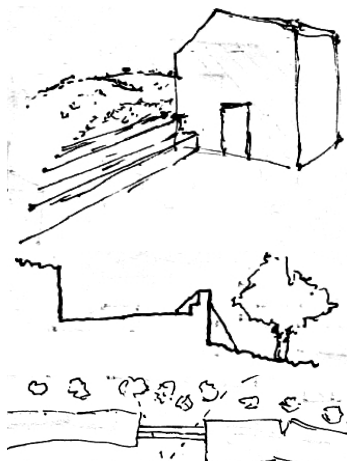


Figura 194. Esboços de referências de limites no território do Alentejo

### 5.2.7. A construção do limite como construção de paisagem

Para o projeto do limite urbano, procurou-se também encontrar relações com a paisagem como as transições do bairro para o espaço verde de recreio, no entanto, aqui desenvolvem-se espaços limítrofes sem continuidade que convidam a permanência para a contemplação da paisagem (Fig.194).

Para além da qualificação de espaços de estar, procurou-se ainda construir o alçado como paisagem (Fig.195), dada a sua posição de nova porta, marcando o acesso à vila.

O limite é definido pelo muro que faz o remate do parque (Fig.196 e 197), dos pátios dos quarteirões abertos a norte (Fig.201 e 203), e dos impasses de ruas que intercalam os mesmos quarteirões (Fig.199). O muro vai sendo intersetado pelos volumes do alojamento local e respetivos pátios privados. Assume ainda a função de banco aproximando-se de referencias do território do Alentejo (Fig.194).



Figura 195. Alçado norte do bairro 1:2000

Figura 196. Perspetiva do novo limite do aglomerado - o muro de remate do parque.

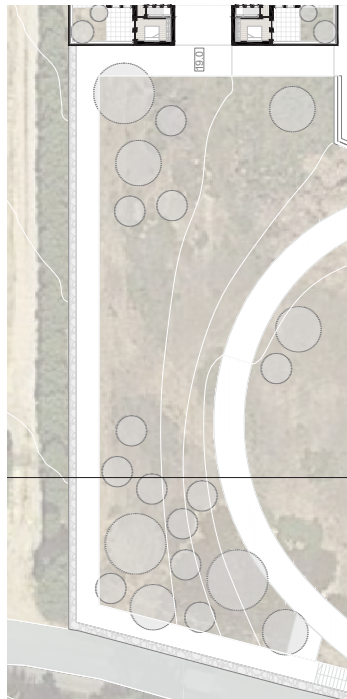


Figura 197. Planta e corte remate do parque com muro 1:1000

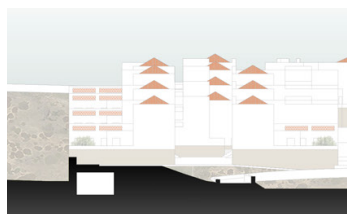


Figura 198. O muro de remate do parque  
78





Figura 199. O limite das ruas através de um muro e banco

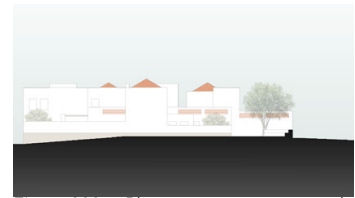
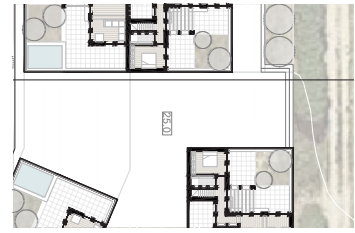


Figura 200. Planta e corte remate de rua de distribuição 1:1000



Figura 201. Os pátios dos quarteirões abertos à paisagem

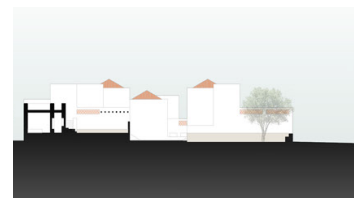


Figura 202. Planta e corte pátios dos quarteirões abertos à paisagem 1:1000



Figura 203. O pátio do quarteirão maior aberto à paisagem

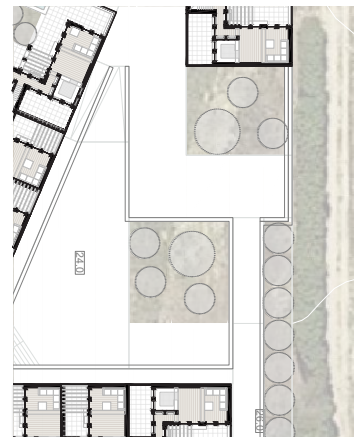


Figura 204. Planta pátio do quarteirão aberto maior 1:1000

### 5.3. Os módulos habitacionais e turísticos

#### 5.3.1. O módulo base habitacional

Os módulos habitacionais á semelhança dos exemplos estudados, Quinta da Malagueira e Bairro dos moinhos, são moradias unifamiliares evolutivas em pátio. Os módulos projetados agrupam-se, no entanto, em quarteirões abertos com pátio central de acesso (Fig.206 e 207), tendo assim duas frentes, uma para a rua e outra para o pátio distinguindo-se assim do exemplos anteriores, que contem apenas uma frente de rua. Essa diferença na sua morfologia urbana origina também diferenças a nível do módulo que tendo duas frente, possuem dois pátios respetivos (Fig.205). A cada um deles corresponde uma especificidade de uso: social, virado para o interior do quarteirão, local de acesso ao interior do lote; privado, virado para a rua..

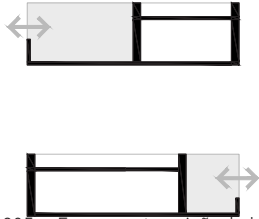


Figura 205. Esquema transição habitação -rua através do pátio

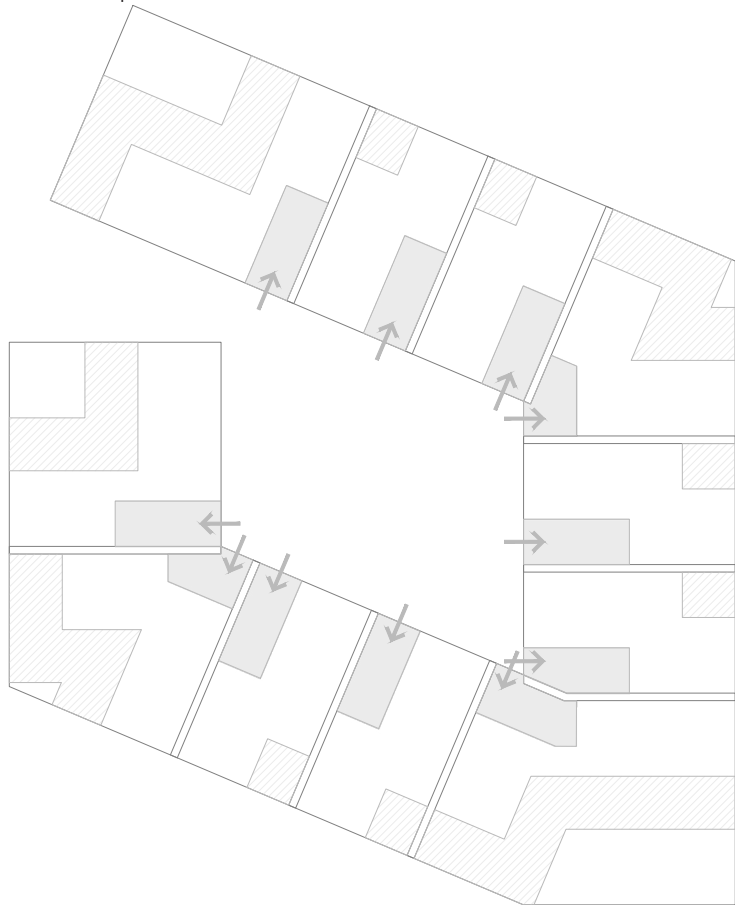


Figura 206. Planta esquemático pátios de acesso e pátios transição para a rua



Figura 207. O pátio central de acesso ás habitações

O módulo traz diretrizes do desenho de uma habitação evolutiva e por esse motivo mais regular na sua forma facilitando esse processo, bem como diretrizes relativas ao habitar quotidiano como a igualdade de espaços de dormir que promove também essa regularização.

O módulo tem uma implantação de 14m por 8,5m onde se inserem dois volumes de diferentes dimensões que se sobrepõem parcialmente(Fig.208). Ao maior correspondem os espaços sociais, sala de estar, sala de jantar; ao menor corresponde o espaço mais privado, o quarto. Da sobreposição dos volumes encontram-se os espaços de serviço, instalação sanitária, cozinha e circulação, que fazem a separação dos dois volumes e pátios correspondentes (Fig.209).

O módulo é assim projetado permitindo diferentes níveis de privacidade.

Pátio privado (pessoal/casal) - Quarto - espaços servidores – Sala – Pátio social (familiar)

Essa sequência de espaços com diferentes níveis de privacidade vem dar seguimento ao iniciado a nível do bairro, posteriormente do quarteirão até chegar á habitação á semelhança do projeto Bellapur (Fig.211 e 212).

Pátio social (familiar) – pátio quarteirão (multifamiliar) – rua de distribuição – rua comercial (geral)

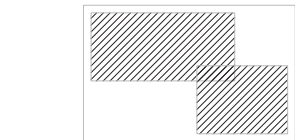


Figura 208. Esquema sobreposição de volumes

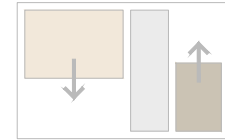


Figura 209. Esquema relação espaços social e privado com respectivos pátios



Figura 210. Gráfico que relaciona o esquema acima e o nível de privacidade, do mais privado (a preto) ao mais público (a branco)

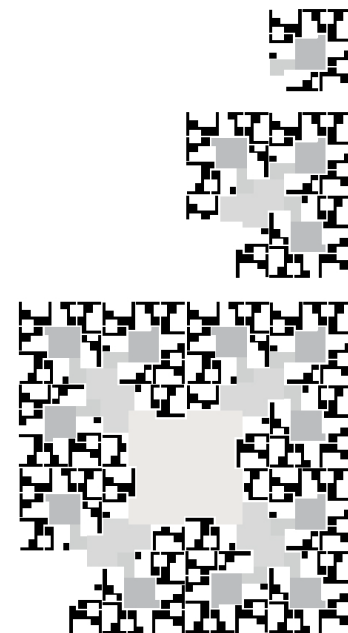


Figura 211. Planta hierarquia privacidade do projeto Bellapur, na Índia

Figura 212. Planta hierarquia privacidade, do mais privado (a preto) ao mais público (a branco)

O módulo inicialmente possui apenas um quarto no piso térreo e circulação vertical exterior, contendo apenas um volume no primeiro piso correspondente á corete(Fig.213 e 214). A particularidade da evolução da habitação permite, que a circulação vertical seja incorporada no edifício através do processo de extensão permitindo um acesso confortável ao primeiro piso e construção de futuros quartos, permitindo atingir tipologia de quarto quartos. A corete permite ainda a construção de instalação sanitária no primeiro piso. (Fig.215-217)

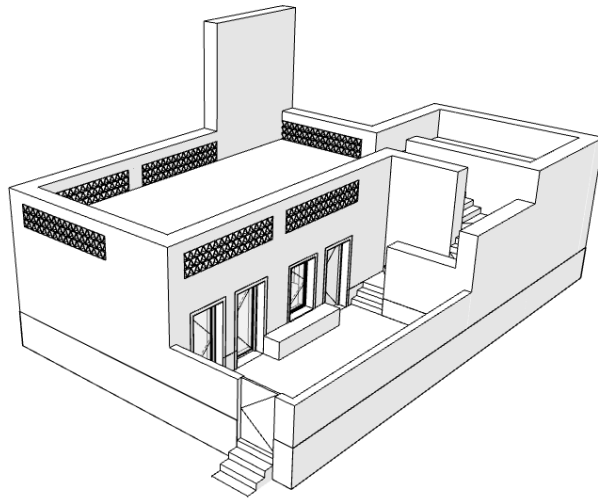


Figura 213. Perspetiva módulo base

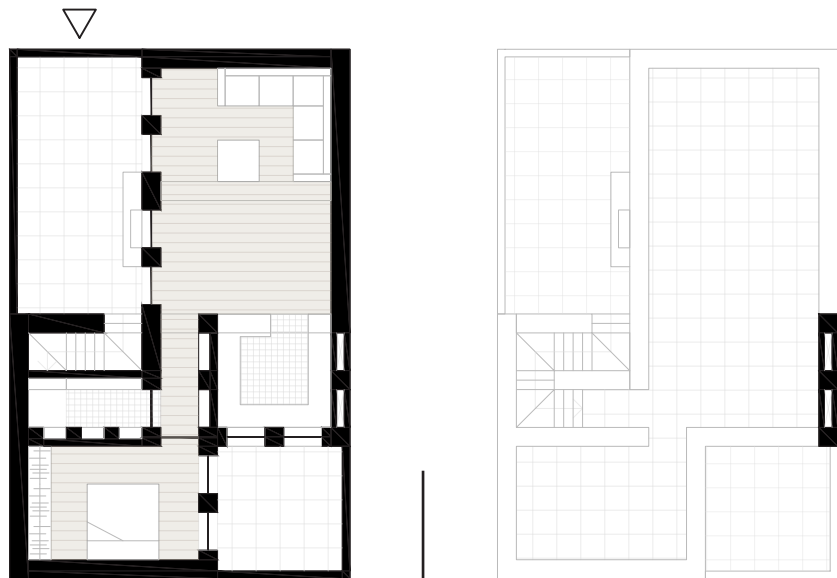


Figura 214. Plantas módulo base na fase inicial 1:200

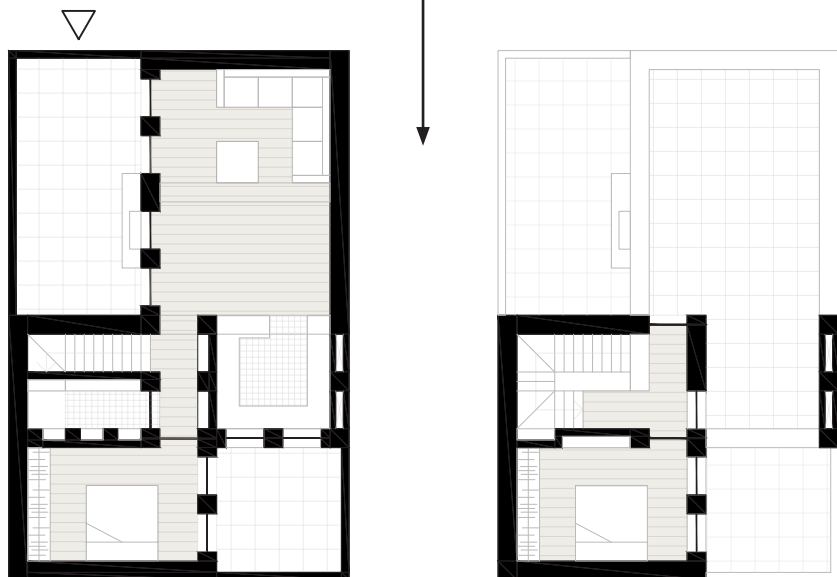


Figura 215. Plantas módulo base na primeira fase evolutiva 1:200

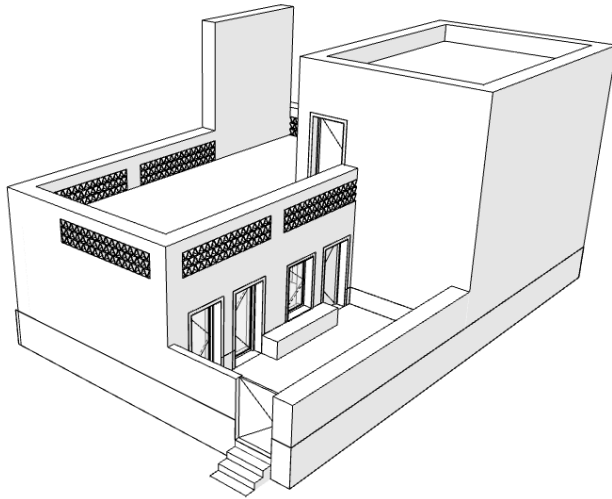


Figura 216. Perspetiva da primeira evolução do módulo base

O espaço de dormir inicial e os projetados terão a mesma área ( $13,5m^2$ ), capazes de acolher várias atividades, desde o descansar ao trabalhar. Ainda que este não seja satisfatório, o primeiro quarto foi desenvolvido junto á face exterior do quarteirão, permitindo que se transforme facilmente num espaço profissional, como uma loja, estúdio, oficina, escritório, etc., com acesso exterior direto (Fig. 218).

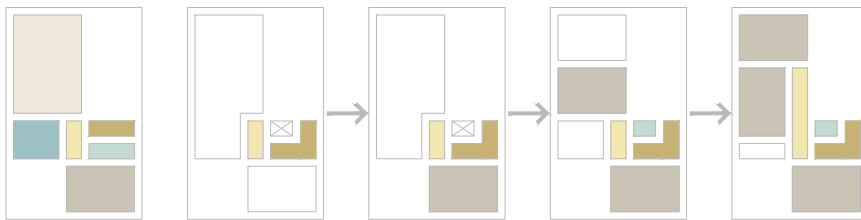


Figura 217. Planta esquemática rés de chão, primeiro piso e as várias fases evolutivas 1:500

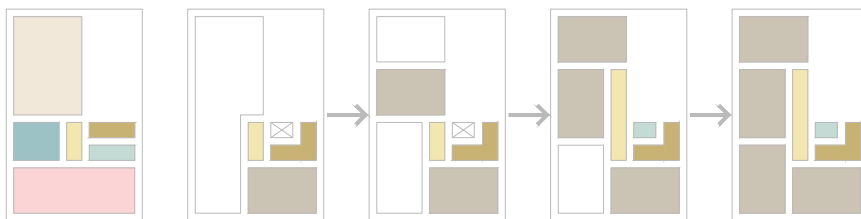


Figura 218. Planta esquemática rés de chão, primeiro piso e as várias fases evolutivas 1:500

O espaço social é um grande espaço aberto composto pela sala de estar, espaço de comer estando ainda conectados com a cozinha. O volume resultante permite uma atividade de grupo, podendo no entanto ser individualizados através de divisórias móveis, permitindo várias atividades em simultâneo (Fig.219).

Figura 219. Planta esquemática possível divisão do espaço social



Os módulos de canto contém os dois volumes do módulo de base idênticos, diferem, no entanto, na sua composição, sendo que um dos volumes sofre rotação e deslocação para a extremidade do lote (Fig.220 e 221). O resultado serão dois pátios, sendo o maior no entanto virado para a rua. Por serem de maior dimensão tem inicialmente 2 quartos podendo chegar a 5 (Fig.222 - 225).

Figura 220. Plantas esquemáticas dos módulos de canto gerados pela locomoção do volume privado 1:500

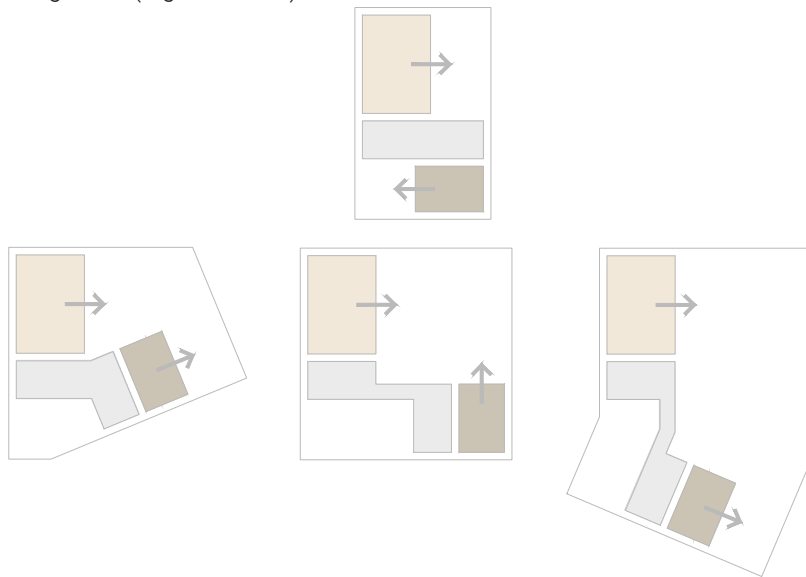
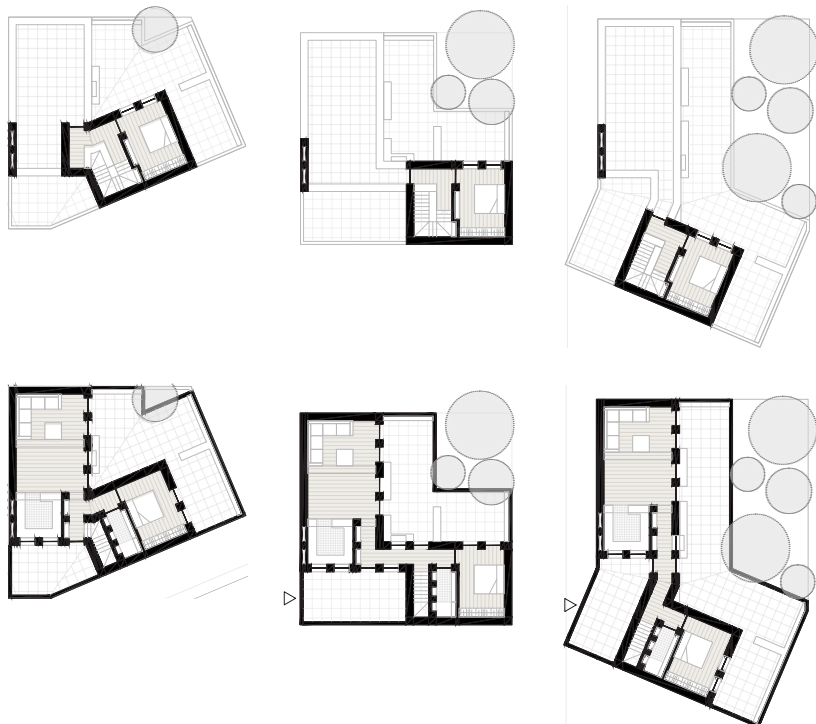
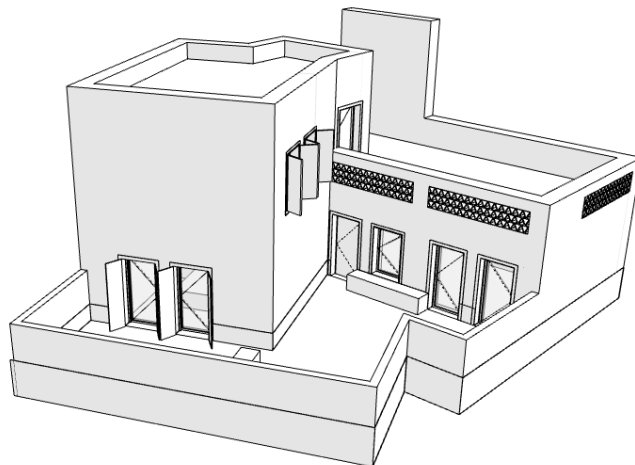
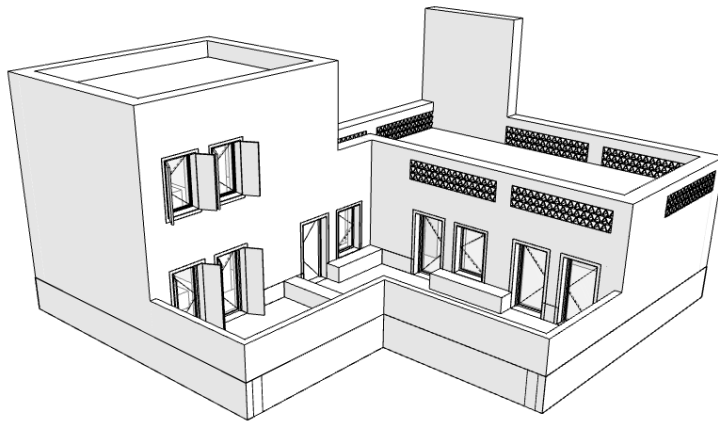
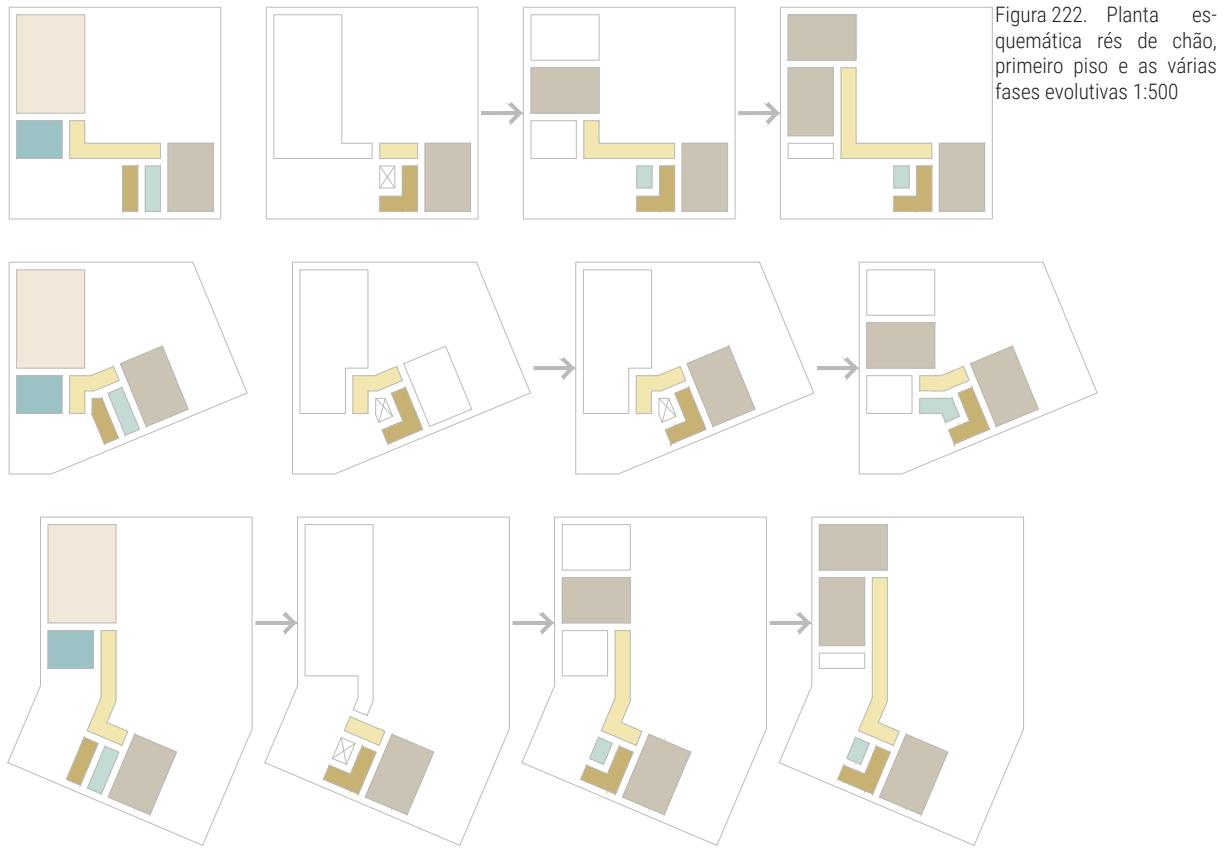


Figura 221. Plantas dos módulos de canto 1:500





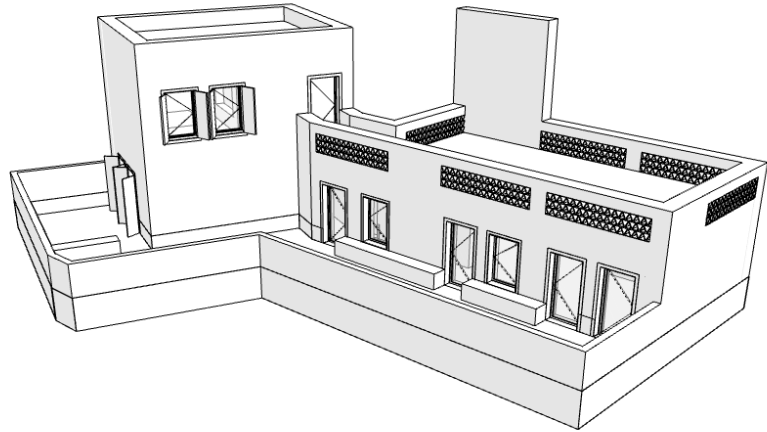


Figura 225. Perspetiva módulo canto



Figura 226. Planta utilização pública dos cantos dos lotes 1:1000

Do lote é ainda tornado público a zona exterior ao perímetro dos dois volumes de origem e pátios correspondentes, gerando um espaço de estar público verde, que devido á sua localização de gaveto dos quarteirões, corresponde aos nós da malha urbana, lugares de cruzamentos e trocas (Fig.226 e 227).



Figura 227. A utilização dos cantos dos lotes como espaços públicos



Figura 228. A utilização dos cantos dos lotes como espaços públicos

### 5.3.2. O módulo de Alojamento local

O módulo de Alojamento Local, parte dos módulos anteriores com mais algumas comodidades como um espaço de água, de estar e trabalhar exterior com zona coberta. Estes podendo também ser desejados pelos moradores, optou-se por não integrar nas habitações para controlar os custos e não limitar usos(Fig.230-231).

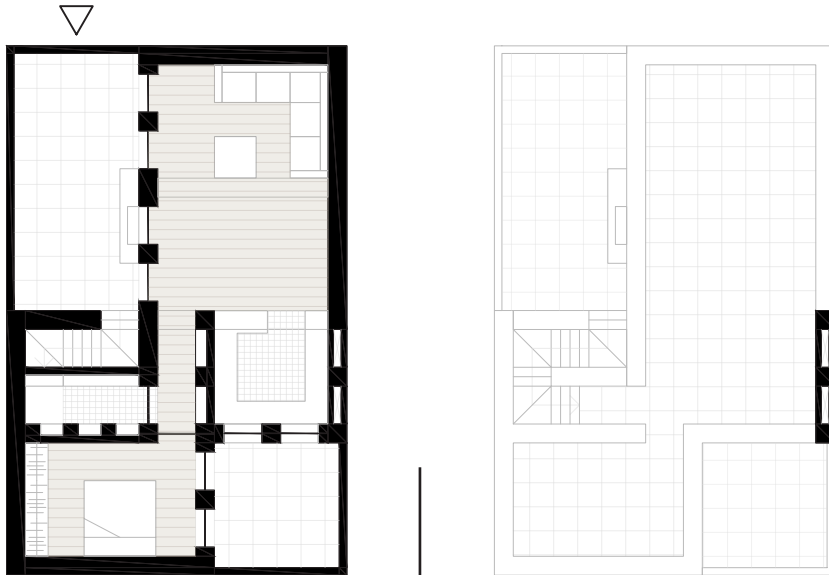


Figura 229. Plantas módulo base habitacional 1:200

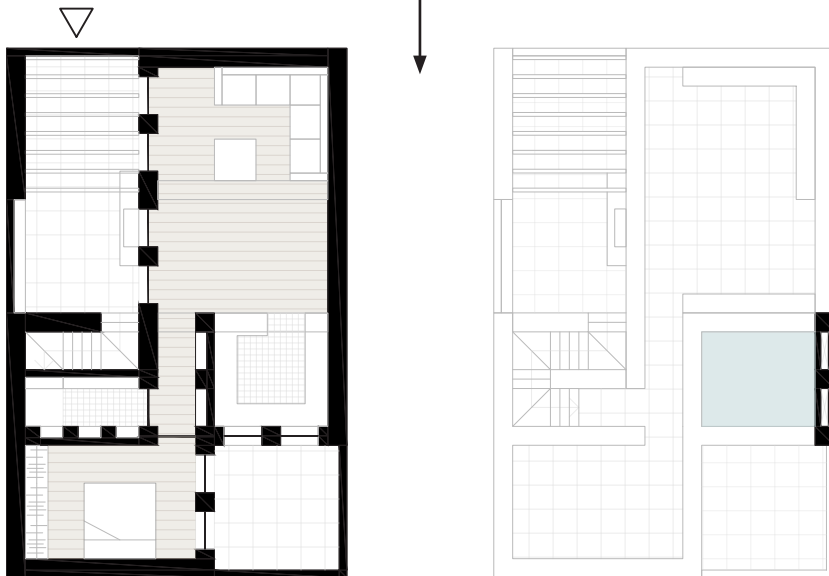


Figura 230. Plantas módulo turístico 1:200

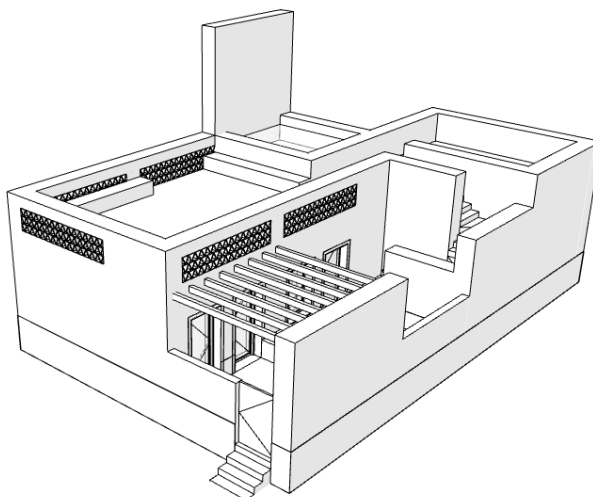


Figura 231. Módulo turístico

Nos módulos de gaveto, o canto do lote correspondente ao espaço público das habitações é privatizado, desempenhando a mesma função de espaço verde. Nos módulos de maior dimensão, o espaço de água ocupa ainda este espaço (Fig.235), nos restantes, ocupa a cobertura devido á área reduzida do lote (Fig.231-234).

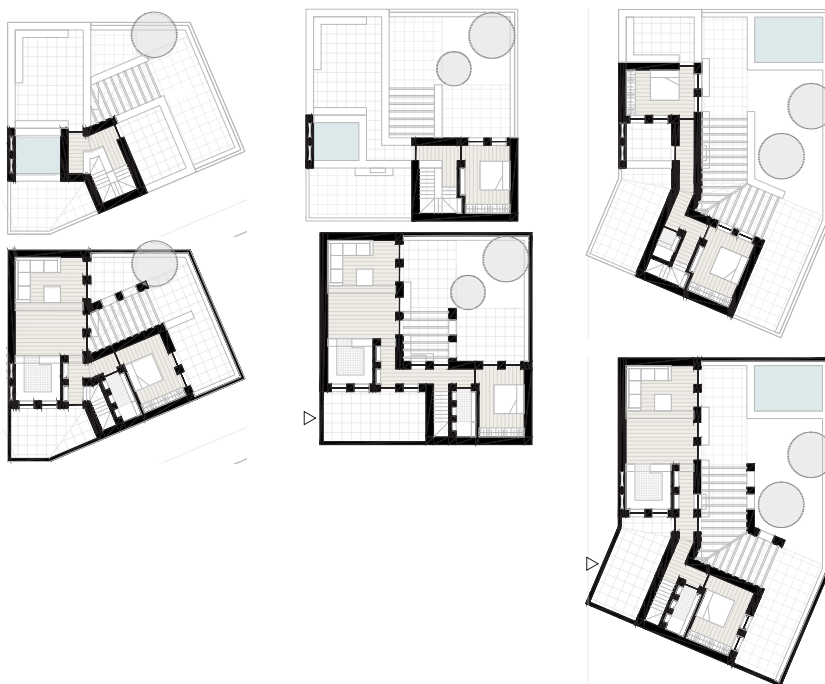


Figura 232. Plantas dos módulos de gaveto turísticos 1:500

O espaço coberto exterior, permite nos módulos de origem uma zona mais fresca e protegida no piso térreo. Nos módulos de gaveto assume ainda uma forma de gerar espaços distintos e separar usos: espaço coberto de transição(social/privado). espaço ligado ao quarto e espaço correspondente á sala de estar. O espaço verde assume também a mesma função de transição.

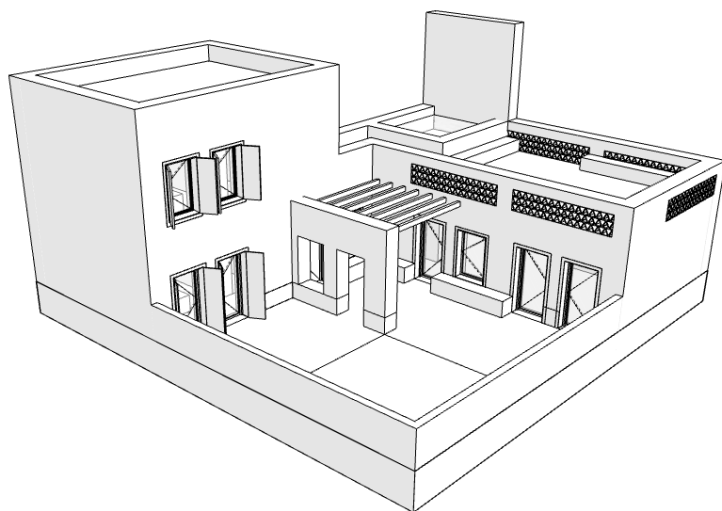


Figura 233. Módulo turístico

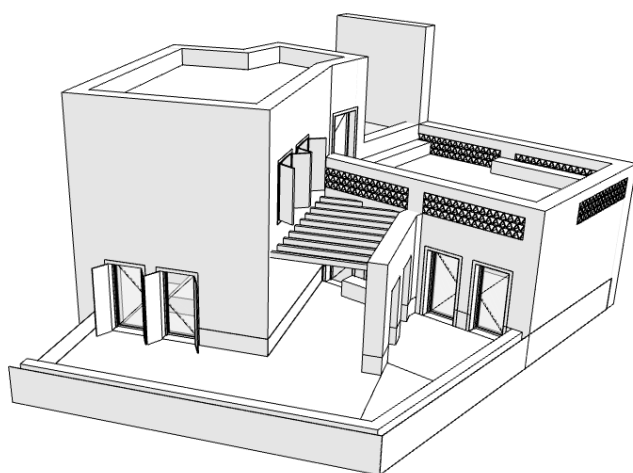


Figura 234. Módulo turístico

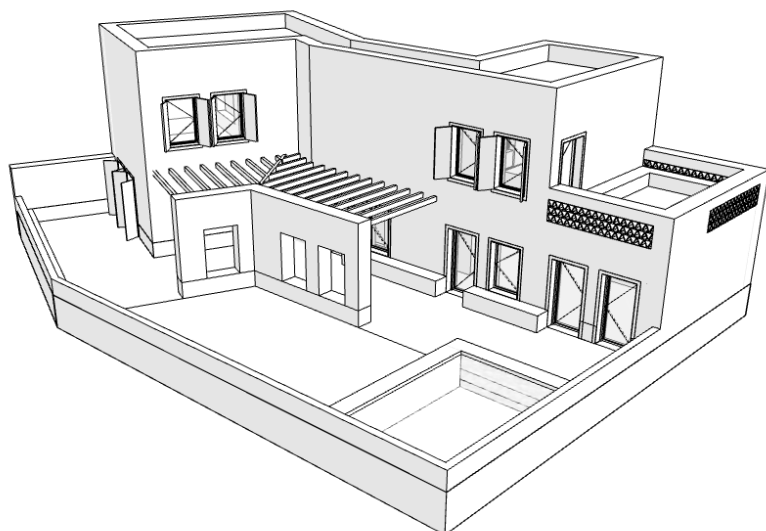


Figura 235. Módulo turístico

### 5.3.3. *Materialidade e estrutura*

A escolha da materialidade e estrutura parte de dois princípios que convergem na mesma solução. O primeiro sendo a utilização de uma construção mais sustentável procurando materiais naturais localmente disponíveis; o segundo será procurar soluções que se aproximem da construção da região do Alentejo garantido um certo caráter.

Na região do Alentejo, a construção vernacular típica será em terra, especificamente em taipa ou blocos de terra crus, devido aos materiais disponíveis localmente : a terra e a madeira.

O espaço natural eleito como local de intervenção também ajuda na seleção. Embora se evite grandes alterações no terreno, há algumas inevitáveis, na qual os excedentes de massa retirados por exemplo para o estacionamento subterrâneo, poderão servir para a edificação do bairro.

A construção em taipa atualmente está associada a processos mecânicos ou hidráulicos de distribuição e compactação do material, sendo mais difícil e rara a construção manual. Em contrapartida, os blocos de terra crua são facilmente executados manualmente ou através de uma prensa, o que motivou a opção na construção.

Para evitar o contacto com a água junto ao solo, é desenvolvido um embasamento em betão até cerca de 50 centímetros do solo, a este embasamento é montada uma estrutura em madeira que será revestida pelos blocos de terra, estando assim a fortalecer a parede. Os pavimentos interiores são em madeira assemelhando-se ao vernacular do Alentejo, e os exteriores em cerâmica.

Devido à natureza evolutiva das habitações, a estrutura de madeira em pilar viga é dimensionada de forma racional para facilitar a sua expansão para o primeiro piso.

Os pavimentos interiores são em madeira com a estrutura adjacente e forro de cana á vista, assemelhando-se ao vernacular do Alentejo, e os exteriores em cerâmica que se aproxima do projeto de referência Hostel Rural. Toda a construção garante um certo ambiente aos espaços habitacionais criados(Fig.236-243).



Figura 236. Espaço de estar/ comer



Figura 237. Espaço de cozinha



Figura 238. Instalação sanitária



Figura 239. Espaço de dormir



Figura 240. Pátio módulo pequeno



Figura 241. Pátio módulo pequeno



Figura 242. Pátio módulo grande



Figura 243. Pátio módulo grande

## 6. *Considerações finais*

O estudo do território e da população permitiu identificar as suas carências e potencialidades. Principalmente a questão da falta de habitação por parte da população mais jovem e o conseqüente envelhecimento da população. Por outro lado tem recursos paisagísticos e patrimoniais que podem ser explorados de forma equilibrada. Permitiu também entender o património e procurar memórias que conferem posteriormente no projeto uma identificação e relação com o território de forma a complementá-lo sem competir com este á semelhança da relação do bairro da Malagueira com a cidade de Évora.

A habitação de custos controlados é a solução face ás discrepâncias entre o orçamento dos jovens e os valores do mercado imobiliário. A flexibilidade no projeto da habitação será a resposta ao fator tempo numa sociedade em constante mutação. A incorporação no projeto, especificamente o carácter evolutivo confere ao longo do tempo uma melhor resposta às necessidades dos moradores.

O desenvolvimento e exploração do turismo foi pensada de forma a dar uma resposta equilibrada que possa favorecer as economias locais em vez de competir com estas. A opção do alojamento local, uma oferta menos completa favorece os mercados e economias locais, pois não oferecendo todos os serviços e produtos, leva os hóspedes a procurar estes localmente.

A relação que se demonstra por vezes problemática entre a população efémera e permanente levantou duvidas sobre o funcionamento saudável do bairro uma vez que incorpora habitação e alojamento turístico. O projeto soluciona essa questão com a criação de espaços comuns de encontro e espaços mais íntimos. Mediante hierarquização dos espaços exteriores consoante o nível de privacidade, desde o pátio privado, ao quarteirão dos moradores ou turistas, á praça pública. Desta forma o relacionamento entre ambos é fomentado mas não forçado.

Para integrar o bairro no território definiu-se uma estratégia urbana que cria continuidades no tecido urbano histórico, mais recente e o novo bairro. A estratégia passa pela proposta de novas praças distribuídas ao longo do aglomerado junto aos nós urbanos, articulando os espaços existentes e propostos numa rede de espaços públicos, garantido urbanidade, ao mesmo tempo que se cria percursos que evidenciam e valorizam o património.

O lugar selecionado para o projeto levantou questões relativamente ao desenvolvimento do bairro junto á linha de água. A resposta passou pelo planeamento do bairro segundo o estudo da paisagem como sistema de forma a preservar e proteger as zonas adjacentes á linha de água, em risco de erosão. Evitando a edificação nestes locais, aproveitando para o desenvolvimento de espaços públicos de lazer, ao mesmo tempo permitindo continuidades entre o espaço natural envolvente e os espaços verdes do bairro e da freguesia.

A localização do programa, explora relações que se demonstram benéficas tanto para os moradores como para os turistas. A concentração do alojamento turístico no limite urbano e espaço público adjacente à linha de água, permite explorar as potencialidades do território e acrescentar valor à oferta turística. A localização da habitação agregada ao tecido urbano preexistente responde melhor às necessidades diárias dos moradores e um maior contacto com a população residente.

A organização em quarteirões remete para a memória pombalina, e através a incorporação de um pátio central de acesso, cria um espaço de encontro exclusivo aos moradores ou turistas de maior intimidade.

A casa em pátio, uma referência do Alentejo, foi a solução para o bairro, sendo adequada ao clima, qualifica a habitação com um espaço exterior privado que faz a transição entre o interior e exterior. A opção favorece ainda o carácter evolutivo com a possível ocupação dos pátios para o aumento do espaço habitável interior ou até para exploração de uma atividade económica.

A construção em terra, património da região, foi a escolha mais sustentável, por ter um bom desempenho face ao clima e estar disponível no local. A escolha dos materiais ajuda ainda a conferir um ambiente característico ao lar e uma certa autenticidade no alojamento turístico para quem procura uma oferta mais cultural.

Desde a macro à micro escala, houve uma intenção resiliente de dar uma resposta equilibrada que estivesse em comunhão com o território e população.

## 7. Bibliografia

AGAREZ, r. (2018) habitação: cem anos de políticas públicas de habitação em portugal (1918-2018), lisboa: instituto da habitação e da reabilitação urbana. [https://www.portal-dahabitacao.pt/web/guest/publicacao\\_100anos](https://www.portal-dahabitacao.pt/web/guest/publicacao_100anos)

brundtland, g. h. and world commission on environment and, d. (1987) report of the world commission on environment and development: "our common future.". new york: united nations.

CARDOSO, j. i. (2019) Os mais antigos vestígios humanos na costa sudoeste: o corte de Porto Covo (sines). <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9082>

CHOAY, françoise (2001) Alegoria do Património

COELHO, a. baptista; cabrita, reis (2003) Habitação Evolutiva e Adaptável

COVA, n. s. o. (2020) tempo e beleza: uma intemporalidade na arquitectura popular do litoral alentejano. lusíada, repositório das universidades lusíada <http://hdl.handle.net/11067/5201>

GEHL, j. (1936) Cities for people. washington, estados unidos

FARIA, p. (2021) Guia para a construção sustentável em empreendimentos turísticos. nova

INE - instituto nacional de estatística, i. p. (2011) censos 2011 resultados definitivos - portugal. [https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=censos&xpgid=ine\\_censos\\_publicacao\\_det&contexto=pu&publicacoespub\\_boui=73212469&publicacoesmodo=2&self-ab=tab1&pcensos=61969554](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=censos&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&publicacoespub_boui=73212469&publicacoesmodo=2&self-ab=tab1&pcensos=61969554)

LÓPEZ, j. a. m. (2018) no es turismofobia, es lucha de clases. políticas urbanas, malestar social y turismo en un barrio de barcelona - p. 19-20 revista nodo, vol. 11, nº 23

LYNCH, k (1960) The image of the city.

LEFEBVRE, h (1968) Le droit à la ville.

MAGALHÃES, m. (2001) A arquitetura paisagística – morfologia e complexidade

MARTINEZ, z. (2011) Herramientas para habitar el presente

MONTEYS, x. (2010) Rehabitar en nueve episodios. espanha

MOTA, m. j. p. d. s. (2012) turismo de natureza e o ordenamento do território litoral no parque natural do sudoeste alentejano e costa vicentina. estudo de caso: porto covo. dissertação de mestrado em turismo, especialização em gestão estratégica de destinos turísticos, escola superior de hotelaria e turismo do estoril, repositório comum <http://hdl.handle.net/10400.26/4447>

OLIVEIRA, e. v. d. e galhano, f. (1992) arquitectura tradicional portuguesa. s.l.: etnográfica press.

ordem dos arquitectos (1961) arquitectura popular em portugal. lisboa: ordem dos arquitectos

paisagista, a. p. e. e. p. d. a. (2002) plano de urbanização de porto covo. [https://www.sines.pt/cmsines/uploads/document/file/3182/pu\\_porto\\_covo\\_-\\_relat\\_rio.pdf](https://www.sines.pt/cmsines/uploads/document/file/3182/pu_porto_covo_-_relat_rio.pdf).

PEREIRA, a. c. c. p. (2020) o território, a paisagem e o património do pessegueiro. universidade de lisboa, faculdade de arquitetura <http://hdl.handle.net/10400.5/20383>

QUARESMA, a. m. (1988) Porto Covo: uma povoação planeada no século xviii. <https://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/167>

ROSSI, a. (1966) *l'architettura della città*. itália

TELLES, R. (2004) *A paisagem é tudo*. *Jornal Pessoas e Lugares* II Série: nº16

TORGAL, f.; eires, r.; jalali, s. (2009) *construção em terra*.

Decreto-Lei n.º 80/2017 da Economia (2017) *Diário da República* I Série: n.º125 <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2017/06/12500/0331503338.pdf>

Decreto-Lei n.º 166/2008 do Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional (2018) *Diário da República* I Série: n.º162 <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2008/08/16200/0586505884.pdf>

Portaria n.º 281/2021 das Infraestruturas e Habitação (2021) *Diário da República* I Série: n.º234 <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2021/12/23400/0005100063.pdf>

Resolução do Conselho de Ministros n.º 50-A/2018 da Presidência do Conselho de Ministros (2018) *Diário da República* I Série: n.º84 <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2018/05/08401/0000200018.pdf>



## 8. Anexos

### *Anexo I - Complementos de investigação*

- 8.1 - Gráficos e tabelas estatísticas
- 8.2 - Plantas de ordenamento
- 8.3 - Planta históricas

### *Anexo II - Complementos de projeto*

- 8.4 - Registos fotográficos do autor

### *Anexo III - Processo de trabalho*

- 8.5 - Painéis intermédios | Apoio Seminários de investigação
- 8.6 - Esquícios

### *Anexo IV - Elementos finais*

- 8.7 - Maquetes finais
- 8.8 - Painéis de Apresentação

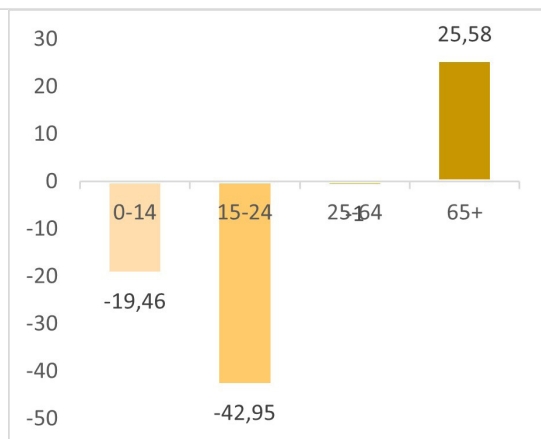
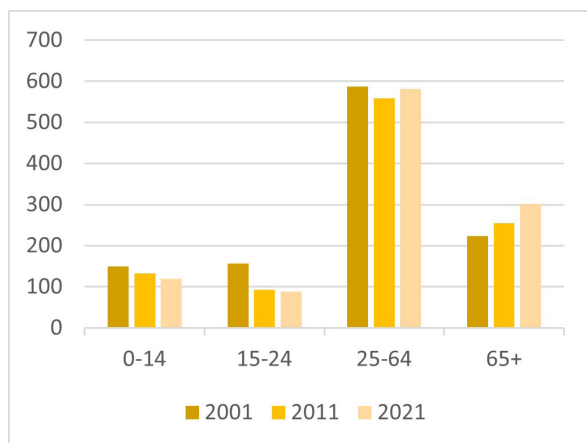


## Anexo I - Complementos de investigação

Resultados Preliminares censos Porto Covo 2021 (Fonte:INE)			
1092 Indivíduos	488 Agregados	1282 Alojamentos	1078 Edifícios
+ 5,2%	+ 15,6%	+ 11,0%	+ 16,5%

## 8.1. Gráficos e tabelas estatísticas

População residente segundo o nível de escolaridade atingido 2021						
Nenhum nível de escolaridade	Ensino pré-escolar	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino Secundário e pós-secundário	Ensino Superior
155		247	116	170	240	163



População economicamente activa Porto Covo 2011 (Fonte:INE)									Taxa de actividade (%)		
Total		Empregada							Em 2011		
HM	H	Total		Pri-mário	Secun-dário	Terciário			HM	H	M
		HM	H			Total	De na-tureza social	Relaciona-dos com a actividade económica			
482	268	430	245	38	109	283	97	186	46,44	51,94	41

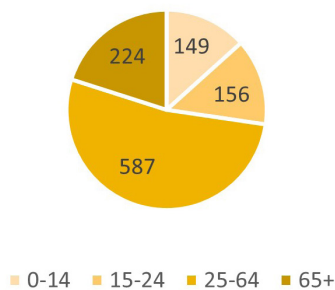
População residente, população presente, famílias, núcleos familiares, alojamentos e edifícios em Porto Covo 2011													
População residente			População presente			Famílias		Núcleos familiares	Alojamentos familiares			Alojamentos colectivos	Edifícios clássicos
Total	H	M	Total	H	M	Clás-sicas	Insti-tucionais		Total	Clás-sicos	Não clássicos		
1038	516	522	1077	548	529	422	0	333	1148	1147	1	7	925



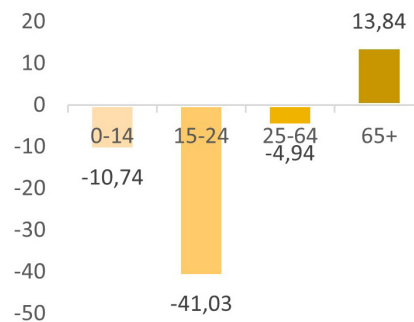
- Primário
- Secundário
- Terciário de natureza social
- Terciário relacionado com a atividade económica

População residente, segundo grupo etário em Porto Covo 2001-2011														População residente -Variação entre 2001 e 2011 (%)			
População residente										Grupos etários							
Em 2001						Em 2011											
Total		Grupos etários				Total		Grupos etários									
HM	H	0-14	15-24	25-64	65 ou mais	HM	H	0-14	15-24	25-64	65 ou mais	0-14	15-24	25-64	65 ou mais		
1116	576	149	156	587	224	1038	516	133	92	558	255	-10,74	-41,03	-4,94	+13,84		

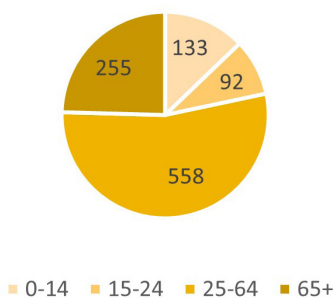
População residente por grupo etário 2001



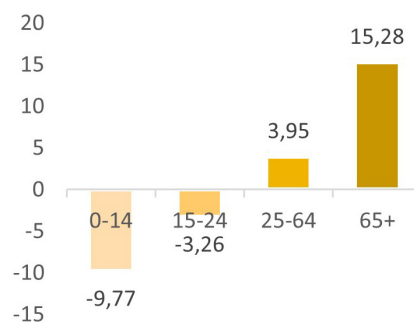
População residente por grupo etário: variação entre 2001-2011 (%)



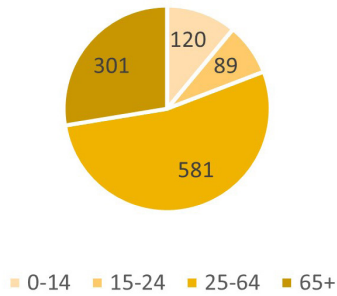
População residente por grupo etário 2011



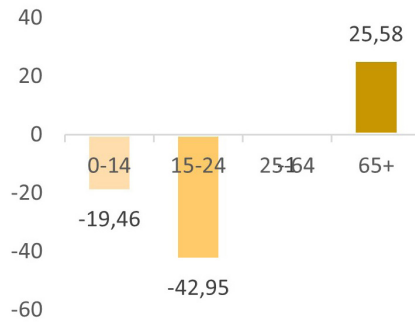
População residente por grupo etário: variação entre 2011-2021 (%)



### População residente por grupo etário 2021



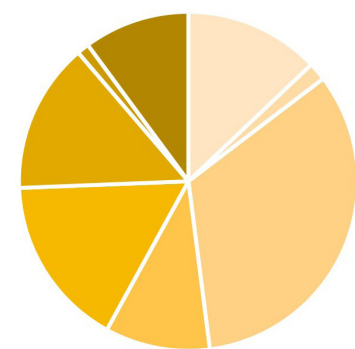
### População residente por grupo etário: variação entre 2001-2021 (%)



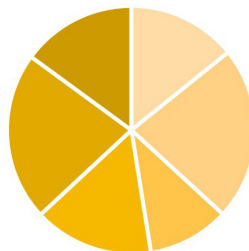
Conclusões: A questão da falta de trabalho não se reflete muito em Porto Covo, uma vez que segundo os censos de 2011 existe 46% da população ativa, e apenas 53% da população tem idades compreendidas entre as 25 e os 64 anos, o que significa que apenas 7% da população tem idade para trabalhar, mas não tem um trabalho.

Relativamente á evolução da população de 2001 para 2021 a população manteve-se praticamente igual embora tenha diminuído em cerca de 25 indivíduos(cerca de 2,2%). A variação não é significativa embora mostre uma tendência a diminuir, no entanto relativamente á idade da população, entre 2001 e 2011

População		População residente segundo o nível de escolaridade atingido em Porto Covo 2011																Analfabetos com 10 ou mais anos		Taxa de analfabetismo
		Nenhum nível de escolaridade		Ensino pré-escolar		Ensino básico						Ensino secundário		Ensino pós-secundário		Ensino superior				
						1º Ciclo		2º Ciclo		3º Ciclo										
HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	
1038	516	134	61	18	8	346	183	104	59	170	90	149	64	12	9	105	42	84	36	8,83



- Nenhum nível de escolaridade
- 1º Ciclo
- 3º Ciclo
- Ensino pós-secundário
- Ensino pré escolar
- 2º Ciclo
- Ensino secundário
- Ensino superior



- Nenhum nível de escolaridade
- 1º Ciclo
- 2º Ciclo
- 3º Ciclo
- Ensino secundário e pós-secundário
- Ensino Superior

População desempregada em Porto Covo em 2011									Taxa de desemprego (%)		
Total			Procura do 1º emprego			Procura de novo emprego			Em 2011		
HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
52	23	29	8	3	5	44	20	24	10,79	8,58	13,55

Porto Covo	Edifícios segundo o número de pisos			
Principais materiais utilizados na construção	Total	1 Piso	2 Pisos	3 Pisos
Tipo de estrutura da construção	925	513	388	24
Betão armado	572	179	369	24
Paredes de alvenaria com placa	252	233	19	0
Paredes de alvenaria, sem placa	77	77	0	0
Paredes de alvenaria de pedra solta ou de adobe	0	0	0	0
Outros	24	24	0	0
Revestimento exterior	925	513	388	24
Reboco tradicional ou marmorite	881	471	386	24
Pedra	5	3	2	0
Ladrilho cerâmico ou mosaico	1	1	0	0
Outros	38	38	0	0
Cobertura	925	513	388	24
Em terraço	7	3	4	0
Inclinada	891	498	370	23
Revestida a telhas cerâmicas ou de betão	863	470	370	23
Revestida a outros materiais	28	28	0	0
Mista (inclinada e terraço)	27	12	14	1

Porto Covo	Época de construção										
	Total	antes de 1919	1919-1945	1946-1960	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-1995	1996-2000	2001-2005	2006-2011
Tipo de estrutura da construção	925	3	41	102	80	95	157	138	161	103	45
Betão armado	572	0	15	22	35	65	104	66	147	78	40
Paredes de alvenaria com placa	252	0	8	34	38	26	53	71	13	7	2
Paredes de alvenaria, sem placa	77	3	18	45	7	4	0	0	0	0	0
Paredes de alvenaria de pedra solta ou de adobe	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros	24	0	0	1	0	0	0	1	1	18	3
Revestimento exterior	925	3	41	102	80	95	157	138	161	103	45
Reboco tradicional ou marmorite	881	3	38	101	79	91	150	134	159	84	42
Pedra	5	0	3	0	0	1	0	0	0	1	0
Ladrilho cerâmico ou mosaico	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Outros	38	0	0	1	1	3	7	4	1	18	3
Cobertura	925	3	41	102	80	95	157	138	161	103	45
Em terraço	7	0	0	0	0	0	0	0	3	2	2
Inclinada	891	3	41	101	80	95	156	137	141	97	40
Revestida a telhas cerâmicas ou de betão	863	3	38	99	80	95	156	135	140	80	37
Revestida a outros materiais	28	0	3	2	0	0	0	2	1	17	3
Mista (inclinada e terraço)	27	0	0	1	0	0	1	1	17	4	3
Alentejo											

Tipo de estrutura da construção	383866	32538	54373	52225	45213	52443	48055	23571	27675	28601	19172
Betão armado	122506	0	6822	11221	13799	21213	21930	10658	12876	14121	9866
Paredes de alvenaria com placa	153407	0	17861	21803	21986	25464	22368	10991	12657	12539	7738
Paredes de alvenaria, sem placa	64832	20073	15796	11885	6509	3845	2393	1180	1232	1050	869
Paredes de alvenaria de pedra solta ou de adobe	40792	12173	13485	7041	2777	1628	1205	637	785	608	453
Outros	2329	292	409	275	142	293	159	105	125	283	246
Revestimento exterior	383866	32538	54373	52225	45213	52443	48055	23571	27675	28601	19172
Reboco tradicional ou marmorite	362782	28814	49660	48855	42676	49627	46728	22977	27001	27873	18571
Pedra	11834	3196	3709	2136	1072	565	427	199	181	159	190
Ladrilho cerâmico ou mosaico	6926	305	680	1013	1287	1876	706	296	346	268	149
Outros	2324	223	324	221	178	375	194	99	147	301	262
Cobertura	383866	32538	54373	52225	45213	52443	48055	23571	27675	28601	19172
Em terraço	4315	59	264	282	218	729	1073	321	378	478	513
Inclinada	372638	32256	53292	51220	44389	50767	45917	22692	26654	27352	18099
Revestida a telhas cerâmicas ou de betão	366814	31759	52037	50324	43766	49866	45374	22469	26390	27028	17801
Revestida a outros materiais	5824	497	1255	896	623	901	543	223	264	324	298
Mista (inclinada e terraço)	6913	223	817	723	606	947	1065	558	643	771	560
Alentejo Litoral											
Tipo de estrutura da construção	53482	3580	5681	6809	6480	7688	7344	3873	4495	4356	3176
Betão armado	19116	0	790	1703	2027	3493	3351	1833	2197	2022	1700
Paredes de alvenaria com placa	18938	0	987	2127	2705	3156	3352	1750	1879	1901	1081
Paredes de alvenaria, sem placa	7656	1555	1606	1604	1100	655	392	168	199	193	184
Paredes de alvenaria de pedra solta ou de adobe	7266	1991	2234	1320	608	337	221	103	179	164	109
Outros	506	34	64	55	40	47	28	19	41	76	102
Revestimento exterior	53482	3580	5681	6809	6480	7688	7344	3873	4495	4356	3176
Reboco tradicional ou marmorite	50757	2971	5141	6413	6164	7463	7226	3777	4390	4213	2999
Pedra	1467	505	384	249	152	47	22	42	16	15	35
Ladrilho cerâmico ou mosaico	506	18	24	69	103	103	61	32	34	36	26
Outros	752	86	132	78	61	75	35	22	55	92	116
Cobertura	53482	3580	5681	6809	6480	7688	7344	3873	4495	4356	3176
Em terraço	1067	8	37	45	52	441	112	26	87	86	173
Inclinada	51242	3566	5595	6686	6329	7074	7019	3688	4243	4149	2893
Revestida a telhas cerâmicas ou de betão	50057	3516	5390	6530	6190	6813	6905	3654	4189	4079	2791
Revestida a outros materiais	1185	50	205	156	139	261	114	34	54	70	102
Mista (inclinada e terraço)	1173	6	49	78	99	173	213	159	165	121	110
Vila Nova de Milfontes											
Tipo de estrutura da construção	3556	31	97	194	233	542	806	380	550	514	209
Betão armado	1316	0	24	54	50	169	308	156	189	255	111
Paredes de alvenaria com placa	1801	0	27	73	96	300	452	213	340	234	66
Paredes de alvenaria, sem placa	307	21	24	37	54	61	43	9	19	18	21
Paredes de alvenaria de pedra solta ou de adobe	108	8	21	30	33	12	1	0	1	1	1
Outros	24	2	1	0	0	0	2	2	1	6	10
Revestimento exterior	3556	31	97	194	233	542	806	380	550	514	209
Reboco tradicional ou marmorite	3476	27	83	172	222	536	802	378	548	509	199
Pedra	57	4	13	19	11	6	2	0	1	1	0
Ladrilho cerâmico ou mosaico	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

Outros	22	0	1	2	0	0	2	2	1	4	10
Cobertura	3556	31	97	194	233	542	806	380	550	514	209
Em terraço	6	0	0	2	0	2	1	1	0	0	0
Inclinada	3476	31	96	191	227	528	796	366	534	500	207
Revestida a telhas cerâmicas ou de betão	3440	29	95	188	225	526	792	364	533	494	194
Revestida a outros materiais	36	2	1	3	2	2	4	2	1	6	13
Mista (inclinada e terraço)	74	0	1	1	6	12	9	13	16	14	2
Sines											
Tipo de estrutura da construção	4791	42	217	468	702	798	1028	449	456	345	286
Betão armado	3388	0	118	286	428	612	744	305	410	263	222
Paredes de alvenaria com placa	1067	0	38	111	220	136	260	140	40	63	59
Paredes de alvenaria, sem placa	295	40	58	69	54	43	24	2	4	0	1
Paredes de alvenaria de pedra solta ou de adobe	5	2	2	1	0	0	0	0	0	0	0
Outros	36	0	1	1	0	7	0	2	2	19	4
Revestimento exterior	4791	42	217	468	702	798	1028	449	456	345	286
Reboco tradicional ou marmorite	4582	38	187	423	661	772	1010	442	449	322	278
Pedra	122	4	28	42	29	9	3	2	3	2	0
Ladrilho cerâmico ou mosaico	28	0	0	2	8	6	6	0	2	0	4
Outros	59	0	2	1	4	11	9	5	2	21	4
Cobertura	4791	42	217	468	702	798	1028	449	456	345	286
Em terraço	148	0	4	9	9	15	47	9	17	22	16
Inclinada	4477	42	208	442	674	758	968	431	416	307	231
Revestida a telhas cerâmicas ou de betão	4286	42	145	415	654	736	946	426	411	285	226
Revestida a outros materiais	191	0	63	27	20	22	22	5	5	22	5
Mista (inclinada e terraço)	166	0	5	17	19	25	13	9	23	16	39
Sines											
Tipo de estrutura da construção	3866	39	176	366	622	703	871	311	295	242	241
Betão armado	2816	0	103	264	393	547	640	239	263	185	182
Paredes de alvenaria com placa	815	0	30	77	182	110	207	69	27	56	57
Paredes de alvenaria, sem placa	218	37	40	24	47	39	24	2	4	0	1
Paredes de alvenaria de pedra solta ou de adobe	5	2	2	1	0	0	0	0	0	0	0
Outros	12	0	1	0	0	7	0	1	1	1	1
Revestimento exterior	3866	39	176	366	622	703	871	311	295	242	241
Reboco tradicional ou marmorite	3701	35	149	322	582	681	860	308	290	238	236
Pedra	117	4	25	42	29	8	3	2	3	1	0
Ladrilho cerâmico ou mosaico	27	0	0	2	8	6	6	0	1	0	4
Outros	21	0	2	0	3	8	2	1	1	3	1
Cobertura	3866	39	176	366	622	703	871	311	295	242	241
Em terraço	141	0	4	9	9	15	47	9	14	20	14
Inclinada	3586	39	167	341	594	663	812	294	275	210	191
Revestida a telhas cerâmicas ou de betão	3423	39	107	316	574	641	790	291	271	205	189
Revestida a outros materiais	163	0	60	25	20	22	22	3	4	5	2
Mista (inclinada e terraço)	139	0	5	16	19	25	12	8	6	12	36





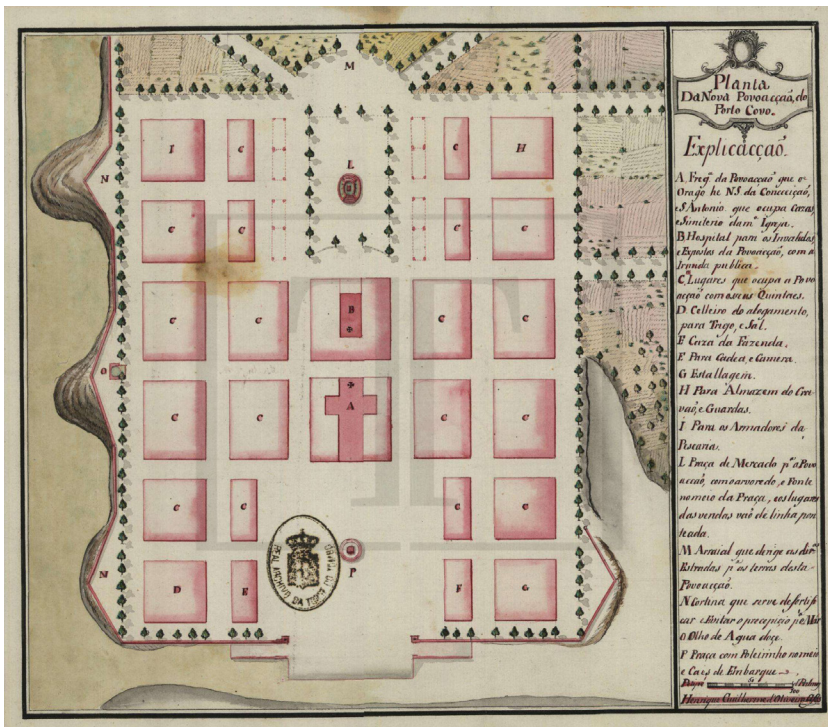
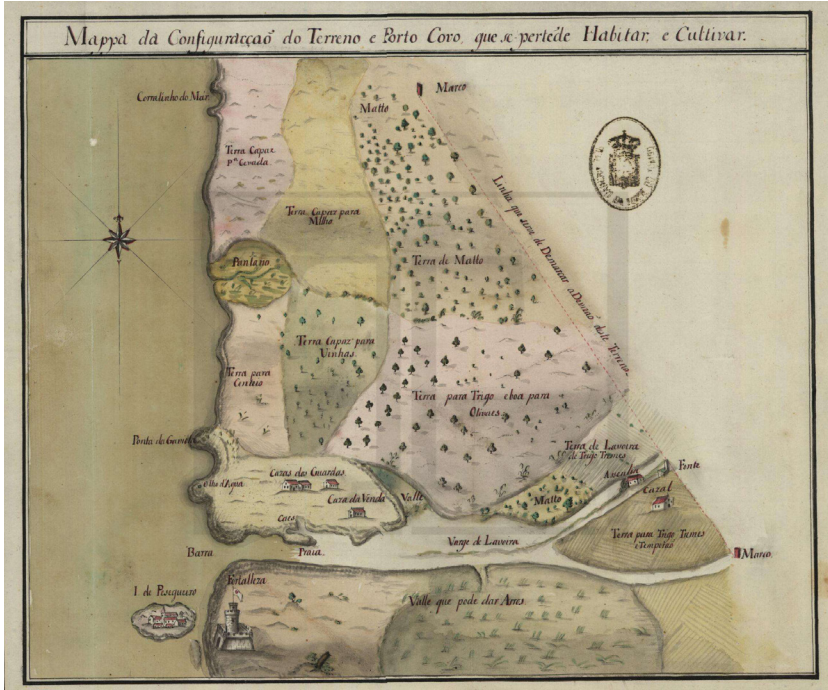








8.3. Plantas históricas





Anexo II - Complementos de projeto



8.4. Registos  
fotográficos do autor













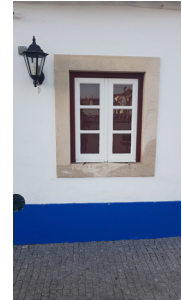














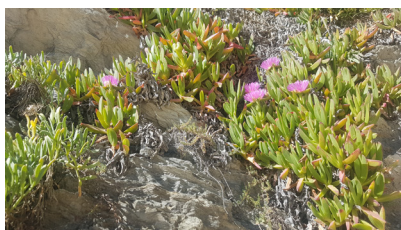
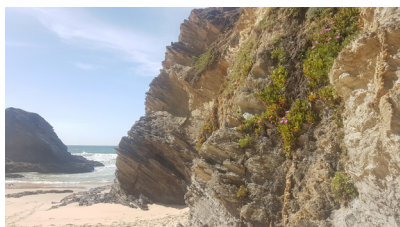














*Anexo III - Processo de trabalho*

*8.5. Painéis  
seminários de apoio a  
Projeto*

# Uma resposta sustentável para o desenvolvimento de um território emergente

## Habitação e turismo em Porto Covo

### I - Introdução

#### 11 - Enquadramento | Problemática

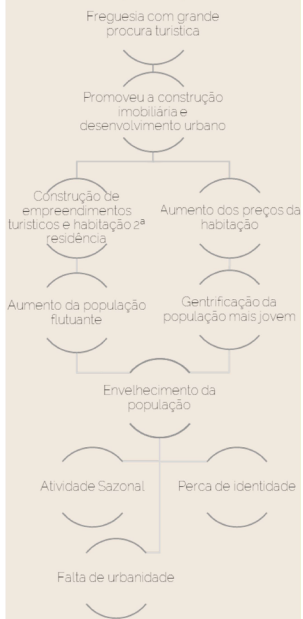


Fig. 1 - Ortofotomapa do concelho Sines



Fig. 2 - Ortofotomapa do aglomerado de Porto Covo



Fig. 3 - Malha urbana | Quarteirões | zona histórica

#### 12 - Objetivos



#### 13 - Metodologia

##### Cronograma



### II - Turismo e Habitação em comunhão sustentável

Palavras-chave | Conceitos

Cidade-Jardim | Habitação custos controlados | Habitação adaptável e evolutiva | Turismo | Património | Sustentabilidade

#### 2.1 - Turismo e habitação

- 2.1.1 - Arquitetura residencial de custos controlados
- 2.1.2 - Arquitetura de turismo de habitação
- 2.1.3 - Habitação adaptável e evolutiva

#### 2.2 - Sustentabilidade à escala do aglomerado

##### Bibliografia



### III - Porto Covo

#### Evolução da malha urbana



#### 3.1 - História

- Fig. 4 - Núcleo histórico (até à década de 50)
  - Praça Marquês de Pombal -> Sul e Poente
  - ligação ao Porto e à pesca
  - Habitação e algum comércio
  - Características das construções originais
    - 1-50 piso, caçadas, cobertura de telha canudo sobre ripado e forro de cana
- Fig. 5 - Desenvolvimento até à década de 70
  - Entre estrada marginal e falésia -> Norte
  - Rua Vasco da gama -> Norte
  - Para fins turísticos
  - Residência de ativos setor secundário e terciário ligados à atividade portuária Sines
  - Características das construções
    - moradas unifamiliares até 2 pisos
- Fig. 6 - Desenvolvimento até à década de 80
  - Em direção cemitério -> Este
  - Rua Vasco da gama -> Norte
  - 2ª Habitação
  - Para fins turísticos
  - Mercado | Escola básica
  - Parque de campismo
  - Características das construções
    - moradas unifamiliares e multifamiliares até 2 pisos
- Fig. 7 - Desenvolvimento até à década de 90
  - Junto à estrada marginal -> Norte
  - Junto ao afluente -> Nordeste
  - resposta à pressão principal m564 -> Este
  - resposta à pressão imobiliária
  - > Espaços intersticiais junto à praça
  - 2ª habitação
  - Para fins turísticos
  - Parque de campismo
  - Características das construções
    - moradas unifamiliares e multifamiliares até 2 pisos
- Fig. 8 - Malha urbana atual
  - Junto ao afluente -> Nordeste
  - > Estes espaços intersticiais centro -> Este
  - > Espaços intersticiais junto à praça
  - 2 | lotes
  - Parque de campismo
  - Centro de dia infantil
  - Pavilhão multissu
  - 2ª habitação

#### 3.2 - Território físico e humano

3.2.1 - A população



#### 3.3 - Identidade e Património

- 3.3.1 - Do Iluminismo pombalino à cidade-jardim
- 3.3.2 - A arquitetura Vernacular
- 3.3.3 - Costumes, tradições e festas locais



**Edificado**

- Edificado existente
- Área de intervenção
- Vaias urbanas
- Edifícios a serem não construídos
- Edifícios devolutos

**Equipamentos**

- Comércio
- Turismo
- Público
- Desporto
- Educação
- Religião
- Cultura
- Saúde
- Atividade piscatória

**Mobilidade rodoviária e acessos**

- Via principal
- Via secundária
- Parques de estacionamento
- Paragem autocarro

**Mobilidade exclusivamente pedonal e espaços públicos**

- Praça e rua | núcleo histórico
- Pavimento em calçada | Passeio
- Espaços verdes
- Espaços de lazer



Fig.19 - Edificado

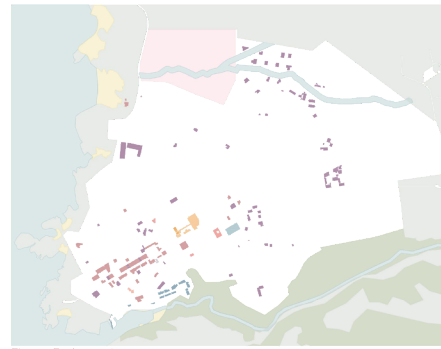


Fig.20 - Equipamentos

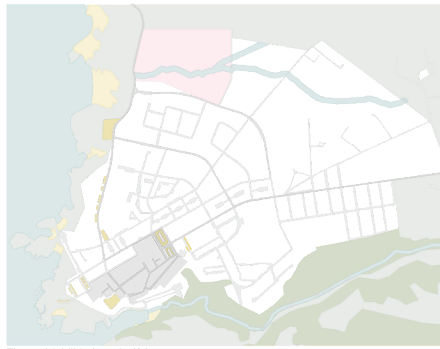


Fig.21 - Mobilidade rodoviária e acessos



Fig.22 - Mobilidade exclusivamente pedonal e espaços públicos



Fig.23 - Local da intervenção



Fig.24 - Praça Marquês de Pombal



Fig.25 - Rua Vasco da Gama



Fig.26 - Jardim público



Fig.27 - Praça do mercado



Fig.28 - Miradouro e espaço verde  
Fig.23-28 - Local de intervenção  
Praças e espaços públicos

IV - Projetos de referência

4.1 - **Quinta da Malagueira** Álvaro Siza, Évora

- O projeto do fogo evolutivo por fases
- A proximidade do contexto em que se insere no Alentejo
- O adaptação de uma tipologia da casa em pátio comum no regime do alentejo



Fig.29 - Quinta da Malagueira

4.2 - **Bairro Alto do moinho** Francisco Silva dias, Lisboa

- Muitas semelhanças com a Malagueira: evolutivo, em pátio
- Para vencer o terreno, os edifícios são dispostos ao longo das curvas de nível
- Os acessos verticais entre as habitações tornam o lugar de espaços públicos



Fig.30 - Bairro Alto do moinho

4.3 - **Quinta Monroy** Alejandro Aravena, Chile

- O projeto do fogo evolutivo
- A criação de um espaço polivalente que possivelmente se torna num potenciador económico através do uso comercial deste

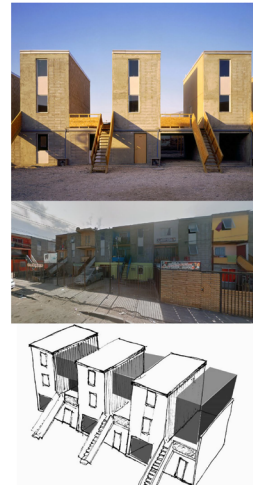


Fig.31 - Quinta Monroy

4.4 - **Incremental Housing** Charles Correa, Índia

- O projeto do fogo evolutivo
- O projeto de grande densidade urbana
- A criação de espaços comunitários em pátio que fazem o acesso ao interior da habitação

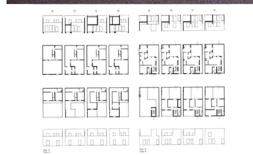


Fig.32 - Incremental Housing

4.5 - **Ecork Hostel** José Carlos Cruz, Évora

- O projeto de um hotel no alentejo que explora as relações entre o interior e a paisagem
- A criação de módulos independentes destinados ao turismo
- A sua materialidade



Fig.33 - Hostel rural

4.6 - **Hostel rural** Atelier rua, Távora

- O projeto de um hotel no algarve que se fecha à envolvente através do muro e a sua vivência e relação interior/exterior é feita através de pátios
- Os espaços exteriores com coberturas em caniço
- A sua materialidade



Fig.34 - Hostel rural

4.7 - **King Houses** Jorn Utzon, Dinamarca

- A definição de um espaço central de comunidade verde
- Separação através da habitação do espaço pedonal para o espaço rodoviário
- A organicidade da organização que acompanha o terreno e o lago existente



Fig.35 - King Houses

4.8 - Outras referências do desenho urbano

4.8.1 - **Bairro Arco do ceo** e as diferentes densidades habitacionais

- Um quarteirão é composto por moradas unifamiliares ao lado do outro composto por habitação coletiva



Fig.36 - Bairro Arco do ceo

4.8.2 - **Bairro Avelalado** e o quarteirão em U

- De um quarteirão rígido e compacto como por exemplo na baixa portuguesa para um quarteirão aberto em U

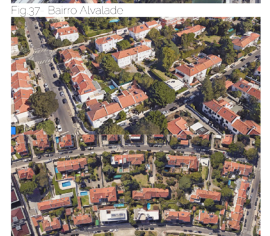


Fig.37 - Bairro Avelalado

4.8.3 - **Bairro do Restelo** e a composição do quarteirão com moradas unifamiliares

- O acesso desalinhado ao interior das moradas

V - O projeto do bairro em Porto Covo

VI - O projeto de módulos habitacionais







espaço público ligação zona comercial Turismo

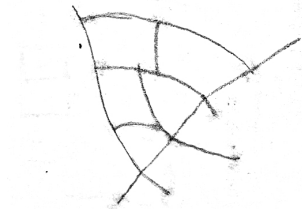


O plano do em plano do  
 telhado  
 contato a Seriedade  
 zona comercial aberta  
 zona de ligação  
 Kanga Hoses  
 ligação para  
 o espaço público  
 verde-útil

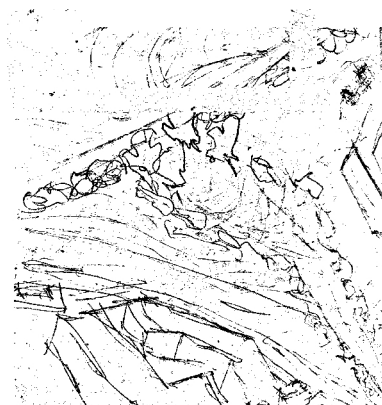
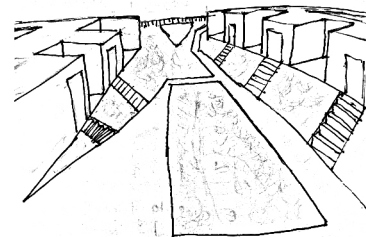
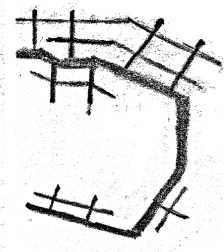
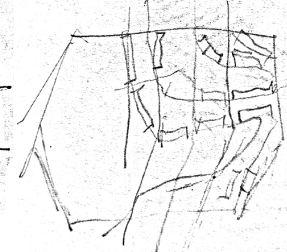
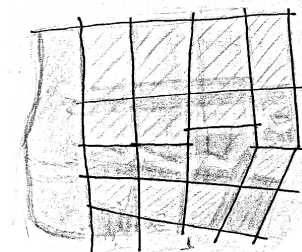
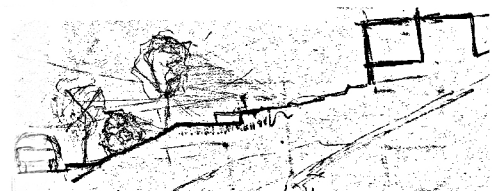


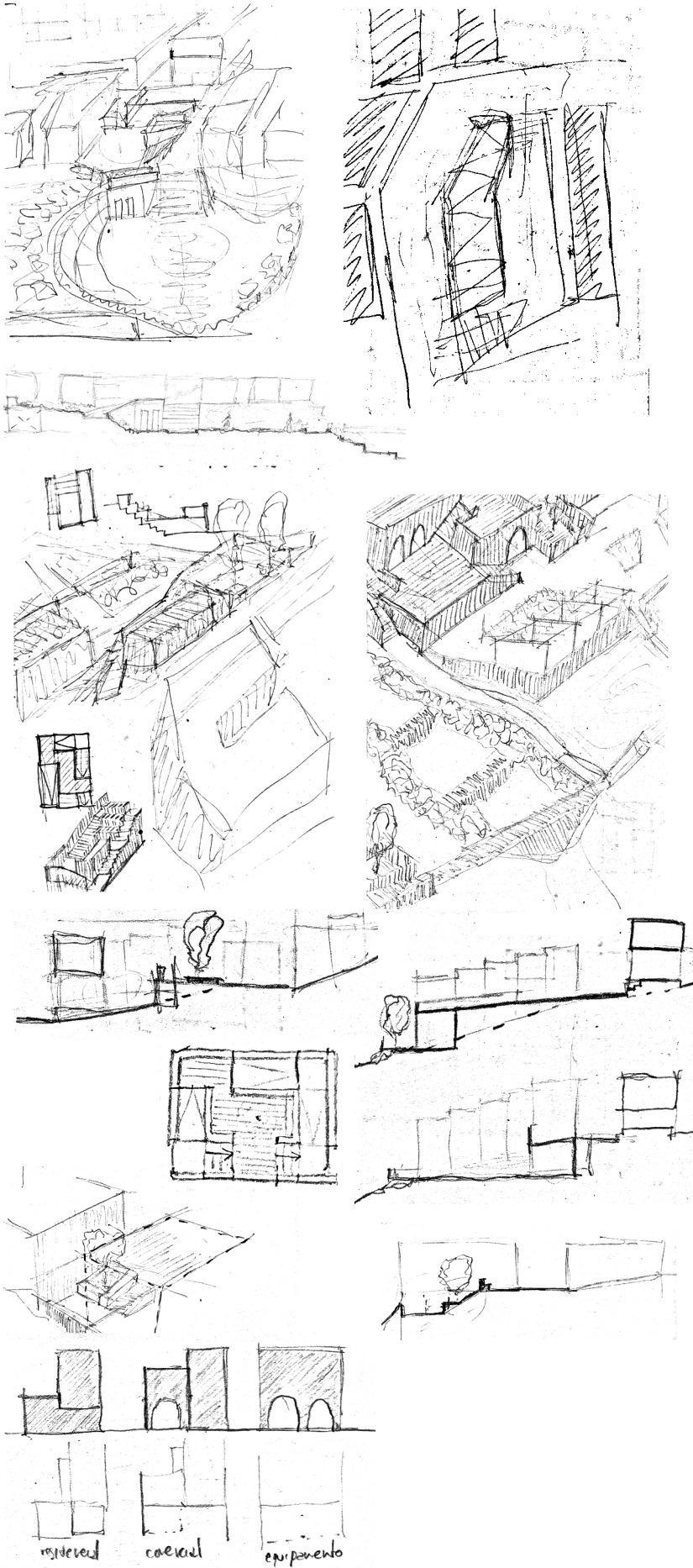
Incremental Housing  
 Incremental Housing  
 Hotel rural  
 Casa cápsula  
 Anticena  
 Casa Hotel

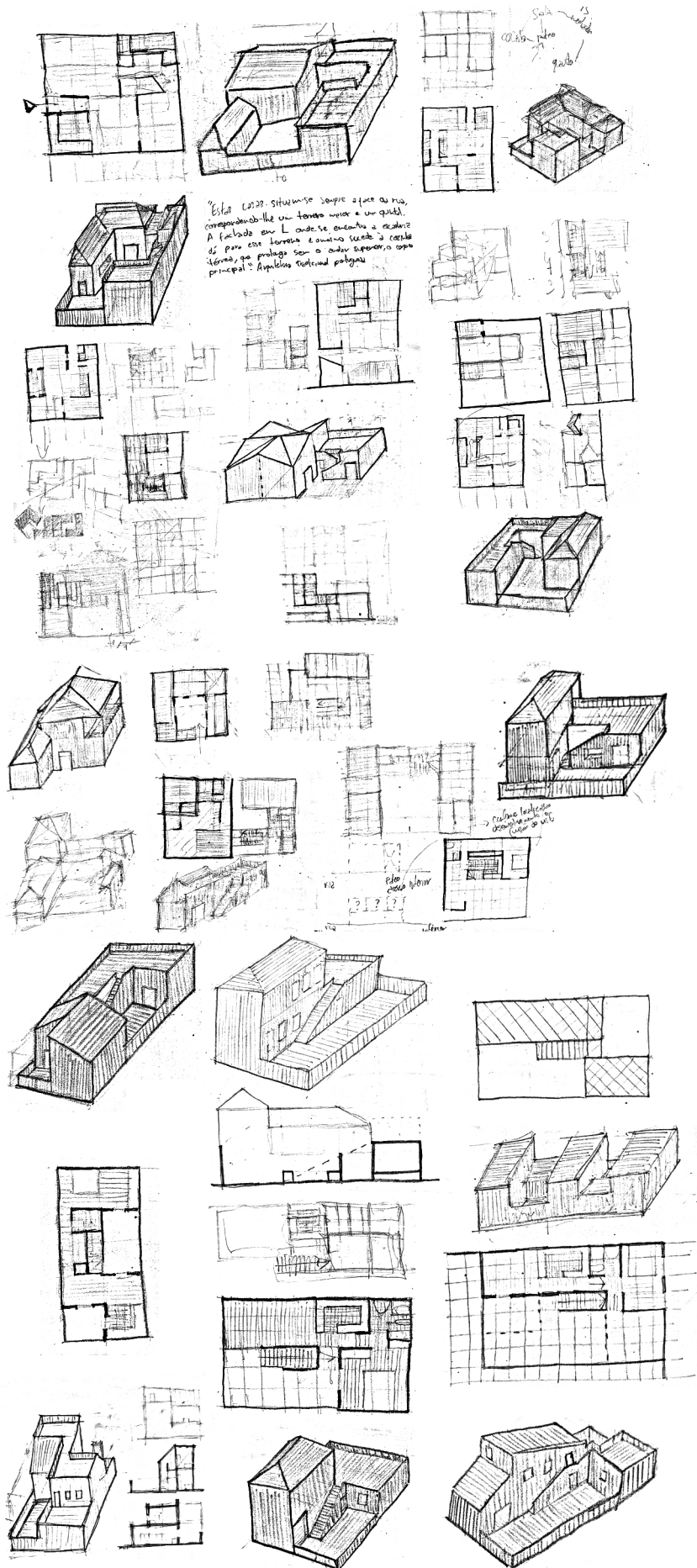
→ Holopais | Bairro Alto | Hotel Quinta Moura

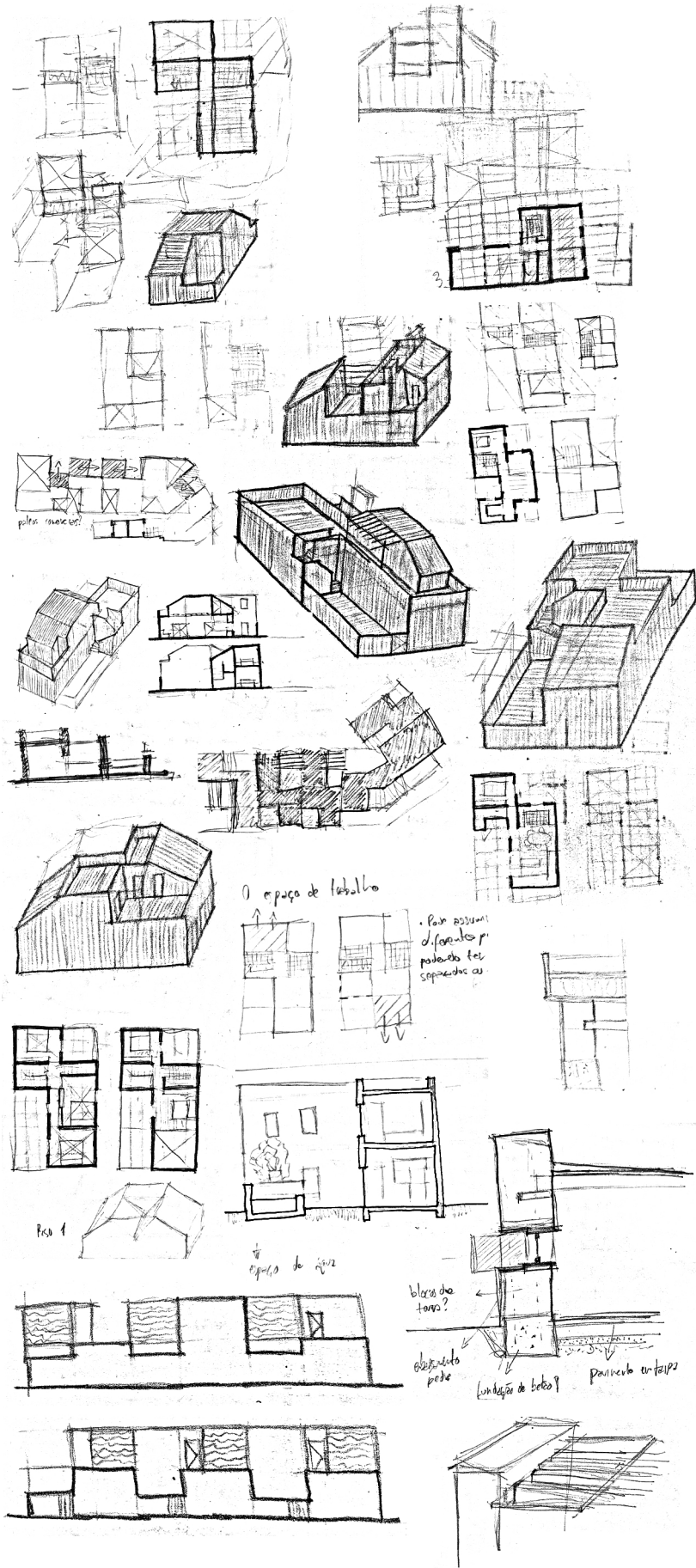


Em cada bloco  
 uma Praça!





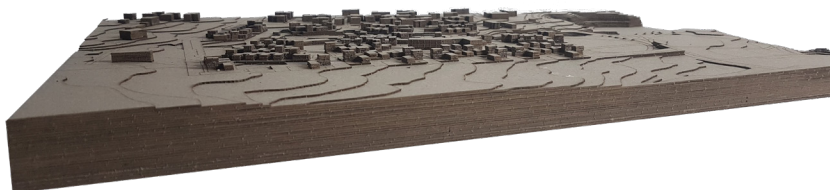
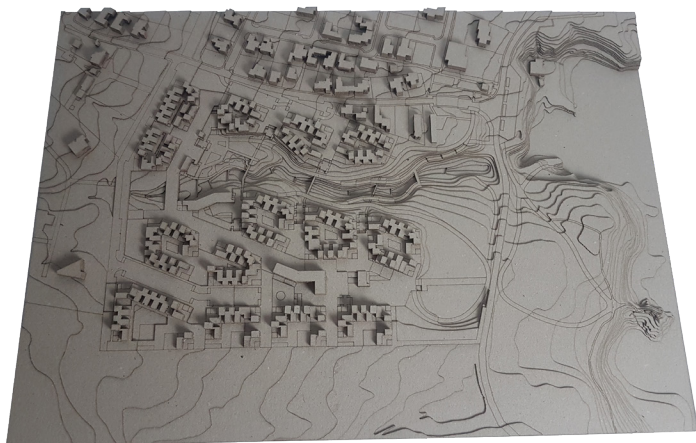




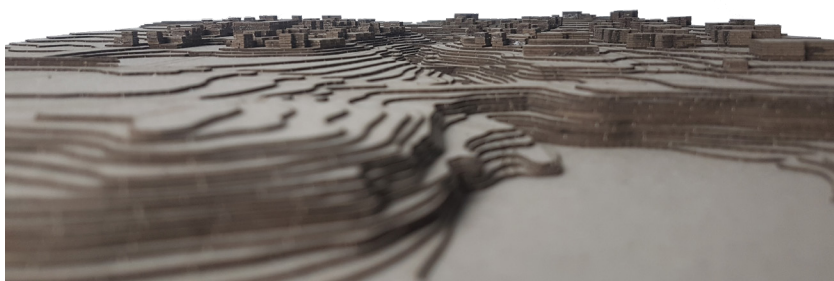
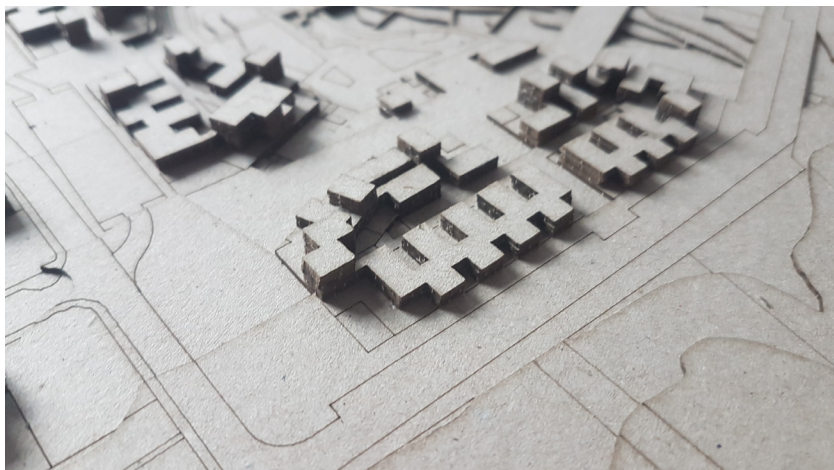


Anexo IV - Elementos finais

8.7. Registros  
fotográficos das  
maquetes do projeto final  
de mestrado

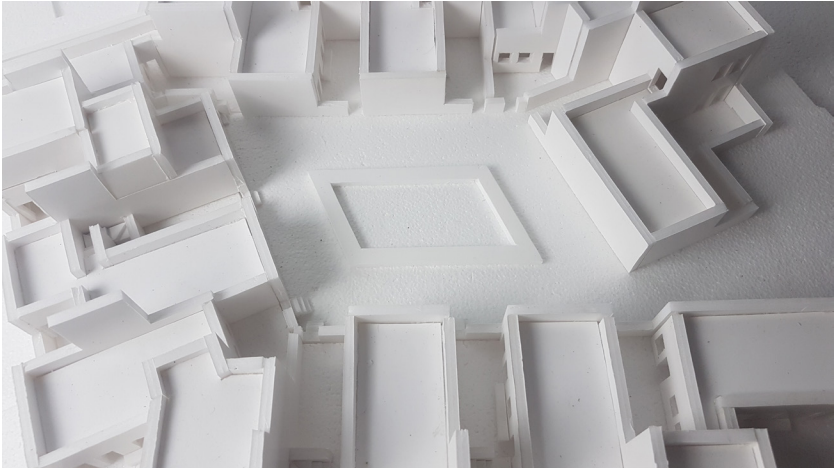


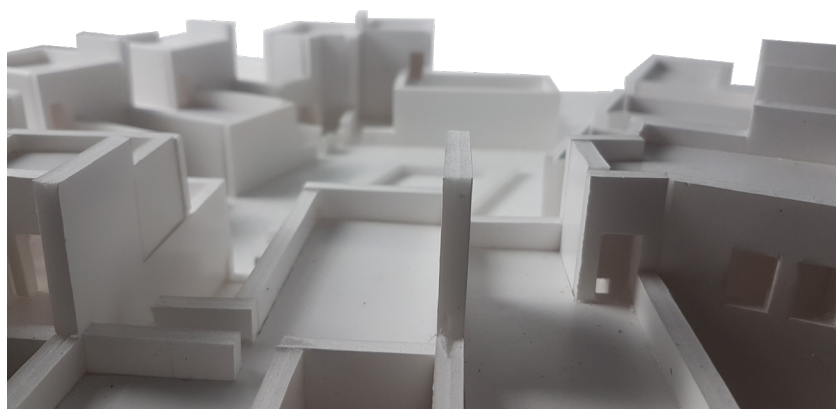


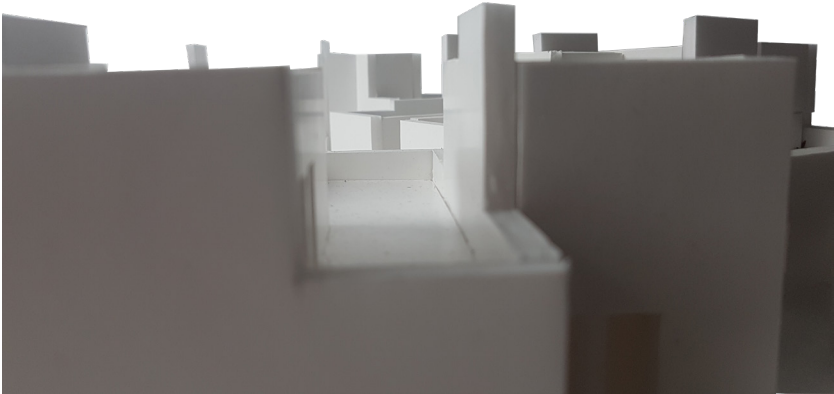
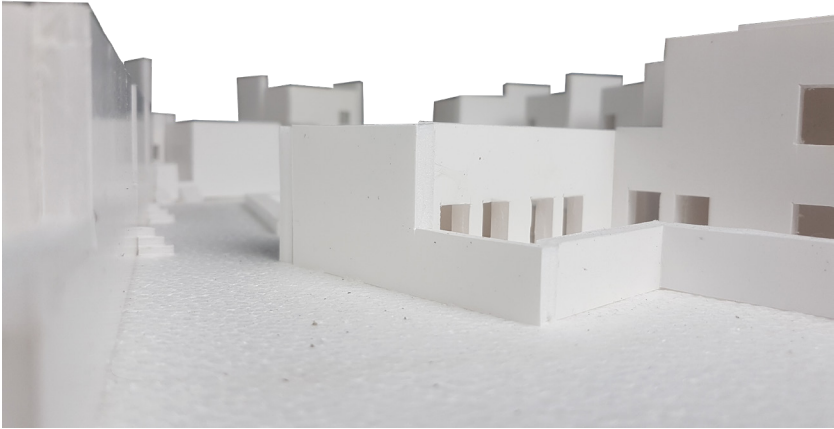


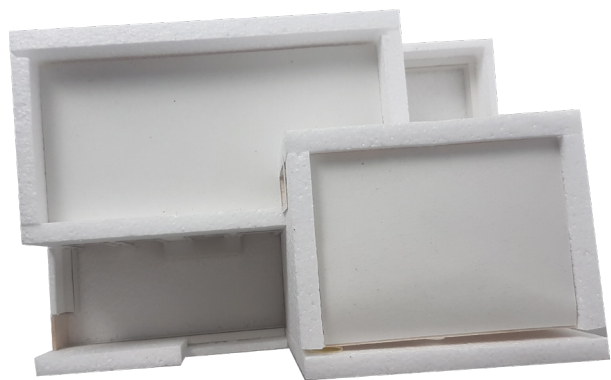


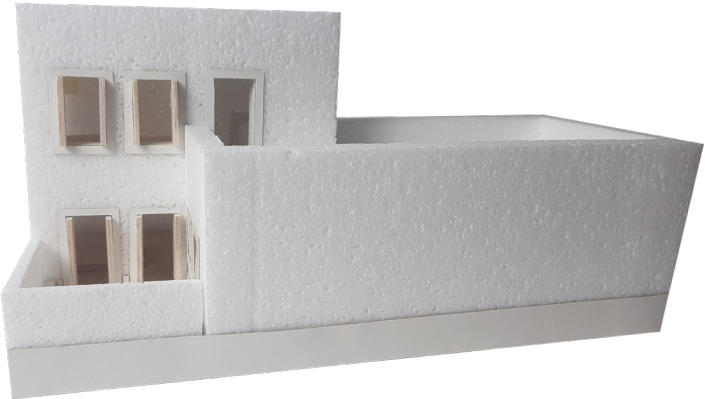


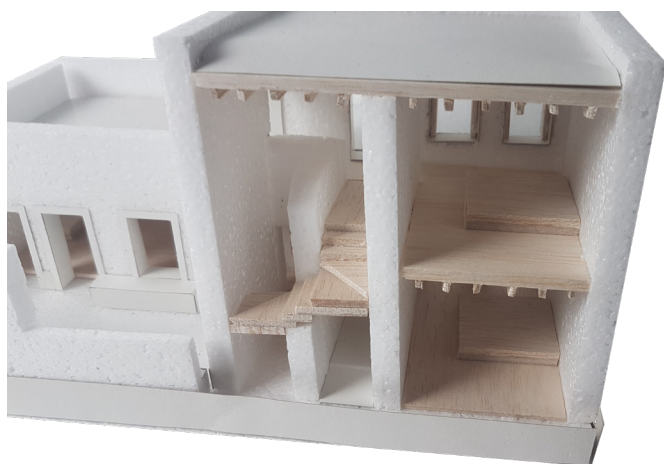
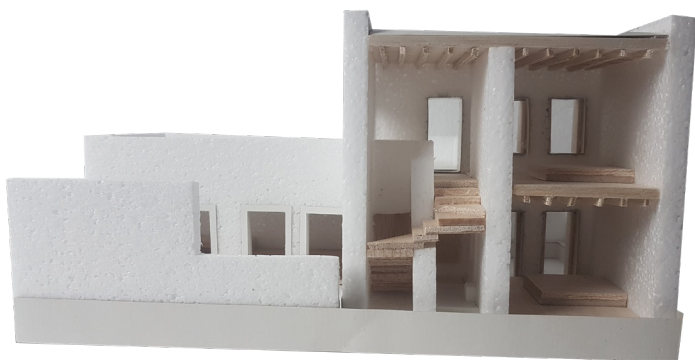














*8.8. Apresentação  
gráfica do projeto final de  
mestrado*